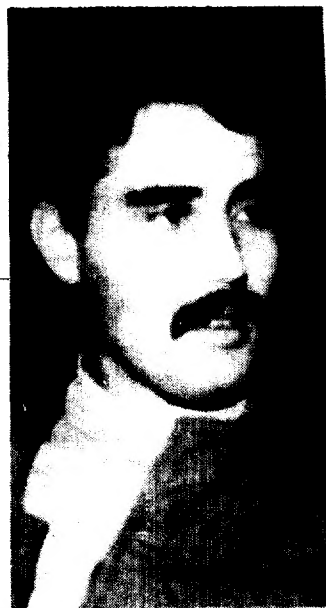


Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 923

Sexta-feira, 29 de Novembro de 1985

Preço 40\$00



No "caso
FP-25"

**Este
funcionário
é defensor
à força**

Chama-se Luís António Mesquita, tem 28 anos, trabalha, a prazo, nas relações públicas do Ministério da Justiça, está destacado no Tribunal de Monsanto e desde que o «arrependido» das FP's 25 Macedo Correia começou a falar, foi nomeado seu defensor oficial. À força. Da lei, obviamente. **Pág. 7**

"Vossa Excelência é um dos candidatos que podem enfrentar com êxito..."

João Jardim adianta meia-aposta em Soares



Uma conversa antes do jantar

Salgado Zenha inaugurou ontem a sede da sua candidatura, em Lisboa e prometeu aos seus apoiantes não estabelecer nenhum acordo nem com individualidades nem forças políticas. Entretanto, no Funchal, Mário Soares recebeu um quase-apoio de Alberto João Jardim que disse ao candidato socialista ser ele um dos candidatos «que pode enfrentar com êxito... as flagrantes ameaças à democracia e aos nossos valores culturais e políticos».

Na sede da candidatura de Zenha assistiu-se já ontem à noite ao primeiro acto público. A Comissão Directiva do PRD foi apresentar ao candidato apoio expresso do partido canista, logo a seguir ao anúncio da constituição da Comissão Política do ZAP (Zenha à Presidência), encabeçada por Henrique de Barros.

**Promessa na inauguração
da sede nacional do ZAP**

SALGADO ZENHA:
não a acordos
com forças políticas



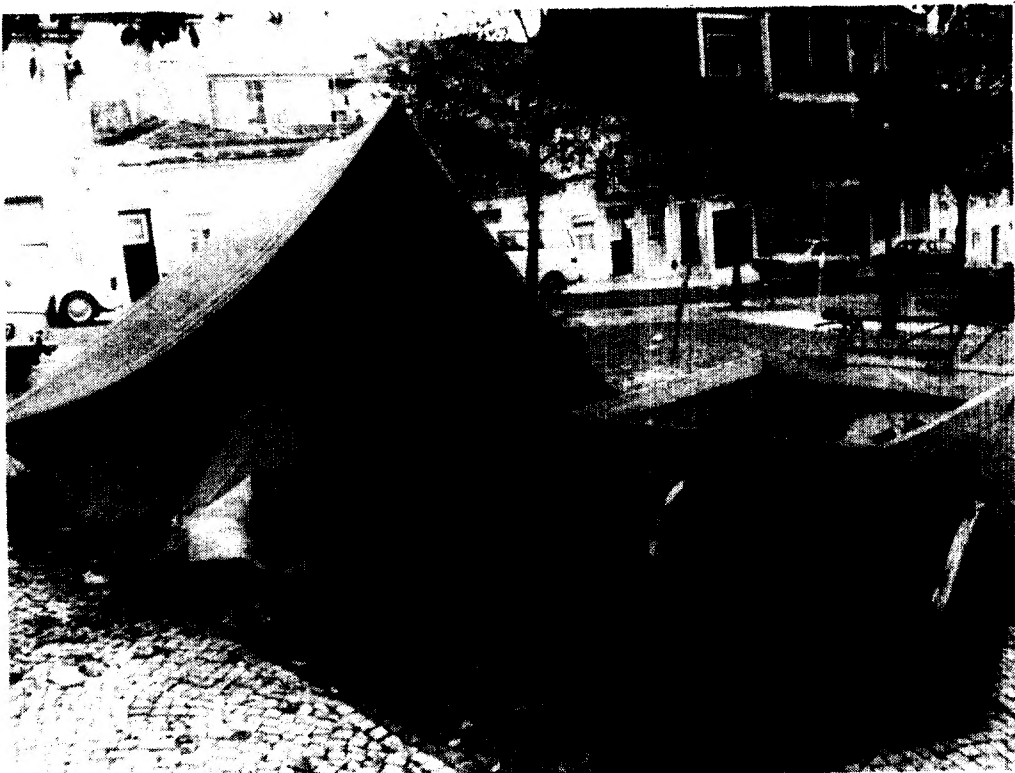
Pág. 6

Zenha foi definitivo quanto a acordos: «não»

Nova Democracia
Nova República

ZAP
ZENHA À PRESIDÊNCIA

**Macedo
Correia
explicou
em tribunal
como
assaltar
um banco** **Pág. 7**



Polícia foi hoje levantar-lhes a tenda

Era uma vez quatro pessoas acampadas no Largo da Paz

Um jovem casal com dois filhos, o mais novo dos quais uma menina de três meses a cargo de uma senhora que vende hortaliça na praça da Boa Memória, foi esta manhã intimado a deixar o Largo da Paz e a desarmar a tenda que ali instalara antes do Verão, por estar desempregado e não ter casa para onde ir. Quatro elementos da Polícia Municipal encontravam-se ali esta manhã para cumprir um despacho da Câmara e proceder ao levantamento da tenda que serve de «casa» ao casal e a um filho de dois anos — porque a menina está com uma tia do jovem pai, José Carlos Almeida, desempregado. **Pág. 10**

Economia em gráficos e diapositivos

Mestre-escola Cadilhe deu aula a jornalistas e directores-gerais

Ontem cheguei levemente atrasado à conferência de Imprensa convocada, via telex, pelo ministro das Finanças, dr. Miguel Cadilhe. Porém, quando cheguei à sala onde era suposto desenrolar-se a conferência, voltei a sair, pois julguei que me tinha enganado no local.

Porquê? É simples: na sala para onde me mandaram entrar estava um senhor jovem, de pé e ponteiro na mão, falando suavemente enquanto eram exibidos diapositivos e gráficos muito bonitos e bem feitinhos: do lado direito da sala, sentados e apurados, encontravam-se vinte directores-gerais — vinte (para ser sincero se não eram mesmo vinte eram mais ou menos vinte); junto da porta e encostados a um móvel que me pareceu ser uma estante, uma quantidade de funcionários (uns certamente superiores, outros talvez nem tanto) assistindo de lado esquerdo, aí sim, havia jornalistas que, numa primeira impressão, pensei serem os candidatos à CEE, assistindo a um curso.

Sai, portanto, perguntando a uma jovem bonita, que estava a decorrer a conferência de Imprensa do sr. ministro das Finanças.

Para surpresa minha, contudo, a menina disse-me que era ali dentro, exactamente na sala de onde acabara de sair...

Fiquei então a saber que os directores-gerais do Ministério tinham sido «convocados» pelo ministro para assistirem à lição que ele decidira dar aos jornalistas e que aquela multidão toda que enchia a sala estava lá por curiosidade, é certo, mas também porque... o ministro era novo e nestas coisas a presença fica sempre bem.

Como «serviço é serviço e

conhaque é conhaque», voltei a entrar — e em conversa sussurrada com outros colegas apercebi-me do gozo que entre todos reinava, olhando o jovem mestre-escola dando uma espantosa lição de economia.

Na verdade, quem ouviu o dr. Miguel Cadilhe, ponteiro na mão e rosto feliz por ser o centro de atenções de tanta gente, percebeu como as soluções académicas, os esquemas traçados em papeis, são extremamente fáceis...

E enquanto Miguel Cadilhe falava e os jornalistas esperavam que a campainha tocasse para dar por terminada a aula para que haviam sido surpreendentemente convocados, alguém perguntava baixinho rebolando-se de gozo: «Mas como é que os anteriores governantes não se lembraram disto antes? Afinal é tão fácil resolver os problemas da economia nacional... Um ponteiro, uns gráficos, uns diapositivos, zás catrapás pás, hélas, já está!»

Objectivos e medidas

Mas para que os leitores não fiquem sem informação quanto às mezinhas preconizadas pelo ministro — ontem só pudemos dar 25 linhas — eis o que, de fundamental, foi a sua exposição «aos srs. jornalistas, que têm um papel fundamental para levarem os agentes económicos a terem confiança».

1 — A taxa de inflação em Portugal será idêntica à dos países da CEE dentro de três anos, situando-se nessa altura a um nível de 5 por cento;

2 — As estimativas do go-

verno prevêem um aumento de preços de 14 por cento no próximo ano, de 10 por cento em 1987 e de 5 por cento em 1988;

3 — O objectivo atrás referido é difícil e arrojado, mas atingível;

4 — A desvalorização cambial como instrumento activo na manutenção da competitividade externa das exportações está esgotada. A suspensão do «crawling-peg» (eis o toque tecnocrata) pretende ser «um sinal dos agentes económicos de que finalmente existe uma viragem na política cambial portuguesa»;

5 — O governo pretende substituir a desvalorização deslizando por uma «correcta política de redução dos custos unitários de produção que permita assegurar a competitividade das empresas exportadoras»;

6 — A reconstituição de stocks e a compra de máquinas e equipamentos justificam um aumento das importações nos próximos meses;

7 — No próximo ano não haverá imposição de um tecto salarial, mas será mantida a política restritiva na concessão de créditos aos agentes económicos (talvez com maior flexibilidade);

8 — O crescimento da massa monetária será balizada pela taxa de inflação e pelo crescimento real da economia. Como se prevêem valores de 14 por cento e 4 por cento para cada uma daquelas rubricas, «esta soma determinará qual o ritmo de crescimento da massa monetária no próximo ano»;

9 — O recente aumento dos combustíveis verificou-se não porque a matéria-prima tivesse subido, mas pela necessidade de «inverter a trajectória ascendente dos défices» de diversos organismos públicos (só o Fundo de Abastecimento, disse,

tem «um passivo acumulado de 250 milhões de contos», quantia que, asseverou, quase ultrapassa o entendimento do comum dos mortais);

10 — O preço do tabaco vai aumentar no próximo ano e muito em breve sairá uma decisão sobre a actualização das rendas de casa;

11 — O Orçamento Geral do Estado para 86 prevê o desagravamento dos impostos sobre o rendimento do trabalho e do imposto complementar, mantendo-se o imposto de capitais.

Taxas de juro

Entretanto a CGTP-IN afirmou em comunicado que a difícil situação da maioria dos bancos sofrerá um agravamento se a baixa da taxa de juro não for acompanhada por outras medidas.

Para aquela central sindical, a suspensão da desvalorização do escudo e a baixa das taxas de juro decididas pelo governo «são medidas há muito defendidas pela CGTP-IN e necessárias à melhoria da situação económica e, nomeadamente, à activação do investimento».

Contudo, o comunicado critica o governo pelo recente aumento dos preços de bens e serviços de primeira necessidade, por não tomar «medidas essenciais à eliminação de gravíssimas injustiças sociais (como são o pagamento dos salários em atraso e a atribuição do subsídio de desemprego a todos os desempregados) e por não dinamizar o mercado interno através do aumento do poder de compra dos trabalhadores».

Finalmente a CGTP-IN insiste na urgência da concretização da audiência que solicitou ao Primeiro-Ministro, Cavaco Silva.

R.C.



Inês Guimarães, 13 anos, estudante

“O pior é o preço dos livros escolares”

- Em que ano está?
- Estou a fazer o 9.º ano da área de Teatro.
- Porque fez essa opção?
- Achei que dentro das áreas existentes no meu liceu esta era a que se adequava mais a mim.
- No seu estabelecimento de ensino existem condições para se ministrar uma cadeira de Teatro?
- Penso que sim, pois temos uma grande sala, sem ressonâncias, o que permite fazermos bons ensaios.
- Pensa seguir uma carreira relacionada com o teatro?
- Não, gostaria de seguir línguas, ou ainda mais concretamente jornalismo.
- O que a fascina nessa profissão?
- Julgo que é uma profissão interessante; deve ser empolgante entrevistar pessoas sobre acontecimentos actuais.
- Costuma estar informada?
- De vez em quando ou uma olhadela aos jornais.
- Qual a última notícia que lhe despertou mais a atenção?
- Foi a da candidatura do Salgado Zenha.
- Tem seguido com atenção a corrida presidencial?
- Mais ou menos, mas acho que por enquanto está tudo ainda muito confuso.
- Como ocupa os tempos livres?
- Normalmente ouço música, leio ou convivo com os amigos.
- Que tipo de música prefere?
- Costumo ouvir as canções que estão no top, mas de vez em quando também aprecio música clássica.
- E o que gosta de ler?
- Romances policiais, de aventuras ou de ficção científica.
- O que pensa do preço dos livros?
- A maior parte dão demasiado caros, mas ainda há alguns acessíveis. O pior é o preço dos livros escolares.
- Como aluna de teatro, costuma frequentar esse tipo de espectáculo?
- Vou pouco; prefiro cinema.
- Se pudesse governar o que começava por mudar?
- Em primeiro lugar tentava acabar com os salários em atraso. Depois preocupar-me-ia com as condições das escolas, pois a maior parte delas está em muito mau estado.

Cooperativa Alves Redol comemora centenário do nascimento de Aquilino

Integrado nas comemorações do centenário do nascimento de Aquilino Ribeiro, a Cooperativa Alves Redol leva a efeito, hoje, 6.ª feira dia 29 de Novembro, pelas 21.30h, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, um colóquio sobre «Aquilino Ribeiro: a Obra e o Homem», com a participação do escritor Baptista-Bastos.

Naquela data perfazem-se dezasseis anos sobre a morte de

Alves Redol, escritor que, tal como o autor de «Quando os Lobos Uivam», trabalhou pela transformação da literatura portuguesa e pela dignificação do escritor português, nomeadamente, através da constituição da Sociedade Portuguesa de Escritores.

Alves Redol, Alexandre Cabral, Carlos Oliveira, Manuel da Fonseca, José Cardoso Pires e outros escritores então jovens, souberam estabelecer com os já

consagrados Aquilino, António Sérgio, João de Barros, Ferreira de Castro a relação necessária para tornar possível a Sociedade Portuguesa de Escritores. A data em que se recorda os dezasseis anos da morte de Alves Redol está indicada para, conjuntamente, serem homenageados o grande escritor Aquilino Ribeiro e o pioneiro da renovação social do romance português. Para o autor de «A Casa Grande de Romarigães», ro-

mances como «Volfrâmio» e «Quando os Lobos Uivam» representam o desejo claro de se aproximar dos companheiros mais novos.

Não foi por acaso que o grande Aquilino escreveu um belo prefácio para o romance «Matai-vos Uns aos Outros» de Jorge Reis, um jovem escritor de Vila Franca de Xira, exilado em Paris, que, com Alves Redol, despertou para a literatura.

Conferências na Biblioteca Nacional

Comemorações do centenário de Aquilino Ribeiro

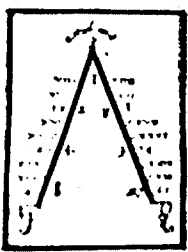
Na próxima segunda-feira, dia 2 de Dezembro, às 18 horas, prosseguem as conferências sobre a obra e a personalidade do autor de «A Casa Grande de Romarigães» que, por iniciativa

do Ministério da Cultura, tem sido proferidas no auditório da Biblioteca Nacional.

Estava programada uma conferência de João Gaspar Simões, mas por

impossibilidade do conferencista, a ordem das conferências foi alterada e este terá trocado com Fernando Piteira Santos que, em vez de falar a 16 de Dezembro, versará no dia 2 de

Dezembro o tema: «Aquilino, um republicano libertário». No dia 16 de Dezembro João Gaspar Simões fará a conferência que estava anunciada.



Arquitectura reflexa

Um colóquio

Pedro Vieira de Almeida

A irregularidade mesma destas crónicas, irregularidade de todo involuntária e de certo modo inevitável, não permite quaisquer veleidades de manter um acompanhamento a par e passo (o que em certa linguagem de uma tecnocracia pitoresca de algum tempo atrás obrigatoriamente se diria **atempada**) dos acontecimentos que exigiram uma referência, por qualidade própria, ou por falta dela.

Vem esta introdução a propósito de hoje, se fazer nesta coluna a análise ainda que sumária, de um acontecimento bem significativo, e de esta análise surgir com o atraso de um mês sobre a tal referência **atempada** que o acontecimento indiscutivelmente mereceria.

Desde já esclareço que se trata de facto de uma iniciativa a que era quase obrigatório aludir, justamente pela qualidade da proposta e pela qualidade dos contributos.

Concretamente falo do colóquio «O Imaginário da Cidade» colóquio que o Gabinete de Estudos de Simbologia sob a di-

recção de Yvette Centeno, propôs e levou a cabo nas instalações do CAM.

Não vou tentar examinar quer em termos globais quer em termos de cada um dos contributos particulares, o interesse intrínseco que o colóquio terá tido, no ponto de vista de uma certa coerência de leitura dos imaginários, numa linha mais específica do Gabinete de Estudos de Simbologia, embora não deixe de registar os evidentes saltos de qualidade entre umas e outras das comunicações, as evidentes e aliás naturais diferenças de estatuto e de exigência de rigor de cada uma delas.

O registo que deste colóquio aqui importa fazer, é o do interesse e das implicações, sobre a vertente mais especificamente arquitectónica do tema que ali se questionava.

Em todo o caso uma observação genérica a fazer, observação que de alguma maneira se articula com um ponto de vista arquitectónico e que foi patente em duas ou três comunicações, entre as várias que se relaciona-

vam com registos gráficos (gravura, desenho, pintura) é como a agilidade da leitura desses registos, surge significativamente menos desenvolvida do que a leitura de imagens em textos aparentemente por um desábito, ou pelo menos, hábito menor, de lidar com este género de informação visual.

Os níveis de decodificação, a capacidade de estabelecer paralelos, a vivacidade das implicações de sentido, apresentam na leitura de textos um grau de desembaraço que não raras vezes, tropeçou, face a exigências próprias de interpretação de um registo gráfico.

De aqui tiraria como conclusão primeira, a vantagem que parece também haver para certos trabalhos de investigação num contacto mais apertado entre as várias visões convergentes num mesmo objecto, sem que cada um nisso perca aquilo que constitui a sua característica própria, apenas desse contacto saindo aquela mais enriquecida e mais solidamente estruturada.

Sem querer sublinhar particularmente qualquer das inter-

venções, há que ressaltar no entanto a qualidade do conjunto das mesmas e o que de sugestivo e seminal aquele colóquio nos propôs a todos quantos lá foram.

Dos que lá não foram, não deixa de surpreender estarem incluídos os estudantes de arquitectura que ali tanto teriam a aprender. A sua ausência foi quase total.

Esta ausência, mais a tentativa de explicação fornecida por um dos raros presentes, ligados ao ensino, leva a entender o quanto ainda há a caminhar no sentido de uma verdadeira cultura arquitectónica, suficientemente ampla e atenta a valores que de alguma maneira ultrapassam a prática concreta de projecto, tomado este em sentido estreito.

Que docentes da escola considerem a abordagem que no colóquio se ensaiava como marginal à formação do arquitecto, é já seriamente comprometedor dessa docência, que os alunos não tenham a frescura e a capacidade de rebeldia culturais, para perante um ensino sem horizonte, nem enquadramento

introduzir os vectores ali em discussão, na sua formação prática e na sua formação teórica, é mesmo já inquietante.

De resto era sintomaticamente reduzida a colaboração prestada no colóquio por arquitectos na apresentação de comunicações, e não é possível deixar de referir como nos seus trabalhos o conceito de **imagem** e de **imaginário** surgiram empobrecidos, já confundidos com um conceito de **forma** aliás também esta entendida de maneira limitada e em versão reduzida.

Foi obviamente difícil encontrar no colóquio uma plataforma de entendimento comum, mesmo ou logo ao nível da linguagem.

Mas a própria constatação desse facto, deverá levar a uma procura de um entendimento mais alargado de um tema, que necessariamente se não esgota numa abordagem particular.

Assim o colóquio constituiu uma chamada de atenção dos arquitectos presentes para um campo de investigação e para um diálogo da arquitectura

consigo própria e com as suas dimensões escondidas, ou obliteradas por mal-entendidos pragmatismos, ou pior entendida especialização.

Muito claramente o reintroduzir a **imagem** como valor de projecto e plano, continua a ser uma tarefa de que os arquitectos ainda se não desobrigaram convenientemente.

E colóquios como este, poderão justamente constituir o desafio para que essa aquisição se faça.

Resta é claro cumprir a praxe e fazer votos em primeiro lugar para que este tipo de iniciativas do Gabinete de Estudos de Simbologia, não surja como uma tentativa isolada sem continuidade no futuro, e em segundo lugar, para que tão rapidamente quanto possível sejam publicados os textos integrais das comunicações, publicação que permita trabalhá-los com um detalhe de que a discussão em termos de diálogo aberto durante o colóquio, não terá conseguido senão lançar algumas pistas bem sugestivas, mas ainda necessariamente avulsas.

Gentes e paisagem

Monsanto na coroa de penhascos

Dias de Melo

Aí vamos a caminho do castelo. Fica-nos para trás a **casa do povo**, o **forno comunitário**, assim lhe chamam, num telheiro de paredes mal acabadas encostado a uma fraga, dia de cozedura, pessoas fora que esperam vez, escurinhas, de escuro vestidas (tanta gente vestida de escuro, nem que andem todos de luto), molinhos de lenha por ali, para trás nos fica o terreirinho em que desemboca a rua estreita que acabamos de subir por entre casas seculares, de traça antiga intocável, e fragueiros milenários, no terreirinho uma mulher tocando adufe, braços erguidos, agilidade nas mãos, duas pombas saltitando no ar, tocando e cantando, cantando e dançando, andará pelos cinquenta, talvez sessenta, e toca e canta, e canta e dança, canto monótono, dança puladinha, é preciso pernas e é preciso nervo, melhor e mais não tocava, cantava, dançava, se tivesse vinte. Para trás nos fica. Aí vamos, o castelo lá no alto, na coroa deste penhasco, borbulha da terra no coração da planície, o meu neto João apanha-se nestas larguezas, salta, corre, alegre, feliz, me faz a sua alegria, damos com um velho muito velho sentado num murinho baixo, de pedra solta, esboralhado, de guarda a uma cabra e mais uma ovelha, adiante outro velho muito velho

e uma burra, os animais pastam, não se sabe o quê, olham-nos, calados, mansos, como os de Belém olharam o Menino, os velhos muito velhos voltam-nos as costas curvadas e voltam-nos as caras encoiradas em pergaminho encarquilhado. Vou quase a arrastar-me na aridez deste calvário povoado de ruínas e povoado de penedias, cavernas nas penedias, precipícios, o meu neto João corre, espregueira os precipícios, afligeme, não vá cair, corro, após ele, a segurá-lo, o meu filho José Manuel, o pai deixe, ele não cai, e tu (que tomavas conta do menino, tomas conta de ti), falas, naquela caverna vivia uma família, não há muito tempo, depois ainda, vou descobrindo umas pedras e dando nomes, explico aos de fora, aos decá não explico, aquela pedra, reparem, é o macaco ou chimpanzé, aquela, reparem, reparem, é o Cocos da Televisão, aquela é a mulher grávida, e aquela, reparem, reparem bem... Reparo, por mais que repare não atino com as semelhanças, deito uma olhadela ao meu filho José Manuel, pela expressão que lhe vislumbro, como eu, com nenhuma semelhança atina, aí vamos, la-deando ruínas, contornando penedias, precipícios, a nossos pés os telhados aconchegadinhos de Monsanto, em baixo a



planície, paredões de serranias cercam-na ao longe, a serra da Estrela ao norte, coberta de neve, tudo verde e tudo azul, verdes da terra que vão do verde escuro ao verde claro e ao verde tenro, azuis do céu que passam do azul retinto ao azul-cinzento-branco-dourado nos confins das distâncias a confundir-se com o verde-claro-tenro da terra, verdes esmaltados de sol intenso, e a brancura da neve na serra da Estrela, paisagem que apela à imobilidade, ao silêncio, à interioridade contemplativa, não paramos de subir, o meu neto João não pára de correr, correr e saltar, é mesmo um cabritinho à solta, a subida é íngreme, muito íngreme, os atalhos difíceis, canso-me, acobardo, calo-o (se me nego a reconhecer-me velho...), não paramos, mais tarde, a descer, e

tu sempre a falar, que da história vivida e enterrada neste descampado. Não a sabes. Inventas estórias, possivelmente com uns poquinhos de História à mistura, não digo que não. Estórias de guerras e de povos, estórias destas ruínas, cubelos, fontes, capelas, sei lá que mais, já o interior do castelo desta capela de beleza impressionante e de paredes quase intactas, dos restos da cisterna entulhada. Na muralha do nascente, vens com a narrativa do cerco dos espanhóis e da vitela morta e aos espanhóis atirada, que do lugar aonde aconteceu, não é exactamente a que ouvi ao homem da **casa do povo**. Apontas povoados branquejando na planície, estes mais ao pé, dizes-lhes os nomes, não os fixo, dez, com o de cá de cima onze, tudo é Monsanto, aqueles mais arredados, lem-

bro-me de um, Penha Garcia, trazes à baila outros que se não avistam, Idanha, Monfortim, uns tantos mais, e ali, sim, ali, aquela enormíssima extensão mais verde, é a propriedade de fulano, dizes e não consegues esconder o sentimento do pobre perante a riqueza dos ricos. Apontas agora terras de Espanha, além-fronteira, aquele povoado muito alvo, vêem, Sarça la Maior, aquele Burgos (tão afastado daqui, Burgos!), fui contrabandista muitos anos (uma abertura no postigo da tua vida?), em Sarça la Maior passei muito contrabando, no contrabando apanhei o mal que tenho (abertura ou tentativa calculada para nos comover a levar à caridade banal da esmola?), levantas a bainha das calças, mostras mazelas, os tomazelos inchadíssimos, vou todos os meses ao

hospital, a Castelo Branco... Começamos a descer, o meu neto João salta, corre, o meu neto João vejo, com ternura, o retrato do que era quando tinha a idade dele, de novo passamos pelos velhos muito velhos de guarda à burrinha e de guarda à ovelha e mais à cabra, aproximando-nos da mulher no terreirinho tocando adufe, tocando e dançando, dançando e cantando, frenética, chegas-te mais, tocas-me no ombro, murmuras baixinho, como se receies que as pedras tenham ouvidos:

— É para lhe darem dinheiro. Por mim, não lhe dava um tostão. Ela e o marido metem em casa, todos os meses, nove mil escudos.

— Vivem só disso?

— E não chega? Nove mil escudos! Uma fortuna!

A ti, fico sem saber que te dar quando te pergunto e tu te negas a dizer quanto te devemos pela companhia e pelas estórias que nos impingiste, que a ficção também tem o seu preço.

— Os fregueses dão o que querem dar.

Consulto com os olhos os olhos do meu filho José Manuel que encolhe os ombros. Dou-te o que me parece que chega. Não sei é se o que me parece que chega, a ti te parece que te paga. Entrincheiras-te no teu mundo, por trás da couraça do teu rosto duro e impenetrável como estes rochedos.

É membro do Conselho Nacional do MDP

Pintasilgo foi ao Porto anunciar mandatário distrital

O médico pediatra Virgílio Moreira foi ontem escolhido pela candidata presidencial Maria de Lourdes Pintasilgo como mandatário para o distrito do Porto — disse à Anop fonte dos serviços de candidatura da ex-Primeira-Ministra.

Virgílio Moreira, de 60 anos, é membro do Conselho Nacional do MDP/CDE e presidente da Direcção do Núcleo da Associação de Amizade Portuguesa-RDA.

Escritor de livros sobre a infância, ex-presidente da Ordem dos Médicos do Porto, Virgílio Moreira, deputado municipal no Porto pela APU, participou nas candidaturas presidenciais de Norton de Matos e de Humberto Delgado.

Contactado pela Anop, Virgílio Moreira disse que «tem a certeza de que a proposta e actualização de Lourdes Pintasilgo terão como finalidade última a defesa dos valores do 25 de Abril».

«Quando a candidata intervém, ensina e aprende, respeita-se e respeita os outros», disse Virgílio Moreira, acrescentando que o seu diálogo «tem o sentido profundo da construção do futuro e da libertação».

O mandatário distrital português de Pintasilgo referiu que «sente que é tudo isto que o

povo português exige da candidata e traduz as suas necessidades mais profundas e repetidamente afirmadas».

Reacção a declarações de Martinho

O Gabinete de Imprensa da candidatura de Maria de Lourdes Pintasilgo à Presidência da República criticou aquilo que classifica de «atitude deselegante» do líder do PRD, Hermínio Martinho, assumida recentemente durante um almoço promovido pelo American Club.

«Repudiam-se frontalmente, por democraticamente inaceitáveis, quaisquer críticas de natureza pessoal, sobre as qualidades de Maria de Lourdes Pintasilgo, do tipo das efectuadas por Hermínio Martinho, com a agravante de terem sido proferidas perante cidadãos estrangeiros e na ausência da pessoa visada» — acrescenta.

Sublinha que «a atitude do mais alto responsável do PRD,

além de deselegante, contrasta gritantemente com os alegados propósitos de uma nova ética e de uma nova prática política constantemente anunciadas pelo PRD».

Hermínio Martinho durante o almoço, recorde-se, referindo-se a Maria de Lourdes Pintasilgo disse que embora reconhecendo à candidata à Presidência da República «capacidade para captar simpatias» não lhe parecia que tivesse o perfil ideal para desempenhar o cargo de Chefe de Estado.

Em Montalegre

A candidata presidencial Maria de Lourdes Pintasilgo visitou ontem a Cooperativa de Montalegre, onde foi recebida por cerca de cem agricultores e pelo respectivo presidente.

O presidente da cooperativa agradeceu a Lourdes Pintasilgo a implementação, quando foi Primeira-Ministra, de medidas favoráveis à agricultura e ao desbloqueamento de um subsídio destinado à cooperativa.

A candidata dialogou com um grupo de professores da escola secundária local, tendo estes realçado a importância das medidas do Governo que ela chefiou no âmbito dos transportes escolares rurais.

Maria de Lourdes Pintasilgo, que foi acolhida pela população de Montalegre, visita hoje o distrito de Vila Real.

PRD diz que não houve deselegância

As afirmações de Hermínio Martinho sobre a candidata Maria de Lourdes Pintasilgo num almoço do American Club «não podem ser consideradas minimamente deselegantes», disse um informador do PRD.

Esta posição pretende responder ao Gabinete de Imprensa da candidatura de Maria de Lourdes Pintasilgo que classificou de «atitude deselegante» a afirmação de Hermínio Martinho de que não lhe parecia ter a candidata o perfil ideal para o cargo de Presidente da República.

Segundo fonte do Gabinete de Imprensa do PRD, esta posição «não pode ser considerada deselegante». «O PRD considera que o dr. Salgado Zenha é a personalidade que tem perfil para ser apoiada pelo partido e, pelo contrário, o que pode ser deselegante é um candidato considerar deselegante a opinião de Hermínio Martinho, formulada no respeito pela vida política, e decorrente da escolha feita pelo PRD».

Um candidato da classe operária

MRPP quer ganhar as eleições para a Presidência da República

Luís Carlos Franco foi ontem apresentado pelo PCTP-MRPP como o único candidato à Presidência da República que «serve a classe operária», em conferência de Imprensa realizada na sede daquele partido.

O candidato, membro do Comité Central do PCTP-MRPP, é operário e membro da Comissão de Trabalhadores do Metropolitano de Lisboa. António Garcia Pereira, também membro do comité central, explicou a apresentação desta nova candidatura pelo facto de a «democracia parlamentar burguesa já ter falido», e por não serem possíveis, como em 1976 e 1980, «situações de compromisso». «Desde então, as leis da luta de classes impuseram um extremar de campos entre a classe operária e a burguesia, a revolução e a contra-revolução» — disse.

«A classe operária tem de falar pela sua própria boca e de preparar aceleradamente as condições para uma acção vitoriosa num novo auge revolucionário, que é inevitável» — sublinhou.

Assim, a candidatura de Luís Carlos Franco servirá para «tirar a máscara às candidaturas presidenciais burguesas e para desmascarar os objectivos prosseguidos pela classe dominante nestas eleições» — afirmou Garcia Pereira.

Da Força Aérea sai mais um candidato a Belém

Um tenente-coronel da Força Aérea, Alberto Martins Fonseca, vai apresentar a sua candidatura à Presidência da República, revelou à Anop um dos seus apoiantes.

A mesma fonte acrescentou que o tenente-coronel Martins Fonseca, de 44 anos, aceitou o pedido feito por um grupo de estudantes universitários no sentido de apresentar a sua candidatura. António Farinha, que poderá ser designado mandatário nacional, disse à Anop que está a ser criada uma comissão de apoio e que o anúncio da candidatura será feito na próxima semana.

Martins Fonseca esteve nos últimos dois anos destacado no serviço de estrangeiros do Ministério da Administração Interna, em Angra do Heroísmo.



Em conferência de Imprensa Angelo Veloso defende candidatura única da democracia

O candidato presidencial do PCP, Angelo Veloso, defendeu ontem no Porto o consenso e a convergência em torno de um candidato único da democracia.

«É uma exigência imperiosa para todos os democratas» — acrescentou Veloso, para dizer que «ao egoísmo de projectos pessoais, de grupo ou de partido, os democratas têm de saber sobrepor, com determinação, os interesses do povo e da democracia portuguesa».

Veloso referiu ainda, na conferência de Imprensa em que participou, que, «pondo de parte posições cristalizadas e

reflectindo serenamente sobre os superiores interesses de Portugal de Abril, os democratas encontrarão seguramente os caminhos sólidos da aproximação e da convergência de apoios e votos num único candidato».

«A vitória de um candidato da democracia, na linha da estabilidade democrática dos últimos mandatos, exige a convergência de apoios e votos de forças e correntes políticas e sociais, da própria dinâmica popular para que a esse candidato se dirijam cerca de três milhões de votos», salientou Veloso.

Prossegue visita a Cabo Verde

Eanes recebido esta tarde na Praia pela Assembleia Nacional Popular

O presidente Ramalho Eanes prossegue hoje a sua visita a Cabo Verde, devendo chegar ao princípio da tarde à Cidade da Praia, ilha de Santiago, onde será aguardado pelo primeiro-ministro cabo-verdiano, Pedro Pires.

O programa desta manhã do general Eanes incluiu uma visita aos estaleiros navais e à escola de formação náutica da cidade do Mindelo, ilha de S. Vicente, onde quarta-feira iniciou a sua estada em Cabo Verde.

Na Praia, capital de Cabo Verde, o presidente português participará numa sessão extraordinária na Assembleia Nacional Popular, que pela primeira vez reúne para receber um visitante estrangeiro.

Antes, Ramalho Eanes terá um encontro com a comunidade portuguesa residente na Praia, nas instalações da Embaixada de Portugal em Cabo Verde.

Para amanhã, o programa da visita de Eanes a Cabo Verde prevê uma audiência com o primeiro-ministro cabo-verdiano, Pedro Pires, a inauguração de uma exposição no Centro Cultural da Embaixada de Portugal e uma recepção oficial também na Embaixada de Portugal.

Ramalho Eanes regressa a



Lisboa no domingo.

O Presidente da República, considerou muito importante o contacto com as autoridades cabo-verdianas «devido ao prestígio internacional de que disfrutam».

Ramalho Eanes, falava durante uma recepção que ofereceu à comunidade portuguesa no Mindelo, ilha de São Vicente, em que foi acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda.

«Esta visita tem também por objectivo a satisfação de uma das prioridades da política ex-

terna portuguesa, que é intensificar as relações com os países africanos de expressão oficial portuguesa», declarou Ramalho Eanes.

O Presidente da República salientou também o papel dos cooperantes portugueses no estrangeiro, nomeadamente em Cabo Verde, sublinhando que «cada português no estrangeiro é um homem que trabalha e simultaneamente representa o seu país».

Declarou ainda que a «entrada de Portugal na CEE não vai diminuir a vertente africana da política externa portuguesa».

Também para Pires de Miranda manifestou o apreço do executivo a que pertence pela «obra e trabalho dos cooperantes portugueses», salientando que «as relações entre Portugal e Cabo Verde são exemplares».

Durante um encontro que manteve posteriormente com os jornalistas o Presidente da República reconheceu que se assiste, na Guiné-Bissau e em Cabo Verde, a uma «ofensiva dura da França» no plano cultural.

Todavia, «Portugal está muito melhor colocado que qualquer outro país neste domínio» — referiu.

Existem alguns problemas, mas são apenas pessoais, nomeadamente em termos de alojamento para os cooperantes — disse o ministro português dos Negócios Estrangeiros.

Paralelamente, Manuela Eanes visitou o Centro de Artesanato do Mindelo, um jardim infantil e o hospital local.

Críticas à política económica do Governo e aprovação do regulamento dos 'europeus'

Uma dura crítica de António Guterres (PS) à política económica do Governo e a aprovação do estatuto e regulamento da eleição dos deputados portugueses ao Parlamento Europeu, dominaram a sessão de ontem da Assembleia da República.

Utilizando o tempo previamente atribuído a Raúl Junqueiro — que só para a semana fará a sua intervenção, centrada na problemática das novas tecnologias na Comunicação — António Guterres desferiu duro ataque às recentes medidas do Governo de Cavaco Silva, retomando em grande parte os argumentos utilizados na conferência de Imprensa que deu ao começo da tarde e acusando o Governo de «preparar artificialmente um período curto de falsa prosperidade no primeiro semestre de 1986, com o objectivo de precipitar uma nova crise e realizar novas eleições».

António Guterres sublinharia que o executivo pretende com estas medidas «concentrar ainda em 1985 todas as medidas impopulares e agravar a taxa de inflação deste ano, que se tentará atribuir à gestão do Governo anterior». Para o deputado socialista, «a única coisa que poderá explicar um aumento de gasolina tão absurdo como este será a intenção de a fazer baixar logo de seguida».

Finalmente, Guterres defendeu a criação de um «novo e eficaz conjunto de incentivos ao investimento produtivo, substituindo o actual sistema, o absurdo burocrático SIII, criado em 1980 por Cavaco Silva e Miguel Cadilhe».

A intervenção de Guterres ficou sem resposta do PSD, tendo apenas um deputado desta bancada, Costa Andrade, feito um breve comentário, mas ressaltando a sua qualidade de leigo em questões económicas.

Recordar Pessoa

Antes da ordem do dia, Maria da Glória Padrão (PRD) recordou que é já no próximo domingo que passa meio século sobre a morte do poeta Fernando Pessoa:

«Quero lembrá-lo, neste momento, porque ele é um embaixador maior da língua portuguesa e porque sei que

todos temos consciência clara de que falamos não só uma língua, mas também uma das quatro ou cinco maiores línguas do mundo actual», sublinhou aquela deputada.

Ainda no período de antes da ordem do dia, Manuel Moreira, deputado do PSD pelo Porto, abordou a situação e perspectivas da cidade e do concelho onde reside, enquanto Custódio Gingão (PCP) interveio para apontar irregularidades na entrega de reservas na zona da Reforma Agrária.

Magalhães Mota (PRD) forneceu informações acerca da última reunião do comité misto Assembleia-Parlamento da CEE, na sequência do que João Corregedor (MDP), Joaquim Miranda (PCP), Raúl Brito (PS), Rui Almeida Mendes (PSD) e Soares Cruz (CDS) proferiram igualmente intervenções.

Eleição dos «europeus»

Assunto do dia, foi a conclusão do debate na generalidade dos projectos de lei do PS-PSD-CDS, por um lado, e do PRD, por outro, acerca do estatuto e regime de eleição dos 24 deputados ao Parlamento Europeu.

Foram aprovados os projectos sobre estas matérias apresentados pelo PS/PSD/CDS, com votos favoráveis dos proponentes e abstenções do PRD, PCP e MDP.

O diploma vai agora ser apreciado durante cinco dias pela respectiva comissão parlamentar, devendo depois regressar ao plenário para aprovação final global na especialidade.

Quanto ao projecto do PRD (que incluiu num único diploma o regime de eleição e o estatuto) foi rejeitado, com votos contra dos subscritores do outro projecto, e os votos favoráveis do PRD, PCP e MDP.

Entretanto, o PCP apresentou no Parlamento um projecto de lei de alterações do Regimento da Assembleia, o qual pretende institucionalizar uma nova forma de fiscalização do Governo pela Assembleia: «Os

pedidos de esclarecimento a membros do Governo».

Esta nova figura preconizada pelos comunistas, já existente em alguns parlamentos estrangeiros, não se confunde com as «interpeleções» ao Governo, já que é menos formal, nem com

as sessões de perguntas ao executivo, porque incide num único membro do Governo.

Esta figura «sublinha mais fortemente o dever de esclarecimento que incide sobre os responsáveis governamentais e pode exercer-se ao ritmo e se-

gundo a importância dos próprios factos que exijam o esclarecimento».

Além disso, no seu projecto de revisão do Regimento os comunistas querem ainda «dar real conteúdo ao direito dos grupos parlamentares a serem informa-

dos pelo Governo sobre o andamento dos assuntos públicos».

O plenário da Assembleia não se reúne hoje, contra o que é costume: o dia é reservado a reuniões das comissões parlamentares.

99 500\$ P.V.P. **VALE 5 000\$**

VIDEO

- Sistema VHS
- Gravação pré-programável em dia e hora
- Sintonia electrónica nos 8 canais
- Também disponível o modelo com comando à distância a preço especial

69 350\$ P.V.P. **VALE 5 000\$**

TELEVISOR A CORES

- Écran de 51 cm
- Seleção de canais pré-programável
- Antena telescópica incorporada
- Modelo exclusivo

52 750\$ P.V.P. **VALE 5 000\$**

MÁQUINA DE SECAR ROUPA S413

- Secagem por circulação de ar quente e frio
- Capacidade de 4 kg de roupa
- Tempo de secagem de 15 m a 110 m
- Possibilidade de ampliação do tempo de secagem a 20 m
- Não necessita de instalação especial ou esgoto
- Económica e silenciosa

47 990\$ P.V.P. **VALE 4 800\$**

MÁQUINA DE COSTURA 7174

- Zigue-zague com 5 pontos incorporados
- Caseador de 4 fases
- Motor e luz incorporados
- Também disponível o modelo 7108 que trabalha com discos, a preço especial
- * Inclui móvel modelo 200

62 950\$ P.V.P. **VALE 4 000\$**

AUDIO VIP 1000

- Giradiscos semi-automático
- Gravador/leitor de cassettes duplo com possibilidade de gravação de cassette para cassette em 2 velocidades
- Potência de saída: 12W por canal e 10% THD (4 Ohms)

STOCK LIMITADO VENDAS A PRESTAÇÕES

A GORA, em muitos produtos Singer, ganhe o «VALE-MAIS» da Singer. Compre Singer. E ganhe um vale de até 10% sobre o valor da compra que V. efectuou. Aproveite já o que vale! O «VALE-MAIS» da Singer é válido na compra de qualquer produto da vasta gama Singer. Singer «VALE-MAIS» para si.

SINGER

* Uma marca registada da THE SINGER COMPANY

Freitas em Convenção

A candidatura presidencial de Freitas do Amaral tem hoje em Lisboa, a sua Convenção Nacional que os organizadores prevêem reúna mais de mil apoiantes, entre independentes e militantes do PSD e do CDS.

A Convenção reunirá membros das comissões distritais e concelhias de apoio à candidatura de Freitas do Amaral.

Os trabalhos iniciaram-se com uma reunião de trabalho do candidato e da direcção da sua campanha com as estruturas distritais usando da palavra, Proença de Carvalho (director político), Dias Loureiro (secretário-geral do PSD) e José Ribeiro e Castro (director executivo).

Os trabalhos encerram ao fim da tarde com um discurso do candidato Freitas do Amaral que confraternizará à noite, comos participantes na Convenção durante uma festa-espectáculo com artistas.

Não aceito acordos com quaisquer forças políticas

«A minha candidatura não aceita compromissos ou acordos com quaisquer forças políticas ou personalidades individualmente consideradas». A afirmação é de Francisco Salgado Zenha e foi proferida ontem à noite, durante a cerimónia de inauguração da sede dos seus serviços de candidatura, que ficaram instalados na Rua da Misericórdia, no mesmo andar onde já esteve a sede do PRD.

Zenha, que estava acompanhado pela sua mulher e pelo seu mandatário nacional, Henrique de Barros, recordou a numerosa assistência que encheu as salas do ZAP (Zenha à Presidência) que a independência no exercício do cargo de Presidente é um dos valores enunciado desde o princípio da candidatura. A independência tanto política como partidária «repousa na concepção que sempre tenho defendido do cargo e das funções de Presidente da República e, por outro, implica que a minha candidatura não aceite compromissos ou acordos com quaisquer forças políticas ou personalidades individualmente consideradas».

«Só desse modo», continuou Zenha, «poderá o Presidente da República cumprir aquela que julgo dever ser, nas presentes circunstâncias, a sua missão fundamental: procurar criar o maior consenso nacional possível quanto ao funcionamento da democracia».

Antes, e depois de definir a

sede ontem inaugurada como «um espaço de debate e sedimentação de ideias e de planeamento do trabalho e da acção necessários à consecução do objectivo cívico e político que me proponho», Zenha voltou a enunciar os valores fundamentais do seu programa, «nova República, nova democracia».

Eles são, para além da independência, a «lealdade democrática», o respeito pela Constituição e pelo sufrágio popular.

Segundo o candidato, «respeitarei integralmente o conjunto de poderes que a revisão definiu como modeladores do cargo e das funções do Presidente da República e só agirei na observância de cada um e no exercício integral de todos eles».

Zenha não vai colocar «como pressuposto do seu programa de candidatura um qualquer projecto de revisão constitucional», uma vez que o Presidente nela não intervém com poderes de decisão.



Zenha e Henrique de Barros: «personalidade deveras cativante»

«Chamo a atenção», precisou «para o risco de conflitos com que se poderá confrontar o Presidente eleito se acaso não se vier a concretizar o pressuposto em que porventura se houvesse fundado o seu programa de candidatura».

Sobre as promessas de mudanças dos candidatos, Zenha acentuou que, «por mim, não me presto a iludir os portugueses, propondo ou prometendo o que não esteja ao alcance dos meus poderes e das minhas competências realizar, se, como espero, for eleito Presidente da

República».

Henrique de Barros que falou antes do seu mandante, elogiou a personalidade de Zenha, que qualificou como possuidor de uma personalidade deveras cativante, sendo também um corajoso resistente antifascista.

Ele tem, acrescentou, «as capacidades requeridas para levar a cabo uma boa campanha e desempenhar as altas funções a que se candidata».

«Sou um homem doutros tempos» disse ainda o prof. Henrique de Barros para considerar válida a dicotomia

direita/esquerda. E para acrescentar depois: «O adversário principal de Zenha, o que ele vai derrotar nas urnas em Janeiro próximo, será o candidato conservador».

«E a bandeira que ele vai desfaldar é a bandeira da união de todas as forças democráticas», concluiu.

Ontem à noite, logo a seguir à inauguração, Salgado Zenha recebeu na Rua da Misericórdia toda a Comissão Directiva do PRD, encabeçada por Hermínio Martinho, que lhe foi manifestar o apoio do partido eanista, decidido na reunião do Conselho

Nacional do passado fim-de-semana.

Antes, fora revelada a composição da Comissão Política da candidatura de Zenha, que inclui já os três representantes indicados pelo PRD. São eles Marques Júnior, Roberto Amaral e Medeiros Ferreira.

Além destes integram o mesmo órgão os ex-militantes socialistas Soares Louro (auto-suspenso da Comissão Nacional e do PS), Teresa Ambrósio (demitiu-se da Comissão Nacional e suspendeu-se do PS), António Arnaut (demitiu-se do PS) e Aquilino Ribeiro Machado... Os conselheiros de Estado Melo Antunes, Jorge Figueiredo Dias e Miguel Galvão Teles têm também assento na Comissão Política de Zenha.

Os outros nomes: David Mourão Ferreira, Rui Guimarães, Joaquim Letria, José da Silva Lopes, Mário Mesquita, Manuela Morgado, José Santos Pais e Manuel Coelho dos Santos.

Entretanto, os serviços de candidatura de Zenha anunciaram que o prof. dr. Ferrer Correia, da Faculdade de Direito de Coimbra apoiou formalmente a candidatura de Zenha, sendo provável que venha a integrar a respectiva Comissão de Honra, cuja constituição tal como da Comissão Nacional, será divulgada brevemente.

Jardim quase apoia candidatura à Presidência

Soares recebido no Funchal

«V. Ex.ª é um dos candidatos que podem enfrentar com êxito, mais uma vez, as flagrantes ameaças à democracia e aos nossos valores culturais e políticos». Foi isto que Alberto João Jardim disse ontem dirigindo-se a Mário Soares, durante o polémico jantar que ofereceu ao ex-Primeiro-Ministro no Palácio do Governo do Funchal.

«Se numa segunda volta das eleições presidenciais tiver derrotado qualquer dos candidatos que ameaçam a democracia de modelo europeu e ocidental, bem como ameaçam, em consequência, a estabilidade e o desenvolvimento do País, V. Ex.ª terá prestado um grande serviço histórico», disse ainda o presidente do Governo Regional da Madeira.

Numa iniciativa que segundo o «DL» apurou, será repetida por Mota Amaral quando Soares se deslocar aos Açores, Jardim insistiu em receber oficialmente o candidato Mário Soares, apesar dos protestos do CDS e, mesmo, da desconfiança do seu partido que como se sabe apoia a candidatura de Freitas do Amaral.

No discurso que proferiu durante o jantar, Jardim disse ainda a Soares que «o seu combate pelo regime democrático permite que, hoje em Portugal, entre cidadãos de ideologia diversa, possam praticar-se as regras civilizadas do diálogo, do convívio, da hospitalidade. Permite, principalmente, que em horas gravíssimas para o Estado português e para o regime democrático como são as actuais, possamos reflectir em conjunto sobre os melhores caminhos para defesa do País e das liberdades».

A reflexão de Alberto João Jardim: «Os portugueses terão de rejeitar a ameaça de um frentismo inspirado pela estratégia totalitária do Partido Comunista, a qual sabe explorar



Uma meia-aposta, com a Madeira em pano de fundo

muito bem as ambições peronistas dos grandes responsáveis pelo impasse e bloqueio a que chegou o sistema político português.

«O peronismo português», acrescentou, «constitui uma retrógrada manifestação de subdesenvolvimento político e cultural que é contrário e procurará contrariar o espírito de-

democrático, ocidental e civilista da Europa na qual nos vamos integrar».

Para Jardim, este peronismo, «está a servir de caminho ideal para os objectivos do Partido Comunista, o qual, pela via do frentismo, pretende voltar à área do poder e reeditar catastróficamente o 11 de Março».

Por isso e reconhecendo que «não interessa reviver questões passadas», o líder social-democrata da Madeira denunciou a «perigosa estratégia» do frentismo que em 80 «ganhou as presidenciais e, com o apoio dos comunistas, obstruiu até hoje o normal funcionamento das instituições democráticas portuguesas».

Nas declarações que proferiu na Madeira, onde foi «sondar» as possibilidades da sua candidatura, Soares afinou pelo mesmo tom de Jardim. Principalmente, denunciando o «frentismo»: Zenha é apoiado por aqueles que em 1975 combateu; a «máquina partidária organizada que apoia Salgado Zenha é de facto o Partido Comunista Português»; os «apoios do PCP não são dados gratuitamente e fazem parte de uma estratégia que é internacional».

Porta-voz

Em Lisboa, o porta-voz de Mário Soares considerou que a presença de Zenha e Freitas do Amaral na segunda volta das presidenciais constituiria «o extremo da bipolarização e do confronto, cenário que não interessa à esquerda democrática e ao País em geral».

Disse ainda, de Ângelo Veloso, que ele tem como objectivo «estancar a hemorragia de apoios conquistados por Maria de Lourdes Pintasilgo junto do PCP».

Juiz-Presidente toma posição

Defensores oficiosos de novo na berra

Adelino Salvado, juiz-presidente do caso FP's 25 a ser julgado no Tribunal de Monsanto, resolveu recorrer à relação dos advogados e, seguindo a ordem alfabética, nomeou ontem seis causídicos para defenderem oficiosamente os quatro réus arrependidos e mais dois que, embora não «arrependidos» estão neste momento sem ter quem os defenda.

Esta atitude do juiz-presidente surge na sequência da falta de resposta a vários ofícios enviados à Ordem dos Advogados para que esta nomeasse membros seus para a defesa oficiosa de tais réus.

Como é do domínio público os Advogados dos «arrependidos» renunciaram à defesa dos seus clientes quando verificaram que estes tinham passado a colaborar com a Polícia. Nos bastidores do Tribunal é voz corrente que os advogados tomaram esta decisão fundamentalmente por dois motivos: por um lado, é vexatório defender, num processo com as características deste, réus considerados «traidores»; por outro, continuar na defesa nestas circunstâncias arrastava graves riscos quanto à segurança pessoal.

Contudo, de acordo com a lei nos processos criminais é obrigatório que todos os réus tenham defensores — e daí a figura do defensor oficioso para os casos em que os réus não tenham, pelos motivos mais variados, quem os defenda.

Ora, acontece que até agora não foi possível encontrar qualquer advogado que se prestasse à defesa oficiosa do réu Macedo Correia, o principal «arrependido» do processo FP's 25 — o que levou o juiz Adelino Salvado, para poder prosseguir o julgamento, a nomear defensor oficioso um funcionário do próprio Tribunal, o qual nada percebe de leis e se limita a fazer

figura de corpo-presente (como relatamos noutro local em pormenor).

A questão das «oficiosas» (designação corrente na gíria dos advogados) é, de resto, uma questão quente entre a classe e que muito tem a ver com o modo como a justiça é exercida em Portugal. Não sendo uma questão pacífica entre os advogados — as opiniões e os interesses dividem-se — ela vai ser, no entanto, sem sombra de dúvida, uma das questões mais quentes a debater no II Congresso dos Advogados Portugueses (o primeiro realizou-se em 1972) a efectuar em Dezembro pró-

ximo. Um acontecimento que terá indubitavelmente largas repercussões na vida jurídica do País.

Mas voltando às nomeações do juiz Adelino Salvado: como ontem revelou no início da sessão, os seis advogados que, em princípio, terão que se apresentar na segunda-feira no Tribunal de Monsanto para defenderem oficiosamente os réus «arrependidos» mais outros dois são os seguintes: Henrique Abecassis, José de Abrantes, Alberto Baptista de Abreu, Álvaro Nobre de Abreu, António Aires de Abreu e Duarte Jorge de Abreu...

...O diabo, porém, é que tudo indica que a situação vai conhecer novos desenvolvimentos e é mesmo muito possível que estes advogados venham a pedir escusa invocando motivos ponderosos. E há até já quem lembre que em Itália, no processo das Brigadas Vermelhas, o que aca-

bou por acontecer com os «arrependidos»... quem acabou por ter de assumir a sua defesa foi o Bastonário da Ordem!

Problema novo

E por falar em bastonário: ontem à tarde, ainda sem termos conhecimento da decisão do juiz-presidente, entrámos em contacto com o bastonário da Ordem dos Advogados, António Osório de Castro.

Começando por não querer prestar declarações, Osório de Castro acabou por dizer ao «DL» que a única coisa que podia adiantar era que «o problema estava a ser estudado», uma vez que apenas no dia 26 tinha sido recebido na Ordem um ofício do juiz Adelino Salvado.

Ainda de acordo com o Bastonário, «o Conselho Geral da Ordem em breve tomará posição pública sobre esta questão dos defensores oficiosos no caso FP's». Quanto ao significado real do «em breve», Osório de Castro refugiou-se num «logo que possível», adiantando contudo que «o problema era novo, nunca surgiu antes, deve ser pois ponderado com todo o cuidado».

Por outro lado, o Bastonário confirmou que vários advogados anteriormente nomeados haviam pedido escusa — «É um direito que lhes assiste» — invocando razões que iam desde a doença até ao facto de estarem a trabalhar em «full-time» em várias empresas, passando pelo caso de uma advogada que estava para ter bebé. Ao que sabemos há igualmente casos de advogados que pediram a suspensão temporária da sua inscrição na Ordem para assim evitarem a «oficiosa».

Canja e outros que não me lembram...

O «arrependido» revelou ainda alguns pormenores grotescos sobre o modo como o comando responsável pelo assalto da Trofa conseguiu reunir o equipamento necessário para que um dos participantes, Zé Lela, pudesse envergar uma farda da PSP. «O boné, por exemplo, foi comprado a um técnico antipoluição (leia-se varredor) de Lisboa e depois colocou-se o emblema», disse. Macedo Correia adiantou que depois deste assalto os elementos da ECA/FP-25 exigiram que a componente «Quartéis» do Projecto Global arranjassem uniformes tanto das Forças Armadas, como das Forças militarizadas, o que se veio a concretizar. Aliás, segundo o «arrependido», a organização nunca teve falta de uniformes militares.

Bastonário, meu doutor!

O diálogo com o Bastonário da Ordem dos Advogados revestiu-se de alguns aspectos que não podem passar em claro, pelo significado ridículo de que se revestem.

A certa altura Osório de Castro perguntou:

«O sr. jornalista é colega?» (subentenda-se meu colega)

«Não. Porquê?»

«Porque os meus colegas tratam-me por doutor»

«Mas se o senhor quer também o posso tratar mesmo por doutor...»

«Pois...»

«Mas já agora passo a informar o sr. dr.: embora não sendo colega do sr. dr. no que ao curso de Direito respeita, sou colega do sr. dr. em título universitário, via Faculdade de Letras... Apenas um pequeno pormenor para informação do sr. dr. quanto ao tratamento a ter com este sr. jornalista...»

(De referir que no diálogo mantido com o bastonário se nem sempre o tratei por doutor, o que é manifestamente secundário, a ele me dirigi com a naturalidade e o respeito que qualquer cidadão me merece. Mas esta mania dos doutores...)

Ribeiro Cardoso

Macedo Correia revela em Monsanto o «ABC» dos assaltos a bancos

O juiz-presidente do julgamento do «caso FP» começou ontem a interrogar Macedo Correia sobre as várias acções violentas atribuídas às FP-25 de Abril, tendo este já descrito um atentado à bomba e três assaltos. No início da 32.ª sessão do julgamento de Monsanto, Adelino Salvado reafirmou que não são acções concretas da organização, o objecto do julgamento, uma vez que, em Monsanto, os réus apenas respondem pelo crime de «associação terrorista». Neste sentido, disse o juiz-presidente, o que interessa «apreender» é o aspecto orgânico da actuação das FP-25 de Abril.

Macedo Correia afirmou ontem que a primeira acção violenta em que participou no âmbito do Projecto Gobl teve lugar em finais de 1980 e que se ciferou na colocação de explosivos junto da sede da Associação de ex-Comandos, em Guimaraes.

Ao atentado seguiu-se uma série de assaltos, entre os quais à agência do BESCL na Trofa, na Primavera de 1981, a um outro banco em Arcozelo, entre Vila Nova de Gaia e Espinho e à empresa Electro-Cerâmica do Candal, em Vila Nova de Gaia.

O «arrependido» disse que nestas operações participaram dois grupos, um de «operacionais» e outro encarregado da segurança, actuando segundo planos minuciosamente traçados com antecedência.

Antes da operação, fazia-se o reconhecimento do local, localizavam-se as estradas de acesso, os possíveis itinerários alternativos, cronometravam-se os percursos e o tempo da operação e roubavam-se os carros necessários, nunca menos de dois, disse Macedo Correia. Macedo Correia disse também que um assalto a um banco demora normalmente dois minutos e meio, sendo perigoso ultra-

passar esse tempo.

O «arrependido» referiu depois que o assalto à Electro-Cerâmica do Candal correspondeu a um «salto qualitativo» na história das FP-25 de Abril, uma vez que constituía um progresso em relação aos assaltos a bancos. Esta acção rendeu 16 mil contos, enquanto as anteriores não tinham ultrapassado os 7 mil.

As informações para o assalto àquela empresa foram fornecidas, segundo o réu, por João Rola, que trabalhava na Electro-Cerâmica. Da equipa que fez o assalto fazia parte uma das revéis do processo de Monsanto, a Suzette, bem como elementos das FP do Norte e do Sul do País. Macedo Correia acrescentou que do Norte, para além dele próprio, estiveram presentes Mário Lamas e José António Pereira, e do Sul vieram o Aldino, conhecido por «João», o Govern Lopes, o

Luís António, defensor oficioso

“Olhe, em vez de estar de pé, estou sentado. É melhor!”

Luís António Mesquita, português, 28 anos de idade, é, sem saber porque, o defensor oficioso do réu «arrependido» Macedo Correia. Foi nomeado pelo juiz-presidente face à impossibilidade de se encontrar um advogado para a «oficiosa»... Está nessas funções desde que Macedo Correia começou a «cantar».

«Fui nomeado como qualquer indivíduo podia ter sido... É da lei...»

Como é que reagiu? Não recebeu nada?

«Quem, eu? Porquê? Não, não tive reacção nenhuma especial.»

Que modificações originou na sua vida esta nomeação?

«Modificações? Olhe, como funcionário tinha que estar a assistir ao julgamento sempre de pé. Agora estou sentado. É melhor...»

Sentado onde?

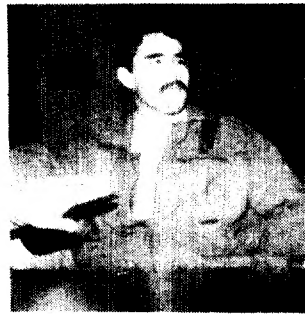
«Primeiro foi na bancada dos advogados. Depois, quando o réu começou a falar, na tribuna.»

E que é que faz para defender o réu?

«Nada.»

Não toma notas pelo menos? Não leu o processo? Vai fazer alguma intervenção?

«Quem? Eu? Não senhor, não tomo notas, não li o processo — já viu o tamanho daquilo tudo? — e não vou



fazer intervenção nenhuma. Aliás, nem sei se me deixavam... Apenas estou com mais atenção ao desenrolar dos acontecimentos, ali sentado...

Ganha mais alguma coisa por este trabalho?

«Não sei. O juiz-presidente é que decidirá. Mas parece-me que a lei diz qualquer coisa sobre isso.»

Já falou alguma vez com o Macedo Correia?

«Já, como falei com outros réus, por outras questões que não têm nada a ver com a defesa.»

(Luís António, que está a trabalhar no MJ a prazo, apenas mostrou receio de uma coisa: que o facto de falar para um jornal pudesse vir a prejudicá-lo no emprego. Medo das FP's, nem pensar. E nós garantimos-lhe que estamos em democracia e nada lhe acontecerá de mal por ter respondido a um jornalista).

R.C.

EXCURSÕES NATAL E FIM DE ANO

CEIAS ESPECIAIS ★ BAILES RÉVEILLONS DE LUXO

NATAL

- ★ MADRID-VALE DOS CAÍDOS
- ★ ANDORRA-MADRID-ZARAGOZA
- ★ SEVILHA-TORREMOLINOS-CEUTA
- ★ MARROCOS IMPERIAL (9 DIAS)
- ★ NEVE NA SERRA E SALAMANCA
- ★ NATAL NA ESTALAGEM DE SANGALHOS

COM CEIA ESPECIAL E MISSA NA IGREJA LOCAL

ALMOÇOS REGIONAIS

ALMOÇO ESPECIAL NA QUINTA DE MONTEMURO

FIM DE ANO

- ★ MADRID-VALE DOS CAÍDOS-NAVACERRADA
- ★ COM RÉVEILLON EXCLUSIVO AVIC
- ★ NO HOTEL MAYORAZGO (1.ª ★★★★★)
- ★ EM MADRID
- ★ MADRID-ANDORRA-ZARAGOZA
- ★ SALAMANCA — RÉVEILLON DE LUXO NO HOTEL
- ★ RÉGIO (1.ª ★★★★★) E GRAN HOTEL (1.ª ★★★★★)
- ★ CORDOBA-GRANADA-SEVILHA
- ★ SEVILHA-TORREMOLINOS
- ★ COM RÉVEILLON EM TORREMOLINOS
- ★ GIBRALTAR-TÁNGER-CEUTA
- ★ ALTO MINHO • TUY
- ★ COM RÉVEILLON NO HOTEL PARQUE (1.ª ★★★★★)
- ★ EM VIANA DO CASTELO
- ★ ALGARVE (2 E 3 DIAS)
- ★ COM RÉVEILLON NO HOTEL JÚPITER
- ★ FIM DE ANO NO HOTEL PRAIA NORTE (PENICHE)

OUTROS RÉVEILLONS ★ OUTROS DESTINOS

Peça programas detalhados na

AVIC AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 53 — LISBOA
TELEFONES 52 11 16-52 11 17-57 29 70
OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS
Grossista 473 85

Recapturado espanhol que fugira da Penitenciária de Lisboa com elementos do caso FP-25

A Polícia Judiciária recapturou ontem o espanhol que em Setembro se evadiu da Penitenciária de Lisboa juntamente com outros dez detidos conotados com as autodenominadas FP-25.

Luis Abellero Caamano foi capturado a meio da tarde de ontem, numa rua de Lisboa, na zona da Avenida de Roma, e no acto da prisão foram-lhe apreendidos cerca de mil contos em moeda nacional e estrangeira, uma granada ofensiva e duas pistolas de calibre 7,65 milímetros, informou a Polícia Judiciária.

De acordo com a informação da Polícia Judiciária, Abellero Caamano foi «levemente atingido» num dos braços por disparos efectuados pelos captores.

Juntamente com Caamano foi detido um indivíduo de nacionalidade portuguesa cuja identificação a Judiciária não revelou.

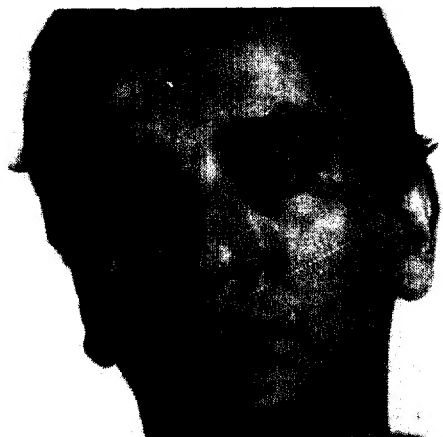
«Durante o tempo em que se encontrou em liberdade — afirma a Judiciária — Caamano

terá cometido vários crimes de roubo à mão-armada entre os quais o levado a efeito no dia 25 do corrente no posto de abastecimento de gasolina sito no aeroporto de Lisboa de onde foram subtraídos 4800 contos».

Caamano, com cerca de 40 anos, é um cadastrado com «larga folha de proezas, incluindo uma meia dúzia de evasões de estabelecimentos prisionais em Espanha», onde foi condenado a 30 anos de prisão.

O cadastrado tinha sido detido pela Judiciária, em 4 de Julho, por ser suspeito de dirigir um grupo que se dedicava a «roubos de valores que terão atingido em poucos meses montantes superiores a 50 mil contos», afirma a PJ.

Os dez presumíveis elementos das FP-25



de Abril que fugiram da Cadeia Penitenciária de Lisboa conjuntamente com Caamano continuam evadidos.

A captura do espanhol foi levada a cabo hoje à tarde pela 12.ª Secção da Directoria de Lisboa da PJ.

GNR fiscalizou 240 mil condutores

Durante o mês de Outubro a Guarda Republicana fiscalizou 240 076 condutores, ou seja cerca de oito mil por dia, através de todas as suas unidades na rede rodoviária do País.

Seriam detectadas 40 547 infracções previstas e punidas pela legislação de trânsito, sendo 2121 por excesso de velocidade, 2970 por deficiências na iluminação dos veículos, 3093 por falta de capacetes, 2302 por pneus em mau estado, e 370 por condutores sem a devida documentação.

Roubaram uma pistola e três mil contos

Dois jovens de 16 e 20 anos de idade foram detidos pela Polícia Judiciária sob a acusação de serem os autores de 26 assaltos a residências localizadas na região de Coimbra, onde residem, e ainda em Castelo Branco, Leiria e Santarém. Os roubos, avaliados em cerca de três mil contos, foram efectuados entre Fevereiro e Agosto do ano em curso. A PJ anunciou, entretanto, ter identificado doze dos presumíveis receptores dos objectos furtados, entre os quais uma pistola.

Locatário agredido e oficina assaltada

Desconhecidos assaltaram, na madrugada de anteontem, em Loures, uma residência, tendo roubado 350 contos em dinheiro após terem agredido o locatário a pontapé. No mesmo período foi ainda assaltada uma oficina na Calçada do Grilo, em Lisboa, de onde foram levadas peças de ferramenta e máquinas de calcular, cujo valor não foi referido pelo proprietário lesado. Ambas as ocorrências estão a ser investigadas pela Polícia Judiciária.

Furtaram-lhe a mala quando se confessava

Na Igreja dos Franciscanos, em Leiria, uma paroquiana foi roubada quando se confessava, tendo ficado sem a carteira de mão que continha documentos, dinheiro de valor não especificado e uma aliança em ouro. A PSP local admite que o furto tenha sido praticado por um indivíduo alheio ao culto, visto na igreja a rondar a caixa das esmolas.

O oitavo a matar um toiro em Portugal

Sentença para Mário Coelho adiada para quinta-feira

Foi adiada para quinta-feira à tarde a leitura da sentença do espada Mário Coelho, acusado pelo Ministério Público de ter estoqueado um toiro na «Daniel Nascimento», em 12 de Setembro de 1984.

Com a leitura das alegações ontem feita pelos advogados da defesa dos seis réus (Mário Coelho, os empresários da praça, Manuel Bento e Pereira dos Santos, Diamantino Viseu, António Carraça de Castro e o pai, o ganhadeiro Ernesto de Castro), eleva-se a três o número de sessões por que decorreu este apaixonante julgamento que ontem, uma vez mais, encheu literalmente a acanhada sala do Tribunal Judicial da Moita do Ribatejo.

Depois das alegações lidas por Botelho Neves, por parte de Mário Coelho, de José Manuel

Pires da Costa, defensor dos empresários da «Daniel Nascimento», e do procurador da República, Paulo Dias, o juiz Augusto Guilherme Igrejas, marcou a leitura da sentença para o próximo dia 5 de Dezembro, quinta-feira.

Muitos dos afeccionados que de vários lados do Ribatejo ali se tinham deslocado na esperança de verem, já, Mário Coelho absolvido pelo Tribunal, saíram de lá com a mesma esperança, mas desapontados com o adiamento da leitura da sentença.

Note-se que o Decreto-Lei 15 355, de 14 de Abril de 1928 — dos poucos, senão o único que, embora profundamente inconstitucional, não foi revogado após o 25 de Abril —, prevê uma pena de prisão, multa actualizada e a própria interdi-

ção da actividade do matador, isto é, do exercício da sua profissão, do seu ganha-pão, porque Mário Coelho vive das tardes em que entra na arena e é pai de uma criança de oito anos.

Mário Coelho não compareceu à sessão de ontem — de alegações —, por se encontrar em convalescença de uma operação à coluna (hérnia discal) a que foi submetido há uma semana, na Cruz Vermelha Portuguesa, pelo prof. Lucas dos Santos. Vem recuperando visivelmente, a ponto de se admitir que este fim-de-semana se transfira para a sua residência, em Vila Franca de Xira.

«A operação foi um êxito e espero, na próxima semana, poder ir ao julgamento», disse Mário Coelho, igualmente esperançado na absolvição.

Por cinco homens armados e encapuçados

Assaltada no Porto carrinha com 20 mil contos

Cinco indivíduos, encapuçados e munidos de pistolas de guerra, assaltaram, cerca das 10 e 30 de ontem, no Porto, a entrada da Rua Lameira de Cima, uma carrinha da empresa «Jomar», levando 20 mil contos destinados ao pagamento de salários.

De acordo com a Polícia Judiciária, a «operação», ainda não reivindicada, foi iniciada por um dos assaltantes que, colocado no meio da referida artéria, obrigou a viatura a imobilizar-se. Três outros elementos

surgiram então em apoio do primeiro e apontaram as armas ao condutor.

Imobilizada a carrinha, os assaltantes abriram as portas e apoderaram-se das malas com o dinheiro, fugindo em seguida num automóvel marca «Opel Kadette» que a PJ diz ter sido roubado, e ao volante do qual se encontrava um quinto indivíduo este veículo estava estacionado na esquina da Rua da Lameira com a Rua de São Roque da Lameira, tendo seguido em direcção ao centro da cidade.

Recorde-se que, em 31 de Outubro deste ano, uma carrinha da mesma empresa de aglomerados foi assaltada, em Leça da Palmeira, na via rápida de acesso ao aeroporto das Pedras Rubras, tendo então sido levados 6400 contos também destinados ao pagamento de salários.

O assalto de ontem ocorreu a cerca de 50 metros das instalações da «Jomar» e a 100 do estabelecimento bancário onde o dinheiro, que estava no seguro, acabara de ser levantado.

Mário Castrim



LISTO não vai bem. E não me venham com a história de que os problemas são de circunstância. Ao contrário. A questão é de regime.

A decadência está relacionada intimamente com a proclamação da República. Outrora, fomos um Reyno, hoje somos um país, então isto não é descer, marquesa? Outrora, governava-se pela graça de Deus, que era pai; hoje governa-se pela graça do povo, que é paisano. Outrora havia um sonho, agora há uma gestão.

De modo que, sendo as coisas como estão sendo, venho lançar-me na corrida para a salvação do Reyno e propor o regresso às origens. Sim, irmãos, regressemos, quanto mais não seja para evitarmos estes bolchevísticos planos quinquenais do presidencialismo, estas visitas aos mercados inchados de cenouras e de nabos, estes interrogatórios a que a Marante submete os candidatos, estes candidatos que fazem publicidade na TV.

Alguém imagina D. Afonso Henriques com a fronha num cartaz a dizer «P'rá Frente, Portugal!»? Alguém imagina o senhor Rei D. Dinis num cartaz onde se lesse: «D. Dinis, um Rei, um Amigo»? A monarquia plantou pinheiros, a malta hoje planta eucaliptos. D. Fernando fez, de pedra, a cintura de Lisboa; governos de hoje fizeram uma cintura a Lisboa, mas de salários em atraso. D. Sancho fez castelos; Abecasis fez torres. A monarquia explorou o Atlântico; a República estragou o Alviela.

Os reis combateram os infiéis nos campos ibéricos; os presidentes das câmaras combatem os ratos nos acessos das auto-estradas. D. Afonso fez, do Castelo de S. Jorge, um monumento; o mencionado Abecasis fez, de um monumento, um restaurante. Do mastro e do leme, passou-se ao garfo e à faca...

Vou, pois, lançar-me na campanha para a transformação do regime, pois só nisso encontraremos remédio. Como? Muito facilmente: os portugueses votariam não já para escolherem um presidente mas para escolherem um Rei. Bem vistas as coisas, era muito mais reinado...

ARTIGO DE FUNDAMENTO

Em debate com três candidatos

Arquitectos querem mudança para Câmara e cidade

Nuno Ribeiro

Um debate com os candidatos à Presidência da Câmara de Lisboa foi a proposta endereçada pela Associação dos Arquitectos Portugueses a que responderam três dos quatro concorrentes à direcção do município. Depois de três horas e meia de troca de opiniões, polémica mas construtiva, ficou claro que os arquitectos querem mudanças para a Câmara e para a cidade.

«Como é que o consenso que aqui foi verificado pode ser transposto para a Câmara Municipal de Lisboa?», perguntou perto do final da sessão Nuno Teotónio Pereira.

A questão levantada pelo presidente da Associação dos Arquitectos Portugueses tinha toda a razão de ser. Em problemas técnicos, na crítica à gestão e às soluções encontradas por Nuno Abecasis, os três candidatos presentes, Helena Torres Marques, Carlos Carvalhas e Ribeiro Teles, tinham pautado as suas intervenções por um consenso, pelo menos nas grandes linhas. Portanto, numa plateia de técnicos, as interrogações começaram a surgir e, depois de Teotónio Pereira ter levantado a questão, muitas outras vozes se lhe juntaram. Fausto Bento, particularmente crítico, analisando a actual composição da vereação, onde, à luz do debate, aparecia como dispondo de uma maioria, acentuaria mesmo que «o Abecasis tem uma maioria pela frente e ri-se...».

A questão foi analisada a dois tempos: numa primeira fase, o passado e, do outro, o futuro. Foram, assim, trazidos para a mesa da discussão casos passados, como o Monumental e o projecto do Alto do Lumiar. E, quanto ao futuro, as áreas consensuais foram referidas mas não explicitadas.

«Os consensos são mais aparentes do que reais, pois a questão está na prática seguida», sublinhou Carlos Carvalhas. O candidato da Aliança Povo Unido passaria depois a dirigir setas para o comportamento dos vereadores socialistas: «quem

invalidou a solução para o Terreiro do Paço? Quem inviabilizou a distribuição de verbas para as Juntas de Freguesia? Quem viabilizou a operação do Alto Lumiar, apesar de Eduardo Pereira se ter manifestado contra? Quem deixou destruir o Monumental? Quem se opôs a um inquérito à actuação do presidente da Câmara?».

Respondendo às críticas sobre o Monumental, Helena Torres Marques declarou que irá apresentar uma lei para que «não possa ser deitado abaixo um edifício em Lisboa sem que tenha sido apresentado e aprovado o projecto proposto para o local». «O Monumental foi abaixo», prosseguiu a candidata do PS, «porque existia um artigo (65 do Decreto-Lei 79/77) que fazia com que, sobretudo em Câmaras minoritárias, os presidentes governassem de uma forma autoritária».

Neste ponto, visão diferente tinha o vereador Rui Godinho, para quem não foram os poderes excepcionais do presidente da Câmara o elemento decisivo no processo, mas sim porque «das forças políticas representadas na Câmara, só uma, com cinco vereadores num total de 17, teve a coragem política de se opor».

Sobre as outras críticas dirigidas à vereação socialista, Pombo Cardoso apresentou as respostas, sublinhando que foram suspensos os planos para o Hilton do Parque Eduardo VII, o Luna Park. «Deixámos passar o Alto do Lumiar porque arquitectos do Partido Socialista estudaram o projecto e sabiam que ele não podia ir para a frente». Retomando o caso do Monumental, aquele vereador



Só faltou Abecasis

sustentou que «a grande parte das tomadas de posição foram-no por unanimidade». Sobre o Terreiro do Paço, Pombo Cardoso declarou que os vereadores socialistas não votaram a proposta da APU «pois tratava-se de uma moção muito vaga sobre o assunto que estava a ser acompanhado pelos serviços da Câmara». Por fim, em relação ao inquérito a Nuno Abecasis, o vereador do PS sublinhou que o Partido Socialista «esteve na Câmara Municipal de Lisboa de uma forma responsável, e votámos contra o inquérito e contra a proposta de reexaminar todos os processos na Câmara; no entanto, votámos uma censura contra Nuno Abecasis».

Câmara tem retirado capacidade técnica aos serviços

Quanto ao futuro e às áreas de consenso que podem vir a ser encontradas pela futura vereação, a que saíra das eleições de 15 de Dezembro, Helena Torres Marques mostrou-se confiante. Começando por se referir aos indicadores eleitorais, sublinhou que «pela primeira vez a AD tem menos votos que o PS e o PRD juntos». Para a candidata socialista à Presidência da Câmara de Lisboa, o consenso poderá ser encontrado em volta de projectos concretos.

Carlos Carvalhas, por seu lado, indicou que para haver uma gestão diferente «basta que sejam cumpridos os programas», enquanto que Ribeiro Teles sublinhava «que não temos consenso na política, porque se o tivéssemos não estávamos aqui separados, estávamos juntos para derrotar o Abecasis».

Aspecto a que os arquitectos presentes foram particularmente sensíveis foi ao de não haver, em seu entender, regras claras que possibilitem um conhecimento concreto dos trâmites que os seus projectos seguem, e de a Câmara de Lisboa não possibilitar trabalho a todos mas apenas a uma «meia dúzia». Todos os candidatos defenderam, como aliás consta dos seus programas eleitorais, a implementação de concursos públicos de ideias, aos quais devem ser dados a maior divulgação. Helena Torres Marques, por exemplo, apontando um caso concreto declarou que para resolver a situação do porto de Lisboa, com um projecto conhecido da população, seria mais fácil derrubar as barreiras que se põem para a resolução do caso. Carlos Carvalhas, por seu lado, defendeu a existência de um «forum» onde esses processos fossem apresentados e discutidos por toda a população e suas organizações, numa solução idêntica à proposta por Ri-

beiro Teles.

O esvaziamento da capacidade técnica dos serviços camarários que tem como consequência directa para os arquitectos, o desinteresse e a perda da criatividade, foi também criticado. O candidato da APU sublinhou que a Câmara paga 200 mil contos em assessorias externas, tendo quase que paralisado o trabalho dos perto de 600 quadros superiores da Câmara de Lisboa, enquanto que Helena Torres Marques e Ribeiro Teles,

tal como Carvalhas, defenderam um novo tipo de gestão que ponha a trabalhar os técnicos e rejuvenesça as equipas técnicas.

Num debate a três faltou o presidente Abecasis. Ao que o «DL» apurou o actual presidente da Câmara terá solicitado o envio de um convite especial, o que foi feito, pela Associação dos Arquitectos Portugueses. Mas, se para alguns a sua ausência surpreendeu, para outros, como Helena Torres Marques era de esperar. «Manifesto o meu desagrado profundo pela forma como o engenheiro Abecasis reagiu ao vosso convite: esta é uma situação que considero caracterizadora da forma como a Câmara tem funcionado em relação aos municípios, às Freguesias, às Associações». Carlos Carvalhas e a organização lamentaram que o quarto candidato por Lisboa não se tenha deslocado à Rua António Maria Cardoso onde, por ironia do destino, ontem se debateram abertamente as propostas dos candidatos e o papel que querem reservar aos arquitectos na construção da cidade.

“Palácio Foz” nega acesso do PS às “Notícias do Bombardeio”

O PS afirmou, ontem, que a Direcção-Geral de Comunicação Social recusou ao seu gabinete de candidatura à Câmara de Lisboa a cedência de um diaporama sobre Lisboa.

Um comunicado distribuído pelo Gabinete de Imprensa do PS refere que a DGCS «acaba de recusar a cedência» do diaporama «Lisboa — Notícias do Bombardeio», cuja projecção «aquela Direcção-Geral havia programado e que, entretanto, cancelou a pedido de um vereador do PSD à Câmara de Lisboa».

O gabinete do PS refere ter dirigido um ofício à subdirectora-geral da Comunicação Social no qual se comprometia a «projectar em sessão pública o referido diaporama, por considerar que o mesmo pode constituir uma base de debate sobre os problemas de Lisboa».

Segundo o comunicado do PS, a subdirectora-geral «comunicou que fazia depender a cedência do diaporama à sua projecção prévia no Palácio Foz», o que, segundo informações referidas pelo texto, «não acontecerá antes das eleições autárquicas».

Diz o presidente da Câmara

Autarquia e Poder Local “em perigo” na Mealhada

O presidente da Câmara Municipal da Mealhada alertou as autoridades e o País para o facto de a autarquia e o Poder Local consagrados na Constituição «estarem em perigo no concelho», porquanto «arruaceiros da freguesia da Vacariça — acrescenta Pires dos Santos — impedem a CM de construir uma rede de abastecimento de água».

O litígio entre a Câmara Municipal e a população de Vacariça por causa da construção de uma nova rede de abastecimento de água, não é de agora. As gentes daquela freguesia opõem-se à sua constru-

ção, receando que o desvio da conduta possa traduzir-se na escassez de água na Vacariça. Desde há cerca de quatro anos que os populares da Vacariça fazem levantamentos, o último dos quais bem recentemente: no dia 22 do corrente — quando uma brigada de trabalhadores se preparava para recomençar o lançamento de uma conduta de abastecimento de água ao longo da Estrada Nacional n.º 234.

Em telegramas enviados ao Primeiro-Ministro, ministro da Administração Interna e comando-geral da GNR acusa o povo da Vacariça «de pôr em

risco a integridade física dos trabalhadores municipais e de ter destruído bens de investimento pagos pelo erário público».

A nova rede de abastecimento visa levar a água à Mealhada, Vacariça e Travassô. Recorde-se que representantes das autarquias de Mealhada e do Luso estabeleceram em Agosto, no governo civil de Aveiro, um protocolo condicionando a forma que devia nortear os trabalhos, a ser ratificados pelas Juntas de Freguesia. O Poder Central não deu entretanto, qualquer resposta aos pedidos da Câmara...

BINGO ROMA*
O seu novo encontro com a sorte!!!
Diariamente das 18 às 3 horas
BINGO ROMA/HOTEL ROMA
Av. de Roma, 33 - Tel. 762038 - LISBOA
*Um moderno Bingo Estoril-Sol

Câmara em guerra com casal que acampou no Largo da Paz

Um graduado e três agentes da Polícia Municipal de Lisboa aprestavam-se esta manhã para desalojar o casal de ocupantes, e um filho destes, de uma tenda instalada há alguns meses no Largo da Ajuda. Já ontem, ele, José Carlos Almeida, sem emprego, e ela, uma jovem de ascendência cigana, haviam sido advertidos pelas autoridades de que deveriam deixar em paz aquele local. Têm um outro filho, uma menina de três meses, ainda por registar, que fica com eles durante o dia e à noite vai para casa de uma tia do José Carlos que vende hortaliça na Praça da Boa Memória.

O casal não se encontrava ali, nem (claro) qualquer dos dois filhos (a menina estava com o tio do José Carlos), admitindo alguns dos moradores do Largo da Paz que se têm interessado pela sorte deles, que se tivessem dirigido a alguma dependência da Câmara Municipal ou aos serviços de habitação na esperança de encontrarem uma casa, por mais modesta que seja, para não formarem ao frio.

Todo o drama que marca a habitação — falta de casa — neste país estava ali impresso, num jovem casal sem trabalho:

ele, de 23 anos, que antes vendia peixe (tem o triciclo e atrelado à porta da tenda...), mas agora nem dinheiro tem para o fazer; ela, uma jovem de família cigana perfeitamente integrados no meio, cujas mães irmãs vivem mais abaixo do Largo da Paz, ao que nos disseram na Travessa da Memória.

Cerca das 10 horas desta manhã chegaram ao Largo da Paz um graduado e três agentes da Polícia Municipal num jipe com a matrícula CR-62-16, cuja função, disse ao «DL» o graduado da PM, era «resolver hoje

a questão», de acordo com o despacho da Câmara Municipal. Para isso, de resto, se fizeram acompanhar de três homens trazendo à civil e transportando-se numa «Hiace» com a matrícula SS-82-93. Era a eles que caberia desamar a tenda e transportá-la para local a indicar ao jovem casal, em princípio do foro da Câmara Municipal.

Menina sem nome dinheiro que não há

Dramas como este são aos milhares neste país, agudizados pelas falta de casas, por um lado, e pela exorbitância das novas rendas, por outro. Mas este jovem casal que tem dois filhos, o Nuno (de três anos) directamente a seu cargo e uma menina sem nome, em casa da

tia, Saudade Almeida (que vende hortaliça na praça do Largo da Boa Memória), é bem mais pungente: nenhum deles tem trabalho. Já nem sequer é a história de salários em atraso: é o drama de salários que não se ganham nem jamais chegam...

«Isto é uma miséria», dizia aos polícias (e ao repórter que providencialmente ali se en-

contrava) D. Lucinda, que vive há muitos anos no Largo da Paz e acompanha o drama do José Carlos Craveiro Almeida, da companheira e dos filhos sem nada poder fazer. «Ele antes ainda vendia algum peixe, porque tinha dinheiro para o comprar e andava no triciclo. Mas agora — atalha uma tia do jovem, Georgina Almeida —, nem isso pode fazer.

O «DL» não conseguiu apurar — porque o casal não tinha deixado a tenda, de cor amarela, manhã bem cedo — se se mantém e é verdade a oferta da mãe da companheira, para que vão todos viver com os outros filhos na sua casa do Largo da Boa Memória. Todavia, parecia-nos ser essa a única hipótese — embora José Carlos Almeida a rejeite — para não pernoitarem logo ao frio e à chuva.

«Naquela tarde que choveu muito em Lisboa, foi de nos partir o coração ver o que o casal e o filho sofreram, porque a água entrava-lhes pela tenda adentro», disse-nos D. Lucinda, que vive em frente.

Para já encontra indícios positivos e negativos

Professores declaram expectativa face ao Programa do Governo

Uma atitude de expectativa até se realizarem as primeiras reuniões com o Ministério da Educação é a opção da Federação Nacional dos Professores relativamente ao programa do 10.º Governo no que respeita à Educação.

Expectativa como atitude global porque em relação ao que já se vislumbra e alguns dados adquiridos, a Fenprof encontra indícios positivos e negativos no programa. Essa análise foi ontem exposta em conferência de Imprensa.

Como «evidente sinal positivo» foi considerado o reconhecimento no programa do Governo de Cavaco Silva da necessidade urgente de uma «reestruturação global da orgânica e funcionamento do Ministério».

Embora a opinião pública o desconheça, a actual lei orgânica do Ministério da Educação data da última reforma do então ministro da Educação, Veiga Simão e é da autoria, como afirmou na Conferência de Imprensa, o secretário-geral da Fenprof, António Teodoro, de Freitas do Amaral, que então cumpriu a tarefa como «contratado».

A integração da Direcção-Geral das Construções Escolares, (até agora fazendo parte do Ministério das Obras Públicas), no Ministério da Educação (virá provavelmente a ser fundida numa única direcção-geral com a actual Direcção-Geral do Equipamento Escolar); o anúncio «programa especial de equipamento educativo e o conceito de uma Lei de Bases do Sistema Educativo não como um acto conjuntural mas como resultado de amplos consensos para os quais contribuíam os principais interessados, são aspectos positivos do programa do Governo de Cavaco Silva.

Assinala no entanto a Fenprof que a reestruturação do ME não pode ser um processo secreto que conduza à partidização das suas estruturas dirigentes e técnicas.

Como aspectos de carácter negativo a Federação cita a su-

bestimação da crise estrutural do sistema de ensino, mostrando-se o programa «incapaz de definir uma estratégia de combate aos principais problemas e de apontar prioridades».

Essa incapacidade traduz-se concretamente no facto de o programa não referir o insucesso escolar nem medidas para o combater, nem para combater o analfabetismo.

Por outro lado, «o programa é extremamente preciso em alguns domínios — chega por exemplo ao pormenor de apontar a criação da Faculdade do Mar — mas é ambíguo e vago em domínios tão importantes como o estatuto da carreira docente, o ensino especial, à educação pré-escolar. O programa não diz nada sobre um problema candente como o das Escolas Superiores de Educação e o da formação inicial dos professores, «nem tem uma única referência explícita ao ensino primário e aos seus problemas», sublinha a Fenprof.

Ainda como aspecto crítico-vel do programa a Federação Nacional dos Professores aponta a criação no âmbito go-

vernamental de uma Comissão de Reforma do Sistema Educativo, o que está em contradição com afirmações do Primeiro-Ministro defendendo a «desgovernamentalização» da administração. A Fenprof considera que a Assembleia da República deve ratificar urgentemente o decreto-lei que cria o Conselho Nacional de Educação, cuja primeira missão deverá ser o debate da Lei de Bases do Sistema Educativo.

Do programa económico a Federação Nacional dos Professores salienta a anunciada intenção governamental de não deixar a taxa de inflação ultrapassar os 14 por cento e de o ministro do Trabalho ter advertido, ao anunciar os aumentos das pensões, que a contratação não deve ultrapassar os 18 por cento, em 86, o que pode significar que o Governo se prepara para conceder um aumento salarial entre os 14 e os 18 por cento à Função Pública, incapaz de repor o poder de compra dos professores.

Ainda um último facto, a

Fenprof aponta como negativo: a manutenção à frente do ME de um ministro cuja actuação passada não deixou boa impressão nem foi positiva para o ensino e cujo espírito de diálogo se limitou à recolha de pareceres por parte das estruturas sindicais.

O programa do 10.º Governo contém ainda indícios da tentativa de partidização do Ministério da Educação de utilização do aparelho de Estado para promover e suportar organizações sem representatividade entre os professores e para o

prosseguimento das orientações fundamentais de política educativa prevalecentes desde 1980.

Na conferência de Imprensa foram também apresentadas as reivindicações da federação das medidas que considera necessárias e urgentes. Entre elas destacam-se: revisão do Dec.-Lei 513-M/79 (reajustamento de letra), aumentos salariais (a Frente Comum da Função Pública entregou já ao Governo a sua proposta de negociação que engloba um aumento médio de 25 por cento, diuturnidades de 1880 escudos/mês e subsídio de

refeição de 280 escudos/dia); negociação do estatuto das carreiras docentes dos ensinos primário, preparatório e secundário, da educação pré-escolar e especial; elaboração da Lei de Bases do Sistema Educativo que será o tema do segundo congresso da Fenprof; reestruturação do ME, formação de professores, profissionalização em exercício e formação contínua e ainda uma série de reivindicações sectoriais relativas a todos os graus de ensino, ensino particular, educação e ensino especial e professores de Cultura e Língua Portuguesa no estrangeiro. A estas acrescentam-se as reivindicações regionais a apresentar pelos Sindicatos de Professores dos Açores e da Madeira, filiados na Fenprof, aos respectivos Governos autónomos.

Quanto ao concurso e colocação de professores provisórios e eventuais dos ensinos preparatório e secundário a Fenprof dirigiu ao ministro da Educação o pedido de sindicância aos serviços responsáveis e uma petição ao Provedor de Justiça para que seja anulado aquele concurso.

Brasil prescinde do FMI

O governo brasileiro vai prescindir do papel de intermediário do Fundo Monetário Internacional e renegociar directamente a sua dívida externa com a banca privada internacional — foi anunciado em Brasília.

Dilson Funaro, ministro das Finanças, anunciou esta posição de independência sublinhando, durante uma conferência de imprensa que «o Brasil não precisa das condições do FMI».

Funaro regressara terça-feira de Washington onde se encontrou com o director do FMI, Jacques de la Rosière, com quem discutiu a situação económica do Brasil. O país tem uma dívida externa de 103 mil milhões de dólares, a maior dos países em vias de desenvolvimento.

Em 1983, o Brasil obteve a aprovação do FMI para um empréstimo de 4,5 mil milhões de dólares repartido por três anos, acordo que abriu caminho a um afluxo de milhares de milhões de dólares em empréstimos de bancos privados, que se servem normalmente do FMI como organismo de controlo dos países devedores.

O governo civil que assumiu funções em Março passado garantiu que honraria a dívida contraída mas o presidente José Sarney tem afirmado repetidamente que o país não se sujeitará a uma recessão ou a sacrifícios desnecessários para cumprir esses compromissos.

Rodrigues Pardal exonerado das Contribuições e Impostos

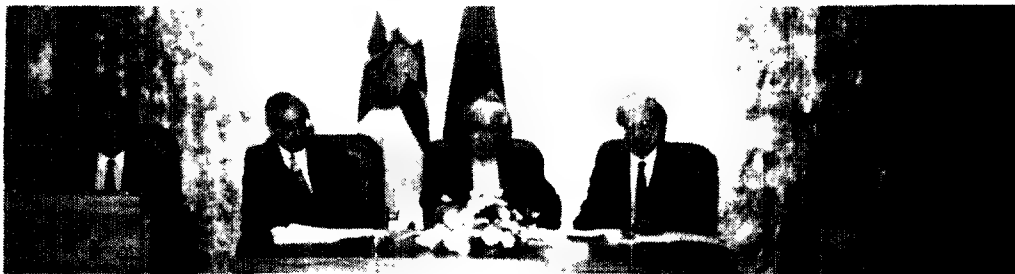
Francisco Rodrigues Pardal confirmou ontem à Anop que foi exonerado das funções de director-geral das Contribuições e Impostos, afirmando que a exoneração se deve a um pedido seu.

«A exoneração foi feita a meu pedido e não envolve qualquer situação de conflito», disse.

«Eu estava em missão na Direcção-Geral. Sou juiz do Supremo Tribunal Administrativo e é para lá que vou voltar», acrescentou o ex-director-geral.

Rodrigues Pardal defendeu que «o Governo necessita de pessoas novas para desenvolver novas tarefas», sublinhando que «não há nenhum caso e o senhor ministro foi mesmo muito amável na conversa que teve comigo».

A notícia da exoneração de Rodrigues Pardal tinha sido antes divulgada, a partir de informações colhidas na Secretaria de Estado da Reforma Fiscal.



A mesa que presidiu à conferência de imprensa que antecedeu à assinatura do contrato. Da esquerda para a direita: João Matias e João Perdigão (NCR) e Vítor Melícias Lopes, Manuel Jorge Pina e Carlos Martins (Montepio Geral)

Montepio automatiza balcões

O Montepio Geral vai adquirir equipamentos no montante de mais de 200 mil contos para automatização dos seus balcões a nível nacional, nos termos de um protocolo assinado com a NCR Portugal.

«Continuamos a apostar nas necessárias inovações tecnológicas voltadas para a banca do futuro, de acordo com o plano a médio prazo do Montepio Geral», disse Vítor Melícias Lopes, presidente do conselho de administração da instituição.

O sistema «BASS 5000», vai ser implementado a partir de Janeiro do próximo ano, devendo entrar em funcionamento no final do primeiro trimestre de 1986.

A nova metodologia implicará apreciáveis benefícios, tanto para os clientes como para a instituição, disse Carlos Martins, director do departamento de Informática do Montepio Geral.

A redução do tempo de atendimento, o recurso a leitores ópticos, a utilização de dispensadores de notas, permitindo nos balcões aliviar os pagamentos e aumentar as medidas de segurança e a introdução do diário electrónico para reforço das operações efectuadas, viabilizarão o desenvolvimento de um estilo de gestão que privilegie a personalização das relações com os clientes e implicará benefícios, tanto para os clientes como para a instituição.

O Montepio Geral, com a utilização do novo sistema, prevê a hipótese de estabelecer acordos mútuos de utilização com instituições de crédito ou outras redes nacionais e estrangeiras, de caixas automatizadas e, ainda, relativamente aos denominados postos de venda e ao terminal de computador nas empresas e domicílios dos clientes.

O Montepio Geral concluiu, em 1982, a sua rede de teleprocessamento iniciada em 1974 e o ano passado pôs em funcionamento o serviço «chave 24» — conjunto de caixas automatizadas instaladas junto de diferentes balcões e outros locais de grande afluência de público.

Na Administração Pública Congeladas admissões até ao Orçamento/86

O Conselho de Ministros decidiu, ontem, suspender todos os processos de abertura de concursos para admissão de pessoal não vinculado à administração pública até à aprovação do Orçamento de Estado para 1986.

Esta medida visa todos os processos cujos avisos não tenham sido ainda objecto de publicação no «Diário da República».

Em comunicado, o Governo justifica a decisão defendendo a necessidade de «haver uma grande disciplina das finanças públicas em geral e em particular no que respeita à mobilidade e reafecção de excedentes da função pública».

Na sua reunião de ontem, o Conselho de Ministros decidiu, também, actualizar os índices de transferências de verbas para as autarquias locais com o objectivo de «suportar encargos com a realização das eleições autárquicas de 15 de Dezembro».

O Orçamento de Estado para 1986 devesse integrar «sem excepção», todas as receitas e despesas do Estado e dos Fundos e Serviços Autónomos, exprimindo, assim, o verdadeiro défice da administração central — diz ainda o comunicado da reunião ministerial. Segundo esse documento «a severa disciplina das finanças públicas, o inabalável rigor da gestão orçamental do Estado, a razoabilidade da carga tributária e o implacável combate à fraude e evasão fiscal constituirão traves mestras da estratégia de progresso controlado que o Governo encetou».

No Orçamento para 1986, será estabelecida uma «rigorosa distinção» entre despesas correntes e despesas de investimento, sendo o acompanhamento da execução orçamental feito através de um conjunto de instrumentos que garantirão o seu cumprimento.



ACUPUNCTURA

Ajuda a Cura: — Asma — Sistema Nervoso — Bronquites — Paralisias — Tromboses — Hipertensão — Dores em Geral — Espondilose — Artroses — Etc...

PROF. CHENG-YING SAN (Chinesa), 20 anos de Experiência.

MARCAÇÕES:

I.M.N. Av. Praia da Vitória, 18-1.º Esq. — Telef. 554087

COTAÇÕES

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51\$25	57\$25	
ALEMANHA FED (marco)	62\$40	63\$60	
ÁUSTRIA (xelim)	8\$80	9\$00	
BÉLGICA (franco)	2\$920	3\$120	
BRASIL (cruzeiro)	\$009	\$019	
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	114\$60	117\$10	
(notas de 5 a 1000)	115\$10	117\$60	
DINAMARCA (coroa)	17\$20	17\$60	
ESPAÑA (peseta)	\$983	\$103	
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	158\$10	161\$60	
(notas de 5 a 1000)	158\$60	162\$10	
FINLÂNDIA (marka)	28\$90	29\$50	
FRANÇA (franco)	20\$45	21\$15	
HOLANDA (florim)	55\$45	56\$55	
IRLÂNDIA (libra)	193\$80	197\$80	
ITÁLIA (lira)	\$084	\$094	
JAPÃO (iene)	\$759	\$794	
NORUEGA (coroa)	20\$75	21\$25	
REINO UNIDO (libra)	233\$95	238\$45	
SUÉCIA (coroa)	20\$60	21\$10	
SUÍÇA (franco)	75\$60	77\$10	
VENEZUELA (bolívar)	8\$95	9\$95	

Observações:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

ARTISTAS PORTUGUESES PRESENTES NO ESPECTÁCULO DA CONVENÇÃO NACIONAL DE APOIO A

FREITAS do AMARAL

ANTÓNIO SALA • BANDA TRIBO • CÂNDIDA BRANCA FLOR
• CARLOS ZEL • FLORBELA QUEIROZ e NORBERTO DE SOUSA • FLORÊNCIA • GRUPO CORAL DA VIDIGUEIRA • HERÓIS DO MAR • JOÃO BRAGA • DR. JOSÉ MIGUEL BAPTISTA • LARA LI • LENITA GENTIL • LUÍS MASCARENHAS • MARA ABRANTES • MARIA ARMANDA • MARCO PAULO • NATÉRCIA MARIA • NICOLAU BREYNER • NUNO E HENRIQUE • OCTÁVIO DE MATOS • PAULO ALEXANDRE • RAUL OURO NEGRO • ROSA LOBATO FARIA • TÁXI • TERESA SILVA CARVALHO • VASCO RAFAEL.

INSTRUMENTISTAS DE FADO (LISBOA) — GUITARRISTAS: JOSÉ LUIS NOBRE COSTA • ANTÓNIO PARREIRA • MANUEL DOMINGOS — VIOLAS: JAIME SANTOS JUNIOR • FRANCISCO GONÇALVES — VIOLA BAIXO: JOEL PINA.

INSTRUMENTISTAS DE FADO (COIMBRA) — GUITARRA: DR. ÁLVARO AROSO • JOSÉ PAULO — VIOLA: PROF. EDUARDO AROSO.

ORQUESTRA DIRIGIDA PELO MAESTRO JORGE MACHADO APRESENTAÇÃO DE HELENA RAMOS E RUY CASTELAR

DISCURSO DO PROF. FREITAS DO AMARAL PAVILHÃO DOS DESPORTOS

29 DE NOVEMBRO (6.ª Feira) ÀS 21.00H

ENTRADA LIVRE

*Pra Frente
Portugal!*

Morreu Fernand Braudel

História: "conjunto dos conjuntos" — lema da sua obra

Tempo geográfico, tempo social, tempo individual — o intelectual que proporcionou à História esta tríade racional, e que é também um processo metodológico para melhor compreensão dos eventos humanos, morreu quarta-feira em Paris, tendo sido a sua morte agora anunciada: Fernand Braudel.



Aquela tripla divisão deu um novo impulso à historiografia e aproximou mais o homem do seu **saber fazer** e, por assim dizer, tornou-o mais parte integrante do mundo em que vive, afectado, como é óbvio, pelo movimento das mais diversas situações sociais. A tríade imaginada por Fernand Braudel (e apoiada na sua experiência pessoal de quem percorreu muitas regiões) permite multiplicar os ângulos de ataque aquilo que se pretende conhecer: cada um daqueles tempos, necessariamente parcial, reenvia aos outros tempos — e eis que nos surge uma explicação mais ampla precisamente por englobar aqueles três tempos. Pode dizer-se que a unidade da obra de Braudel nasce dessa pluralidade — e daí o seu mérito e a atenção que a sua obra logo desde o início mereceu e tem vindo a merecer cada vez mais.

Braudel nasceu em 1902, em Lumeville-en-Ornois, na Lorraine — e um longo percurso levou-o à Argélia, onde se manteve dez anos (1923/1932), e Dubrovnik, ao Brasil (três anos, de 1935 a 1937), onde, por exemplo, ensinou com Levi-Strauss, etc. Mas é na Argélia que descobre o Mediterrâneo e se acentua a sua vocação histórica.

Três tempos

Quando se propunha escrever um livro subordinado a um título assaz prosaico — Felipe II, a Espanha e o Mediterrâneo — acontece que Lucien Febvre o induz a fazer do mar a personagem central dessa obra.

A partir desse momento de diálogo com Febvre o Mediterrâneo torna-se o obra viva de toda uma vida. Vinte anos de trabalho, tem: central a confrontação da geografia e da história, da dialectica do espaço e do tempo entendidos nos seus limites máximos.

Patenteia-se, enfim, um espaço libertado dos seus limites habituais — e isso porque, no campo das dimensões da História, o Mediterrâneo, sendo uma encruzilhada de povos, é uma figura, uma personagem, até ao século XVI. Explicitando: o Mediterrâneo engloba, por laços e ligações (ora frágeis ora necessárias mas existentes), os preços vizinhos dos desertos tropicais, da Europa e do Atlântico. E, enfim, um espaço privilegiado pela História que nos proporciona três tempos: o geográfico, o social e o individual.

Ao longo desses três tempos deparam-se-nos os ritmos lentos dos movimentos de longa duração que regem os tempos da Economia, dos Estados, das

Sociedades e das Civilizações. Face a tal interpretação, a História deixa de ser um fim para se tornar num meio de interpretação de todas as realidades estruturais.

Isto é: Braudel pondera os equilíbrios instáveis mais duradouros entre os homens, o clima e o sol, a terra e o mar, os animais e as plantas, as possibilidades e os limites das civilizações. É um novo conceito de história, uma nova metodologia historiográfica.

Uma história aberta

Semelhante atitude, tal visão da vida, vai chocar a Universidade académica, desconfiada, reticente, indiferente, hostil. Mas Braudel cria as condições do diálogo, diálogo ainda hoje aberto — e anima uma reflexão permanente sobre a história e as suas relações com as outras ciências sociais.

Vê-se obrigado, no entanto, a desenvolver esse diálogo fora da Universidade — e temos de mencionar então como pontos de referência a Escola de Paris dos Altos Estudos e os *Annales*. Os *Annales*, como o reconhecem peritos, trazem a marca inconfundível de Braudel, uma lenta ruptura com a história tradicional então em voga, a dos homens de Estado, a dos cabos-de-guerra, a dos diplomatas...

Cinco anos de cativeiro na Alemanha não o demovem dos seus propósitos: redige de cor, sem fichas e sem as suas fontes, o seu discurso sobre uma história englobante. Prisioneiro, atastado do Mediterrâneo, dessa encruzilhada de povos se lembra — e ali termina um livro que lhe é dedicado, intitulado *Um livro de contemplação*. Mais uma vez surpreende, choca, fascina — mas continua a concretizar uma nova visão histórica dos actos e fenómenos humanos no espaço e no tempo.

Pode dizer-se, enfim, que criou os instrumentos institucionais da afirmação de uma nova História, de uma História que se abre em direcção à geografia, à economia, à sociologia — e, já mais perto de nós, nos tempos que ora correm, à psicologia, à antropologia e à linguística. A História, em suma, sob o signo da globalidade, ou para nos servirmos de uma expressão matemática a que Braudel dava particular atenção: o conjunto dos conjuntos.

Historiador global, tendo compreendido o essencial e o acessório, Fernand Braudel teve um enterro muito discreto: isso pediu ele à família e a família cumpriu.

Thatcher rejeita negociações sobre futuro das Malvinas

A Grã-Bretanha não está disposta a negociar a soberania sobre as ilhas Malvinas, apesar do apelo da ONU para que encete conversações com a Argentina nesse sentido — anunciou a chefe do Governo britânico.

A primeira-ministra, Margaret Thatcher, rejeitou, na Câmara dos Comuns, pedidos para o início das negociações.

A Assembleia Geral da ONU aprovou na quarta-feira, por 107 votos contra quatro, uma proposta no sentido de que os Governos de Londres e Buenos Aires iniciem conversações que abarquem todos os aspectos do seu contencioso sobre as Malvinas.

«Quem quer que seja que acredite que uma moção que contém a frase **negociações sobre todos os aspectos do fu-**

turo das Malvinas não inclui a soberania, deve estar totalmente doido» — disse Thatcher.

O ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, Geoffrey Howe, por seu turno, afirmou lamentar que as Nações Unidas não tenham apoiado o direito dos malvinenses à autodeterminação, «um dos princípios básicos» defendido pela ONU.

O ministro acrescentou que a votação de quarta-feira na ONU não influirá na determinação do Governo em cumprir a sua obrigação para com os ilhéus.

Acordo anglo-irlandês

O acordo anglo-irlandês sobre o Ulster conseguiu ultrapassar em Dublin o seu último obstáculo parlamentar.

Tal como se esperava, o Se-

nado, a Câmara Alta do Parlamento da República da Irlanda, aprovou a noite passada o tratado, por 37 votos a favor e 16 votos contra, devido à influência da maioria do Governo de coligação de Garret Fitzgerald.

A decisão significa que o acordo, assinado em 15 de Novembro pela primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, e pelo seu homólogo irlandês, Garret Fitzgerald, foi finalmente aceite pelos deputados britânicos e irlandeses.

Entretanto, nos meios políticos especula-se que a Primeira Conferência Anglo-Irlandesa sobre o Ulster será realizada na semana de 8 de Dezembro, e presidida pelo ministro britânico para os Assuntos da Irlanda do Norte, Tom King e pelo ministro irlandês dos Negócios Estrangeiros, Peter Barry.

Solidariedade internacional com o povo palestino

O Dia Internacional de Solidariedade com o Povo Palestino, proclamado pela ONU como reafirmação do seu apoio à causa palestina, nos seus direitos inalienáveis à autodeterminação, independência e soberania, é assinalado hoje em todo o Mundo.

A data é assinalada na sede das Nações Unidas, em Nova Iorque, com uma cerimónia especial da «Comissão para o Exercício dos Direitos Inalienáveis do Povo Palestino».

O secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, endereçou uma mensagem por ocasião da data, a qual será lida durante a cerimónia.

Na mensagem, Cuellar salienta que continua a ser «responsabilidade primordial» da ONU a procura de uma solução política para o problema palestino.

A questão palestina, resultante da ocupação da Palestina por Israel, remonta a 1917, quando o Governo britânico deu parecer favorável à «Declaração Balfour» (nome do ministro britânico dos Negócios Estrangeiros), que visava arranjar um lar para os judeus dispersos pelo Mundo.

A ideia, considerada utópica até à Primeira Guerra Mundial, teve como fonte o Congresso Sionista de Basileia, em 1879,

em que os judeus manifestaram a aspiração de criar um lar para o seu povo, tendo-se também admitido na ocasião o alargamento da Palestina, dada a sua exiguidade para albergar dez milhões de judeus.

Contudo, em 1920, a Palestina (até então sob o domínio turco), passou para controlo britânico, o qual foi prolongado até 1948. Nesse período, num esforço para dar cumprimento à Declaração Balfour, assistiu-se a um êxodo massivo dos judeus para a Palestina e ao início da resistência palestina às forças militares britânicas e paramilitares judaicas.

Esta manhã

Radicais sabotaram comboios no Japão

Mais de 20 actos de sabotagem que paralisaram a circulação ferroviária originaram esta manhã um verdadeiro pandemónio nas grandes cidades japonesas onde milhões de pessoas não conseguiram transpore para se deslocar aos locais de trabalho.

A Polícia japonesa atribuiu as acções de sabotagem ao grupo esquerdista Chuk-Aku-Ha, considerando que se trata de um apoio à greve de 24 horas convocada pelo Sindicato dos Maquinistas de comboios da província de Chiba para protestar contra o projecto de privatização da Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro japoneses.

Governo belga empossado

O rei Balduino empossou o novo Governo belga integrado pela coligação cristã-democrata-liberal do primeiro-ministro Wilfried Martens, anunciou o Palácio.

Um porta-voz do sindicato desmentiu qualquer relação com os sabotadores.

Em diversos pontos do país, nomeadamente em Tóquio e Osaka, houve recontros entre a Polícia e grupos de manifestantes, os quais deixaram sete feridos entre os membros das forças de segurança. Foram efectuadas detenções.

O grupo esquerdista Chuk-Aku-Ha, a quem a Polícia atribuiu os atentados, opera no Japão há mais de 20 anos, e ficou célebre em todo o mundo pela espectacular campanha de luta contra a construção e posterior ampliação do aeroporto de Narita.

O novo gabinete de 15 ministros é basicamente uma remodelação do anterior, também chefiado por Martens nos últimos quatro anos, com poucos nomes novos.

Problemas da África

Conversas vão prosseguir

As conversações entre Angola e Lusaca, depois de dois dias de reuniões de quarta e quinta-feira, representantes dos governos de Washington abriram caminho sobre os problemas da África, notícias divulgadas esta manhã.

Nos trabalhos dos últimos dias a delegação angolana foi chefiada pelo ministro do Interior, Alexandre Rodrigues «Kito», membro do Bureau Político do MPLA, e incluiu o vice-ministro das Relações Exteriores, França Van Dunem, antigo embaixador em Lisboa.

A delegação norte-americana foi dirigida pelo secretário de Estado adjunto para os Assuntos Africanos, Chester Crocker.

África do Sul de delegação

A África do Sul concordou com a entrada no país de uma delegação da Commonwealth para analisar as perspectivas de uma evolução pacífica dos conflitos raciais ali existentes, disse uma fonte oficial.

Observadores adiantam que esta decisão representa uma sensível mudança de atitude respeitante a posição original do presidente sul-africano, Pieter Botha, que anteriormente afirmou não permitir que outros países «interviessem nos assuntos internos do seu país».

A comissão tornou-se depois da reunião dos países da Com-

Cimeira de I

O presidente romeno, Nicolae Ceausescu, afirmou, que a cimeira de Genebra entre os líderes soviético e norte-americano constituiu um desapontamento e incitou as superpotências a alcançar um acordo de desarmamento rápido, anunciou a agência Agerpres.

Sínodo dos bis

O Sínodo extraordinário dos bispo de Genebra decidiu que a cimeira de Genebra entre os líderes soviético e norte-americano constituiu um desapontamento e incitou as superpotências a alcançar um acordo de desarmamento rápido, anunciou a agência Agerpres.

A decisão foi tomada no início ao ser aprovada por braço erguido Paulo II e dos três presidentes de F.O. Foi também designada uma comissão, que será posteriormente noda.

INTERNACIONAL

A África Austral

Relações entre Angola e os EUA possuem brevemente

Entre Angola e os Estados Unidos vão ter lugar, nos próximos dias, dois dias de contactos. A partir de quinta-feira entre os governos de Luanda e de Washington para novos contactos e para o caminho para novos contactos da África Austral — dizem as fontes da imprensa.

Estes contactos foram retomados, a pedido de Washington, depois de um interregno de mais de quatro meses imposto por Angola, devido à decisão tomada pelo Congresso dos Estados Unidos de revogar a emenda Clark.

Ao aceitar agora o resumo do diálogo, Angola espera aparentemente que o governo de Ronald Reagan ratifique a atitude tomada pelo Congresso e não

surja oficialmente a apoiar a Unita, movimento anticomunista que contesta o governo angolano e que é ajudado pela África do Sul.

Condições para a paz

O presidente da Zâmbia, Kenneth Kaunda, é actualmente o decano dos chefes de Estado da Linha da Frente e, como tal, está interessado em que as conversações de Angola com os Estados Unidos contribuam para o estabelecimento da paz nesta região do globo.

As condições apontadas como necessárias para a paz na África Austral são que a Namíbia se torne independente e que a República da África do Sul deixe de atacar o território de Angola ou de apoiar movimentos como a Unita ou a Renamo.

No entanto, para que facilite

te a proclamação da independência da Namíbia, por ela ocupada, a África do Sul tem vindo a pôr a condição de que deixem de estar em Angola muitos milhares de soldados cubanos.

Os Estados Unidos também costumam relacionar o caso da Namíbia com a presença em Angola de tropas cubanas, mas todos os países do Movimento dos Não-Alinhados têm dito que a presença ou não de cubanos em Angola é um assunto puramente interno, um caso a tratar entre Luanda e Havana.

Até hoje, os Estados Unidos ainda não reconheceram a República Popular de Angola, proclamada em Novembro de 1975. Mas um bom êxito das conversações entre as duas partes poderia levar a esse reconhecimento e ao estabelecimento de relações entre os governos de Washington e Luanda.

A África do Sul aceita visita da delegação da Commonwealth

monwealth, realizada em Outubro, nas Bahamas, e dela fazem parte sete elementos entre os quais o ex-primeiro-ministro australiano, Malcolm Fraser, e o ex-presidente da Nigéria, Olusegun Obasanjo.

O ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul, Roelof Botha, disse que a África do Sul cooperará com a delegação da Commonwealth, sem que isso signifique dar direito aos visitantes de «intervirem» nos assuntos internos do país.

Na decisão de Pretória em aceitar a visita da Commonwealth parece ter influido o go-

verno britânico.

Os observadores políticos consideram que a Grã-Bretanha terá indicado à África do Sul que era do seu próprio interesse permitir a visita da delegação ao país.

Entretanto, alguns líderes negros manifestaram preocupação quanto ao facto de o grupo da Commonwealth poder não insistir em falar com os dirigentes negros detidos.

O secretário interno de informação da Frente Unida Democrática (UDF), Mafison Morobe, disse que «para promover o diálogo, o Governo de Pretó-

ria deve ser forçado a democratizar o processo político, para que o povo negro possa eleger os seus líderes sem sofrer a repressão nem o controlo do Estado».

Um porta-voz da Polícia sul-africana informou entretanto que três guerrilheiros negros foram mortos ontem por forças de segurança, quando tentavam realizar um atentado contra um importante complexo industrial do país.

O acto de sabotagem visava as instalações da Sasol, a Leste de Joanesburgo, onde se extrai carvão líquido do carvão

A Genebra desaponta Roménia

Falando num congresso sobre ciência e ensino, em Bucareste, Ceausescu considerou, no entanto, «muito importante» o facto de ter havido um encontro entre o presidente norte-americano, Ronald Reagan, e o líder soviético, Mikhail Gorbachev.

«Mas devo dizer abertamente que o nosso país esperava que pelo menos fosse tomada uma decisão nesse encontro, através da qual as duas superpotências pusessem fim à corrida às armas, especialmente as nucleares», comentou.

A Roménia, sob a direc-

ção de Ceausescu, segue frequentemente uma orientação em matéria de política externa mais independente de Moscovo do que os outros aliados comunistas do Pacto de Varsóvia e congelou virtualmente o seu orçamento militar ao nível de 1983.

Bispos dirigirá mensagem ao Mundo

Os bispos reunidos no Vaticano, dirigiram uma mensagem ao Mundo, independentemente do fim dos seus trabalhos, foi ontem

o início da sétima Congregação Geral, erguido uma resolução do Papa João Paulo II, antes-delegados.

Uma comissão de redacção do documento submetido à aprovação do Si-

A emissão da mensagem constitui a novidade mais importante dos trabalhos de ontem, em que intervieram 17 membros do Sínodo, totalizando 104 intervenções.

Entretanto vários bispos defenderam a readmissão dos católicos divorciados, que voltam a casar-se, aos sacramentos da Confissão e Eucaristia, que hoje lhes é negada.

Esta questão foi levantada nas últimas sessões de ontem do Sínodo extraordinário sobre o Concílio Vaticano II, que principiou no dia 24 e termina a 8 de Dezembro.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MEDA

ANÚNCIO

No dia 15 de Janeiro de 1986, pelas 10 horas, no Tribunal desta comarca, na acção especial de arbitramento para divisão de coisa comum, movida pelos autores Mario Patricio Ribeiro e mulher, Teresa de Jesus Tomé Ribeiro, residentes na freguesia da Consolidação, desta comarca, contra os réus José Espírito Santo Tomé e mulher e outros, residentes na freguesia de Cútimos, da comarca de Trancoso, que correm termos pela Secretaria desta comarca, há-de ser posto em praça, pela 1.ª vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, o seguinte:

IMÓVEL

Uma casa térrea, sita na Rua do Pontão, limite da freguesia de Consolidação, que confronta de nascente e poente com ruas públicas, no norte com Silvério Ribeiro e do sul com Francisco da Cruz, inscrita na matriz predial urbana sob o artigo 158, com o valor matricial de oitocentos e vinte escudos.

Meda, 21 de Novembro de 1985

O Juiz de Direito
Horácio Alexandre Teófilo Lucas
O Escrivão Adjunto
António Reinaldo Cordeiro

D.L. 29/11/85 — 1.ª Pub.



“não deite
papeis no chão

54 45 45



centro S.O.S.
voz amiga

CONVOCATÓRIA

SOCIEDADE COOPERATIVA DOS CATRAEIROS DO PORTO DE LISBOA S

Ao abrigo do n.º 1 do Artigo 34.º dos nossos estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinária desta Sociedade Cooperativa, para as 18.30 horas do dia 18 de Dezembro de 1985, na sede social — Avenida 24 de Julho, 96 — 1.º em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

- § — Apreciação, votação do Orçamento e Plano de Actividade para o Exercício de 1986.
- § — Esclarecimentos internos a ser dados à Assembleia, pela direcção da Cooperativa.

Se à hora indicada não houver “quorum”, será a mesma iniciada uma hora depois com quaisquer número de associados.

Lisboa, 27 de Novembro de 1985

O Presidente da Mesa da
Assembleia Geral

Domingos Antunes Viegas

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 5.º JUÍZO

ANÚNCIO

Faz-se saber que no dia 9 de Janeiro de 1986 pelas 10 horas, neste Tribunal, 5.º Juízo Cível de Lisboa e 3.ª secção, nos autos de EXECUÇÃO ORDINÁRIA N.º 7561 que ASIPOR MAQUINAS IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, LIMITADA, com sede na Av. Estudos Unidos da América 21 e D.º em Lisboa move contra CARLOS ALFREDO TEIXEIRA SOARES comerciante com domicílio na Av. Fontes Pereira de Melo n.º 6 — Loja 2 em Lisboa há-de ser posto em praça, pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido, acima do valor indicado no processo os seguintes bens móveis: Uma fotocopiadora da RANK XEROX, várias secretarias metálicas, duas armações metálicas, um ficheiro metálico, uma máquina de escrever, duas máquinas de calcular, três porta-papeis cromados, uma máquina de fotocópias de marca REGMA, dois armários metálicos, um expositor para livros e três cinzeiros de pe-

Lisboa, 15 de Novembro de 1985

O Juiz de Direito
José Sebastião de Melo Bacia Queiroz

A Escriturária
Vida Maria Reis Pinto Martins Machado

«D.L.» — 29/11/85 — 1.ª Pub.

ANÚNCIO

(Proc. 2409)

O Doutor ANTÓNIO MANUEL PEREIRA, Mm.º Juiz de Direito do 9.º Juízo Cível da comarca de Lisboa.

Faço saber que pelo Juízo de Direito desta comarca e segunda secção correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio citando os credores desconhecidos do(s) executado(s) EDUARDO MARIA GIBBS SALVAÇÃO BARRETO, residente na Av. 5 de Outubro, n.º 77.3.º Esq. 1000 LISBOA, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na Execução Ordinária movida por BANCO PINTO & SOTTO MAYOR, E.P. — com sede na Rua Aurea, 28, em Lisboa —, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Para constar se passou o presente que vai ser legalmente afixado.

Lisboa, 27 de Novembro de 1985

O Juiz

António Manuel Pereira

O Escrivão de Direito

António Lopes Martins

D.L. 29/11/85 — 1.ª Pub.



RTC

concurso



IMPORTANTE: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um, Dois, Três, Apartado 4315 — 1508 Lisboa Codex

NOME

Idade

Profissão

Morada

Localidade

Cod Postal

Freguesia

Conceito

Tem televisão?

ACOMPANHANTE

Idade

Profissão

Parentesco ou relação

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

O Dr. Manuel Nunes Ferreira, Juez de Direito (Substituto), do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa:

FAZ SABER que, pela 2.ª Secção deste Juízo e na acção emergente de contrato individual de trabalho com processo comum-somário registada sob o n.º 70/82, movida pela Autora MARIA CELESTE DOS SANTOS ALBANO PEREIRA, residente em Quinta do Mendes, lote 39-r/c porteira, em Odivelas, contra os Réus VITOR JORGE TAVARES MARQUES e ROSA CRUXINHO TAVARES MARQUES, com última residência conhecida em Zona I Chelas, lote 6-3.º B; e o Sr. JOÃO CARLOS COELHO FRANCISCO, com última residência conhecida em Rua Lopes, n.º 108-1.º Esq. em Lisboa, todos estes actualmente em parte incerta, ficam notificados de que foi designado o próximo dia 16 de Dezembro de 1985, pelas 10 horas, a fim de se proceder a audiência de discussão e julgamento, nos autos acima identificados e de que terão de apresentar as suas testemunhas, nos termos do art.º 88.º do C.P.T. e de que é obrigatória a sua comparecência pessoal, no dia e hora atrás indicados, nos termos e sob cominação do art.º 89.º do referido Código, e, ainda para o prazo de cinco dias, vir a efectuar o preparo para julgamento, no montante de Esc. 2660\$00, o qual será pago mediante guias a solicitar na respectiva Secção de processos.

Lisboa e Tribunal do Trabalho, aos 29 de Outubro de 1985

O Juez de Direito (Substituto)
a) Manuel Nunes Ferreira

O Escrivão de Direito
a) José da Silva Gaspar

DL 29/11/85 - 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 11.º JUÍZO

ANÚNCIO

O DOUTOR ROGÉRIO DA SILVA E SOUSA, Juez de Direito do 11.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa:

FAZ SABER que, pela 2.ª secção deste Juízo correm seus termos uns autos de Acção de Despejo n.º 6043 em que é autor JOAQUIM NEVES PIPA, residente na Rua Cláudio Nunes, 87-1.º Esq. em Lisboa e Réus ADRIANO ANTONIO DOMINGUES TORRES e mulher cuja identidade se ignora, ausente em parte incerta, mas que tiveram a sua última morada conhecida na Rua A, n.º 137-A, Porta 2, no Bairro da Liberdade, em Lisboa, pelo que são por este meio citados os referidos Réus, para comparecerem neste 11.º Juízo Cível, 2.ª Secção, no dia 19 de Dezembro de 1985, pelas 10 horas, a fim de se proceder a tentativa de conciliação, devendo os Réus comparecerem pessoalmente ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir.

No caso da tentativa se frustrar, poderão os Réus, contestarem querendo e, porventura reconvirerem, pedindo e indemnizações a que se julguem com direito, no prazo de 10 dias a contar daquela data.

Lisboa, 15 de Novembro de 1985

O JUIZ DE DIREITO

Rogério da Silva e Sousa

A ESCRIVÁ ADJUNTO (illegível)

D.L. - 29/11/85 - 2.ª PUB.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOURES

ANÚNCIO

O DOUTOR CARLOS MARCOS RODRIGUES, JUIZ DE DIREITO DO TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOURES, 3.º JUÍZO - 1.ª SECÇÃO.

FAZ SABER que nestes autos de Acção Especial de Despejo registados sob o n.º 387/85, que Joaquim Severino, residente na Av.º Estados Unidos da América, 84-3.º Esq.º, em Lisboa, move contra TAPSER PORTUGUESA, LDA, com última morada conhecida na Quinta do Figo Maduro 1.º Rua Particular J.S. Amazém n.º 8 e Quinta do Figo Maduro, Rua «A», LL, 2.º, ambas em Camarate, nesta Comarca, de que se encontra designado o dia 7 de Fevereiro, de 1986, pelas 9,30 horas, a fim de ter lugar uma Tentativa de Conciliação a que se refere o art.º 972.º do Código de Processo Civil, citando por este meio o aludido réu, para comparecer neste tribunal naquele dia, ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir, no caso de não poder comparecer ou a tentativa se frustrar, começará a correr o prazo de cinco dias, contados da data da referida Tentativa de Conciliação, para o prazo de cinco dias, findo o qual, o réu, contestar, querendo, a mencionada Acção de Despejo, e, ainda deduzir em reconvenção o pedido de benfeitorias ou indemnizações a que se julgue com direito.

Para constar se lavrou o presente que vai ser devidamente publicado. Loures, 18 de Novembro de 1985.

O JUIZ DE DIREITO,
a) Carlos Marcos Rodrigues

O ESCRIVÁO ADJ.,
a) Fernando Pedrosa Simões

«D.L.» 29/11/85 - 2.ª Pub.

Jugoslávia: quadragésimo

Relações Portugal-Jugoslávia

1985 foi um ano bom

Este ano registou-se um novo e importante impulso na continuidade das relações, muito boas, que existem entre a Jugoslávia e Portugal. A visita à Jugoslávia do Presidente da República Portuguesa, general António Ramalho Eanes, em Maio de 1985, constituiu a reconfirmação da amizade e do alto nível de entendimento mútuo, proporcionando ao mesmo tempo a oportunidade de uma troca de opiniões sobre a continuação do desenvolvimento da cooperação mútua em todos os domínios.

As conversações do Presidente português com o seu anfitrião, o Presidente da Presidência da RSF da Jugoslávia, Radovan Vlaković, e as dos colaboradores de ambos, especialmente as dos dois ministros dos Negócios Estrangeiros, drs. Jaime Gama e Raif Dizdarević, revestiram-se de grande importância, nomeadamente do ponto de vista da dinamização dos contactos políticos e do processo do reforço da segurança e cooperação na Europa.

A adesão de Portugal à CEE, com a qual a Jugoslávia tem um acordo especial, abre mais espaço à cooperação e dá uma nova dimensão às relações bilaterais.

O interesse e determinação dos dois países em contribuir ao máximo para a resolução das crises actuais e das tensões internacionais através da via política, representam a garantia de continuidade da cooperação frutuosa, não só bilateral, mas também num plano mais vasto, especialmente no âmbito da ONU e de outras organizações internacionais.

Por outras palavras, Portugal e a Jugoslávia constituem um bom exemplo de como dois países com sistemas políticos diferentes e posicionamento internacional diverso podem efectivamente desenvolver uma cooperação frutuosa, contribuindo para o diálogo e a confiança, no interesse mútuo do desenvolvimento e da paz.

Verifica-se com satisfação que em Portugal se conhece e se acompanha com simpatia a actividade da Jugoslávia que, como país socialista, autogestionário e não-alinhado, prossegue a via consequente traçada em vida de Tito, especialmente no empenhamento a fundo do Movimento dos Países Não-Alinhados.

A continuidade da amizade

exige naturalmente a continuidade do diálogo e a intensificação da cooperação bilateral em todos os domínios, que sem dúvida prosseguirá no futuro.

Países europeus mediantemente desenvolvidos, registando problemas semelhantes nas suas economias, Portugal e a Jugoslávia esforçam-se não obstante por concretizar, melhorar e reforçar as relações, através das trocas comerciais e outras formas de cooperação económica, como a cooperação industrial, a participação em terceiros mercados e outras. Determinados factores objectivos não favorecem porém a existência de uma cooperação económica mais dinâmica e consistente como, por exemplo, a distância que separa os dois mercados, o conhecimento ainda não suficiente das possibilidades dos dois parceiros, a orientação tradicional para outros mercados das economias dos dois países, etc. Além disso, pelo elevado endividamento externo, procuram aumentar as exportações, para assegurar os meios de pagamento das dívidas e conseguir um saldo positivo nas respectivas balanças de transacções.

Apesar das dificuldades, verifica-se que as trocas comerciais aumentam progressivamente, em valor e qualidade. Não se trata já de negócios ocasionais, porquanto determinadas mercadorias passaram a ser constantes e tradicionais. Ao mesmo tempo, aumenta o interesse das empresas dos dois países, exigindo assim uma informação mais aprofundada sobre os possíveis parceiros.

No quadro dos esforços mútuos orientados para o aumento do comércio entre os dois países, a empresa mista luso-jugoslava «Jugoport» representa uma experiência significativa e positiva, concretizando-se através dela a maior parte da cooperação.

Iniciativas, intenções e contactos indicam que as condições e possibilidades de cooperação existem de facto e prometem que, uma vez estabelecidos os acordos necessários, nomeadamente nos domínios da metalurgia, petroquímica e construção naval, as trocas mútuas aumentarão várias vezes.

Acordo de cooperação

Consciente de que a cooperação económica não pode realizar-se ao acaso, a Câmara Económica da Jugoslávia e o ICEP, instituições a quem compete coordenar a participação das respectivas empresas no estrangeiro, assinaram recentemente um acordo de cooperação englobando o programa das actividades concretas que deverão conduzir a um melhor conhecimento dos parceiros e à identificação dos interesses da cooperação.

O grande impulso a todas as iniciativas será porém a reunião da Comissão Mista para a Cooperação Económica, que se realizará em Lisboa, a nível ministerial. As duas delegações terão então ocasião de analisar os resultados da cooperação no período precedente, examinar a actual situação e as perspectivas de relacionamento, em particular no contexto da adesão de Portugal à CEE.

As conversações no âmbito do Comité Misto representam também uma oportunidade para discutir outras possibilidades de cooperação, nomeadamente nos sectores do Turismo, Finanças e Transportes.

No domínio da Cultura, Educação e Desporto, como de outros igualmente importantes para aperfeiçoar o conhecimento recíproco, também se conseguiram resultados.

Suscitou particular interesse a «Semana da Jugoslávia», em Fevereiro deste ano, em Lisboa, iniciativa que contou com a colaboração e apoio do Ministério da Cultura, Direcção-Geral das Relações Culturais Externas do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Câmara Municipal de Lisboa, Palácio Foz, Cinemateca Portuguesa, Teatro S. Carlos, Palácio de Queluz e outras entidades. Também este ano, diversos artistas e conjuntos jugoslavos se apresentaram em Portugal. Por outro lado, realizou-se na Jugoslávia o «Ciclo de Cinema Português».

Funciona com êxito o Leitorado de Língua e Cultura Portuguesa, na Universidade de Zagreb e, por sua vez, aumenta o interesse dos portugueses em aprenderem as línguas das Nações jugoslavias.

Após a publicação em língua servo-croata da obra-prima da Literatura portuguesa, os Lusíadas, foram recentemente lançadas traduções de obras de Miguel Torga e Rosa Colaço.

A reunião do Comité Misto para a Cooperação Cultural, Científica e Técnica, prevista para o início de 1986, oferecerá a ocasião de passar em revista as possibilidades existentes nestes domínios e de estabelecer novo programa de cooperação.

Informação

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 17 de Dezembro de 1985, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração do bar da estação de Estremoz.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 12 000\$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C.P., a quantia de 2 000\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Estremoz

Casa Branca

Évora

Serviço Comercial da Região Sul
BARREIRO

Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E.P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração do bar da estação de Estremoz».

Caminhos de Ferro Portugueses

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

11.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens dados em penhor pelos Réus, para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias que começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Acção Especial de venda e penhor n.º 4108 - 1.ª Secção.

Autor: Banco Pinto & Sotto Mayor E.P.

Réus: Eduardo Maria Gibbs Barreto e mulher Maria Helena Soares Moraes Salvação Barreto residentes na Rua Dr. José Joaquim de Almeida, lote 5-1.º em Cascais, Eduardo Luís Moraes Salvação Barreto residente na Torre Miramar n.º 2-11.º-B em Carcavelos, Nuno Moraes Salvação Barreto, residente na Rua Mormugão n.º 4-4.º-Dt.º frente, em Setúbal, e ainda Luís Eduardo Moraes Salvação Barreto residente com os primeiros réus.

Lisboa, 30 de Outubro de 1985

O Juez de Direito
a) João Alfredo Diniz Nunes

A Escrivão Adjunto
a) Maria Helena dos Santos Gonçalves

D.L. 29/11/85 - 1.ª Pub.



Montenegro: o turismo



A capital e o campo: modernidade e tradição

Direitos e liberdades: a principal conquista

A Jugoslávia, que comemora agora o quadragésimo aniversário da República, assenta nas liberdades e direitos do homem a sua principal conquista.

O respeito pelos direitos do homem e das liberdades na Jugoslávia ocupa um lugar crucial na Constituição Federal, tal como na constituição das suas seis Repúblicas socialistas e das suas duas províncias socialistas autónomas. As linhas directrizes essenciais destas liberdades, tal como as diversas partes do sector do direito do homem foram estabelecidas durante a luta de libertação nacional e da revolução.

Conduzindo uma guerra de quatro anos contra os soldados de Hitler e Mussolini, bem como contra os seus colaboradores e traidores do país, o povo e os nacionalistas jugoslavos tiveram plena consciência de que a sua união democrática, sob o «slogan» da fraternidade e unidade, eram, na verdade, a premissa fundamental da pro-

moção e do aprofundamento dos direitos do homem.

A Constituição adoptada em 1946 dava já uma atenção especial aos direitos do homem. Este acto legislativo apontava definitivamente «ad acta» na Jugoslávia socialista, contra a ordem do reino da Jugoslávia dantes da guerra, que assentava na desigualdade, em direitos nacionais-burgueses, económicos, culturais e outros.

O socialismo na Jugoslávia deu os seus primeiros passos ao abrir uma nova fase na realização dos direitos e liberdades do homem. Com a entrada na era da autogestão no começo dos anos cinquenta, e particularmente com a adopção da Constituição de 1963 e na de 1974, actualmente em vigor, o tratamento dos direitos do homem na Jugoslávia obteve um lugar de

relevância na opinião pública democrática mundial.

Com efeito, a autogestão socialista neste país é um processo de libertação do homem, que tem como princípio a eliminação de todas as formas de alienação na criação de uma associação livre de produtores. Por esta razão, um dos direitos fundamentais do homem e do cidadão na Jugoslávia é o direito à autogestão. Dá-se assim a cada um o direito de decidir os seus próprios interesses, bem como os interesses comuns, tanto nas colectividades de trabalho como em todos os outros sectores.

A Constituição da RSFY diz: «as liberdades, os direitos e os deveres do homem e do cidadão, estipulados por esta constituição, são uma parte inseparável da expressão das relações democráticas autogestionárias socialistas, nas quais o homem se liberta de toda a exploração e pelo seu trabalho pode criar as condições do desenvolvimento universal, da liberdade de ex-

pressão, da personalidade e do respeito pela dignidade humana».

Consequentemente, para a Constituição da RSFY, as constituições republicanas e provinciais, a existência de novos direitos que se exprimem pelo direito de trabalhar com os meios sociais e o direito à autogestão, é característico.

Neste quadro estão também estipuladas as ditas «liberdades políticas»: a liberdade de pensar, de optar, a liberdade de imprensa e das outras formas de informação, a liberdade da associação, a liberdade da palavra, de reunião e de manifestação pública, a liberdade de religião, o direito à habitação social, o direito à protecção sanitária, etc.

Não são dogma

Na comunidade socialista e autogestora jugoslava, os direitos e as liberdades do homem

não são entendidos como um dogma, como qualquer coisa dada de uma vez por todas. A adopção dos últimos direitos

constitucionais e da Lei Constitucional de 1953, afirma justamente que o domínio das liberdades e dos direitos humanos não pode ser um processo acabado e fechado.

E isto é aceite sem ser contestado nas actuais discussões intensivas sobre o aperfeiçoamento e enriquecimento do sistema político assente nas lições tiradas da prática até este momento.

Assim a «Declaração Universal dos Direitos do Homem», adoptada pelas Nações Unidas, enriqueceu, sem dúvida alguma, as condições na Jugoslávia, onde o objectivo é justamente a libertação da personalidade humana em todos os seus domínios de trabalho e criação.

A Jugoslávia, nas suas soluções constitucionais, não se limitou a introduzir as liberdades

cívicas clássicas, mas tentou, e continua a tentar, que as formas de direitos do homem se reflitam directamente nas aspirações contemporâneas de expressão humana. Por esta razão recorreu-se a numerosas soluções originais, na esfera das liberdades humanas. Entre estas soluções encontra-se o direito à informação. Esta grande aquisição da prática socialista e autogestora jugoslava dá o direito ao trabalhador e cidadão de ser informado sobre todos os acontecimentos, não somente de interesse pessoal para ele, como também de interesse para todo o país.

Por todas estas razões, as liberdades e direitos do homem na Jugoslávia vêm sendo cada vez mais um exemplo que chama claramente a atenção, em particular nos últimos tempos, dos países de orientações políticas e ideológicas completamente diferentes.

Diferenças Norte-Sul: problema que subsiste

As diferenças de desenvolvimento entre o Norte e o Sul da Jugoslávia ainda não foram superadas. Quarenta anos depois da revolução, este continua a ser ainda um problema de difícil solução.

Consciente de que sem o progresso das regiões subdesenvolvidas, não há desenvolvimento harmonioso e dinâmico de toda a comunidade, os jugoslavos, nos seus últimos quarenta anos de liberdade, desenvolveram enormes esforços para superar as diferenças entre o «norte» e o «sul» jugoslavo. O desenvolvimento mais rápido das repúblicas e províncias insuficientemente desenvolvidas esteve no seio da estratégia do desenvolvimento socioeconómico de todo o país desde os primeiros dias da edificação socialista. Obtiveram-se resultados incontestáveis, mas o problema de desigualdade mantém-se actual.

Devido a consequências históricas e outras heranças, três repúblicas da Jugoslávia mantêm o estatuto de pouco desenvolvidas — a Macedónia, Mon-

tenegro, Bósnia e Herzegovina, assim como a província de Kosovo.

Na últimas décadas, a política, o sistema e os métodos de estímulo ao desenvolvimento mais rápido das regiões insuficientemente desenvolvidas, que estiveram limitadas pelo desenvolvimento material e social geral do país, foram mudadas e aperfeiçoadas. Da orientação centralizada inicial dos investimentos nas economias pouco desenvolvidas, **passou-se progressivamente a uma maior associação a investimentos e projectos comuns entre as regiões desenvolvidas e insuficientemente desenvolvidas.**

Ajuda intermediária

As três repúblicas menos desenvolvidas e a província de Kosovo recebem actualmente

ajuda intermediária de dois mecanismos. O primeiro é constituído pelos fundos da Federação, pelo financiamento para o desenvolvimento mais rápido dos insuficientemente desenvolvidos, fundado em 1965. O funcionamento deste fundo mudou também com os anos e hoje os seus meios formam-se a partir duma percentagem do produto social da Eslovénia, Croácia e Sérvia, fixado por cada quinquenário. No quinquenário actual, a percentagem é de 1,86 por cento. A metade do fundo reunido é concebido sob a forma de empréstimos, e a segunda metade é destinada à associação do trabalho e dos meios, a saber conforme a realização de projectos comuns.

Os meios mais importantes dos fundos da Federação, cerca de 43 por cento, são dirigidas para a região menos desenvolvida, a província de Kosovo.

Nas duas últimas décadas, por intermédio deste fundo, cerca de 4,7 milhares de dólares (dados em 1984) foram investi-

dos no desenvolvimento das regiões menos desenvolvidas, situando-se a Jugoslávia no meio dos países que desenvolvem os maiores esforços com vista no desenvolvimento regional mais rápido e mais uniforme. Os créditos do fundo são concedidos em condições bem mais favoráveis que aquelas em vigor no mercado de créditos, do ponto de vista de detalhes, interesses e período de auxílio.

No decorrer dos últimos quatro anos, igualmente por intermédio do fundo, 532 acordos autogestionários de programas de trabalho comuns de repúblicas e províncias desenvolvidas foram concluídos, donde 190 foram realizados e os restantes encontram-se na sua última fase.

Uma outra forma importante de ajuda às regiões insuficientemente desenvolvidas é representada pelos meios complementares retirados do orçamento da Federação. Entre 1981 e 1984, a Federação concedeu ainda 325 milhões de dólares. e

este ano deverá despendar para este fim mais 175,8 milhões de dólares.

Ao lado destas duas formas de ajuda, os menos desenvolvidos têm prioridade na utilização de créditos estrangeiros, na segurança de divisas para a importação de equipamento, na taxa de importação de equipamentos, etc.

Mudanças dinâmicas

Tudo isto permitiu à economia das regiões menos desenvolvidas realizar mudanças dinâmicas, nomeadamente no desenvolvimento da indústria, da agricultura, da água, na silvicultura, nas comunicações, no turismo...

No entanto, apesar de moderadas, as grandes diferenças económicas actuais mantêm-se. As dificuldades económicas actuais que se encontram por todo o país, não reduzem as possibilidades de progresso mais rápido e sensível dos menos desenvolvidos. Verdade seja dita,

convém assinalar que nem todas as circunstâncias foram favoráveis, como por exemplo a falta de tradição industrial, o importante aumento da população, a

estrutura económica desfavorável, a construção e activação de investimentos lentos. Não é mais segredo que certos meios de ajuda foram investidos em projectos falhados.

Por esta razão, o debate na assembleia jugoslava sobre projectos de quatro novas leis recai sobre mecanismos futuros de ajuda aos menos desenvolvidos. Preconiza-se sobretudo que os meios dos fundos da Federação sejam melhor empregues do que o têm sido até à data, com responsabilidade pelos riscos em negócios e uma maior influência do trabalho associado sobre a sua utilização. Ninguém nega que os menos desenvolvidos têm necessidade de ajuda no próximo período quinquenal (86-90), mas procura-se a melhor maneira de tornar essa ajuda mais eficaz.

Sporting: um golo no horizonte

Neves de Sousa

enviado-especial do «DL»

Bem: agora mais repousados, já em Lisboa, faça-se um sereno exame de como o Sporting conseguiu, no infernal palco bilbaíno, no decantado «charco de San Mamés», um resultado bem airoso que lhe permite, se tiver os pés bem assentes na relva e não for prodigo na concessão de oportunidades dentro da sua área de rigor, virar a eliminatória uefeira a favor de Portugal e prosseguir pela Europa como um corcel veloz.

Está mais que contado como as coisas foram sucedendo. Recepção primorosa dos dirigentes bilbaínos, estádio à disposição para treino, instalações e autocarro à ordem dos «leões» lusitanos. Mas, com argúcia que tem alongado os tempos do Atlético de Bilbao, canhões regando a relva uma hora antes do início do jogo: de tal modo que, junto às laterais, nos corredores que os defesas costumam aproveitar para voarem a carrilar perigo até junto das malhas contrárias, quase dois pântanos. Porquê? Apenas e só face ao hábito dos homens de San Mamés estarem supertreinados e hiper-habitados a jogarem com esse solo assim «composto». Foi uma arma que perturbou o Sporting? Claro que sim: e sentiu-se isso, agravado pela tradicional «fúria espanhola» e pelos cânticos guerreiros de larga fátia de uma plateia altamente imbuída de espírito nacionalista impressionante, especialmente nos iniciais quartos de hora de cada metade da melancia. Foi nesses compassos do tempo que surgiram os tentos caseiros. O primeiro porque, depois de socar a bola, Damas não teve tempo material para regressar à cobertura do seu castelo e os demais colegas ficaram siderados. Depois, porque era completamente escusado conceder pontapé de canto, naquele lance em que, completamente senhor da situação, Fernando Mendes deu um toque mais forte no esférico e a redondinha lembrou-se de sair pela cabeceira. Na cobrança, o bombo da festa foi parar à cabeça de Julio Salinas que, perante estranha passividade de Oceano (que não saltou para a travagem) se limitou a fazer o seu papel.

Portanto, dois erros da nos-

sa defesa: mas tão facilmente emendáveis que, estamos em crer, não vão repetir-se pelos tempos mais próximos, neste «team» altamente profissionalizado e personalizado que veste as cores de Alvalade.

Aliás esse estado de alma tão arreigadamente nacionalista pró- País Basco, ficou bem definido no modo como os tentos do Borussia Moenchengladbach perante o Real Madrid e o golo do Las Palmas no cotejo com o Barcelona foram vivamente saudados na «catedral» do futebol espanhol: uma quase loucura, que perturbou o espectador mais leigo que não entendia às primeiras, o «ódio» quase visceral que os bascos «dedicam» a castelhanos ou catalães. É que só queria que vissem, que escutassem: golo dos germânicos ou magro remate certos dos homens do arquipélago foram tão festejados que os portugueses ficaram atónitos. E contava-me ontem Jaime Pacheco:

— Fiquei perfeitamente des-norteado. A bola estava nas mãos do Damas, eu já me tinha virado para o meio-campo do Bilbao e, de repente, ouvi uma gritaria e uma ovação tão grande que pensei o pior, que tinha havido qualquer percalço e tínhamos sofrido um golo. Afinal, era a rapaziada cá do sítio a ficar mais alegre com a derrota dos outros emblemas espanhóis que com a conquista do seu próprio sucesso.

Sem mais nem menos: a imagem exacta de um povo que (vimos ontem com estes que a terra há-de comer) não está com meias medidas para se virar contra tudo o que signifique jugo à sua ideia, canga em torno do pescoço, chicote espiado sobre as costas. Uma empresa metalúrgica de Bilbao está com nove meses de ordenados atrasados ou incertos, consoante a classe dos trabalhadores é menos ou mais favorável ao governo. Pois uns milhares de cidadãos, dos mais diferentes estratos sociais e idades, concentraram-se de frente da sede do governo basco (Eusko Gaurilariza) e protestaram contra a já anunciada dissolução da empresa que está a um passo da falência e verberaram os go-



Meade: o tento da esperança

vernantes por não lhe deitarem a mão, preferindo que vá desaguar ao golfo da Biscaia. A coisa assanhou-se imenso. De tal maneira que, recusada a recepção de uma delegação dos manifestantes, entrou-se no campo da pontaria baixa: automóveis virados, outros carros espatifados, torrentes de pedras a desabarem continuamente sobre a «embaixada» da Polícia de Intervenção, que desembocava de carros a capricho ornamentados com chapas blindadas e canhões de água.

Foi um pandemónio, com balas de borracha a trocarem caminho com as pedras, os jogadores e dirigentes do Sporting a serem (pela primeira vez) testemunhas de cargas de homem contra homem, manifestantes de dedo espetado para os jovens polícias e a bradarem-lhes a um palmo da cara:

— Sabemos bem como te chamas, onde moras, quem é a tua família. Estás marcado, escusas de fugir porque um dia ajustaremos contas... Só te safas se saíres da Polícia!

Duas horas durou esta convulsão: a única pausa foi concedida quando o autocarro com os atletas, dirigentes e jornalistas portugueses se preparava para tomar o rumo do aeroporto de Bilbao. Então, os manifestantes aplaudiram e, muitos com lágrimas na voz, pediam:

— Contem, contem no vosso País. Os bascos estão nas mãos

de um governo que utiliza a Polícia para fazer força sobre a sua lei que não é aquela que melhor serve o País Basco.

Qualquer testemunha faria o mesmo que nós: limitava-se a trazer para o papel a imagem, nem um pedaço deformada, daquilo que reteve no olhar.

Porém, regressemos ao futebol, ao joguinho em que o Sporting estava perdendo por 2-0. Ainda antes da bola começar «rolando sobre o tapete verde» já o cartão ictérica fora apresentado a Jordão. O árbitro (o suíço Andre Daina, juiz do famigerado embate Liverpool-Juventus, na tarde da tragédia no Heysel) deve ter feito turbulentamente a sesta: mal entrou no terreno pediu para ver os pitons das botas dos jogadores do Sporting e não esteve com meias medidas, obrigando-os a irem baixá-los e dando apenas dez minutos para a operação. «Caso contrário dou o encontro por terminado» — anunciou ao «capitão» Manuel Fernandes. Isto (logicamente) enervou alguns jogadores de Alvalade que, ao regressarem apressadamente ao palco, já estavam a olhar de soslaio para o apitador. Foi então que Jordão simulou por duas vezes que ia colocar a bola em jogo, o 11 deles (Argote) a correr também duas vezes para o nosso terreno tentando «bater o tiro» e Daina inflexível para o

português, desconhecendo que se Jordão estava enrolando a manta também o bilbaíno seu parceiro procurava ser rápido de mais.

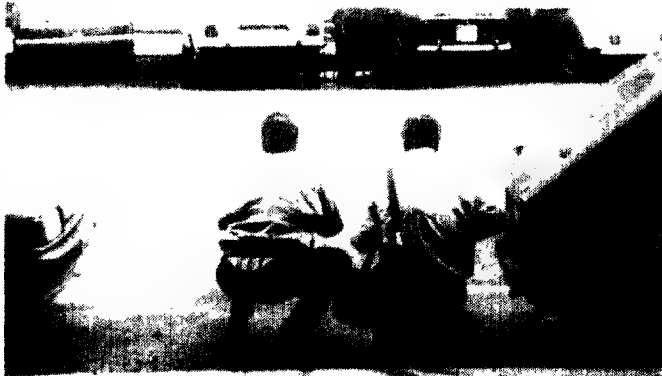
Marcado pelo «amarelo», o comandante do ataque verde-branco deveria ter ficado imperturbável quando o duríssimo Goicoechea (uma «encomenda» que só visto...) também o aviou no domicílio. Mas o angolano ficou em brasa: e, ripostando com o pezinho em riste, nas barbas do árbitro, foi para o olho da rua deixando o Sporting com 0-2 no «placard» e com uma unidade a menos no conjunto. Curiosamente, foi então que os pupilos de Manuel José cresceram, de tal maneira que o golo de Meade apenas pecou por escasso, mesmo em face do rendimento do britânico nos vinte e tal minutos que o deixaram estar na retina da multidão: um tento impressionante de determinação (trabalho arquitectado por Jaime Pacheco, entrosado pela charneira de Sousa e concluído em golpe de força e determinação por Meade) mas mais dois remates que quase iam transformando em cara pálida a altivez arrogante do treinador bilbaíno Javier Clemente que, já tentado para um salto até ao Real Madrid, diz mal de toda a gente julgando que o sol roda em torno da sua cabeça.

Enfim: foi preciso que Goicoechea (repetimos: aquele que partiu uma preciosa perninha do multimilionário Diego Armando Maradona) viesse

também ceifar Meade no tendão de Aquiles e atirá-lo para a marquesa. Ainda entrou em acção o argentino Saucedo, mas nem sequer teve tempo de evidenciar a sua mestria em ir também para a guerrilha directa e implacável...

Agora, um balanço das operações bem aferido, mostra-nos em pleno luzimento Gabriel (talvez o seu melhor jogo nos últimos anos), sensacionalmente também Sousa e Jaime Pacheco, ombreando todos os demais com a fogosidade e colocação de Venâncio e Morato, a aplicação de Mário Jorge e Fernando Mendes, a confiança inoculada na equipa pelo sóbrio e elegante Vítor Damas, o trabalho de sapa conseguido por Manuel Fernandes na travagem das descidas de De Andrés e a labuta constante que Jordão despendeu na luta com uma dupla de contrários que tinham arame farpado na biqueira das botas. Oceano, que esteve muito incerto no período de abertura, subiu quando a equipa foi fustigada pela saída do seu pontapé-de-lança: mas esse foi um movimento tão colectivo que teria de arrastar até o negro, obviamente contagiado pela inspiração de Meade, velocista de uma cana, retalhador imediato das malhas de outra vanguarda, a justificar (de um ápice) as divisas despendidas com a contratação e a conseguir, com o seu golo, que a esperança continue viva e bem acesa nos corações de todos os portugueses desejosos de concluir em intenso brilho este ano do luso pontapé na bola: selecção de José Torres qualificada para o mundial fi-feiro, «onze» dirigido por José Augusto na alta escola dos juniores europeus, o comandante portista Gomes mostrando ao mundo a sua segunda bota-de-ouro «Adidas» e tanto Benfica (na Taça das Taças) como (espera-se confiadamente) Sporting na UEFA a mostrarem que não andamos a chutar com tamancos uma bola quadrada.

Verdade que um golo que baste é sempre arma de dois gumes: pode ferir para qualquer lado. Mas, se o bloco associativo presidido por João Rocha, estiver em peso, na noite de 11 de Dezembro, na moldura de Alvalade, apostamos dobrado contra singelo: já cá canta nova imagem sportinguista, toca a fazer malas, qual é o senhor que se aproxima?



Manifestação defronte da sede do Governo Basco. Polícia de Intervenção: tiros e pedradas. Sportinguistas atónitos. Bilbao, 1985

Salgueiros cresce

A Câmara Municipal do Porto assinou um protocolo no qual concede ao Sport Comércio e Salgueiros terrenos para o clube construir na cidade um complexo desportivo.

Composto por um estádio, campo de treinos relvado, piscina, court de ténis e um pavilhão gimnodesportivo, será construído por fases devendo a primeira iniciar-se em Janeiro próximo.

O custo total do empreendimento está orçado em 500 mil contos e terá a comparticipação do Estado em 60 por cento.

O protocolo agora assinado obriga ao Sport Comércio e Salgueiros a ceder as suas actuais instalações desportivas à Câmara municipal do Porto, para zonas verdes, logo que o complexo desportivo esteja concluído.

Durante a cerimónia, presidida por Paulo Valada, Carlos Abreu, presidente do Salgueiros, afirmou que a assinatura deste protocolo constituía «um marco histórico para a vida do clube».



Momento alto na vida do «velho» Salgueiros. O vereador portista Carlos Brito e o presidente da direcção do Salgueiros assinam o termo da cedência dos terrenos destinados ao futuro complexo desportivo da Arca d'Água.

Eurovisão «veta» sorteio do «mundial»

As televisões membros da União Europeia de Radiodifusão (UER), entre as quais a RTP, decidiram em Genebra não enviar comentadores ao sorteio do Mundial de Futebol de 1986.

A medida é uma forma de protesto das televisões europeias face ao que consideram a «exorbitante» taxa de 3000 dólares que a organização exige por cada comentador de televisão que se desloque ao sorteio a realizar dia 15 de Dezembro na Cidade do México.

Na reunião de Genebra, em que participou o jornalista Bessa Tavares em representação da RTP e em que outro português também esteve presente, António Florêncio, do Consórcio Europa Television, as televisões membros da UER afirmaram esperar que a organização do Mundial adopte uma posição mais flexível.

Entretanto, nos próximos dias 14, 15 e 16 de Dezembro, vão realizar-se na Cidade do México encontros de trabalho entre representantes da Federação Internacional de Futebol, de estações de televisão e a organização do Mundial.

Rali RAC

Toivonen bisa triunfo

O finlandês Henri Toivonen, ao volante de um Lancia, venceu pela segunda vez o Rali RAC, ao completar os 3200 quilómetros no tempo de nove horas e 32,05 minutos.

Toivonene, 29 anos, que há havia triunfado na prova em 1980, arrebatou o comando do Rali ao seu colega de equipa e compatriota, Markku Allen, depois de este último ter sofrido um pequeno despiste que lhe causou um atraso de cinco minutos.

No entanto, Toivonen foi também penalizado em 1,20 minutos por chegar atrasado numa das etapas classificativas, devido a problemas mecânicos, que foram superados.

Entre os desistentes no Rali figuram nomes grandes como

de Timo Salonen (campeão mundial), Hannu Mikkola (quatro vezes vencedor da prova), Walter Rohrl e Bjorn Waldegaard.

Os 10 primeiros

1.º Henri Toivonen, Finlândia, Lancia, 9:32.05; 2.º Markku Allen, Finlândia, Lancia, 9:33.01; 3.º Tony Pond, Inglaterra, MG Metro, 9:34.32; 4.º Per Eklund, Suécia, Audi, 10:00.35; 5.º Juha Kankkunen, Finlândia, Toyota, 10:10.53; 6.º Jimmy McRae, Inglaterra, Opel, 10:16.01; 7.º Terry Kaby, Nissan, 10:24.80; 8.º Russel Brookes, Inglaterra, Opel, 10:25.50; 9.º Rod Millen, Nova Zelândia, Mazda, 10:29.39 e 10.º Ingvar Carlsson, Suécia, Mazda, 10:29.57.

Benfica e Sporting irão «descongelar»?

Anderlecht coloca Van Loen na «arca frigorífica»

O Anderlecht continua à espera que os dirigentes do Utreque se mostrem «realistas» quanto à transferência do futebolista Van Loen.

O presidente do Anderlecht tem-se mostrado de certa forma irritado pela inflexibilidade do seu colega holandês e decidiu, momentaneamente, «pôr o caso Van Loen no frigorífico».

Esta atitude segue-se à recente visita de uma delegação do Anderlecht a Utreque e da recusa do presidente do clube local, Theo Aalbers, em receber a comitiva belga e escutar a nova proposta para a transferência do jogador.

Theo Aalbers mantém a exigência de dois milhões de florins (cerca de cento e dez mil contos) para iniciar as discussões. Fontes do clube afirmaram recentemente que a transferência poderá fazer-se por 99 mil contos, mas o clube belga ofereceu «apenas» 66 mil contos.

Por outro lado, e apesar de continuar interessado em Van Loen, o presidente do Anderlecht, Constant Vandendriessche, fez saber que o Anderlecht está interessado em alguns dos novos avançados do Ajax de Amesterdão.

O dirigente belga não avança nomes mas garante para breve uma «grande transferência». Fala-se em Marco Van Basten e Rob De Wit.

O mercado dinamarquês «não atrai os responsáveis do Anderlecht que o consideram caro». Já lá vai o tempo em que um jovem dinamarquês podia ser transferido por cinco milhões de francos (quinze mil contos), dizem fontes do clube.

O presidente do Anderlecht coloca assim em segundo plano o caso Van Loen, reconhecendo no entanto que o interesse de vários clubes europeus pelo jogador, casos do Benfica e do Sporting, o impediu de concretizar facilmente uma transferência rentável.

A propósito: João Rocha e Fernando Martins terão desistido da «operação»?

José Abrantes: promoção forçada

O futebolista José Abrantes, do Sp. Braga, foi considerado inapto para a prática do futebol por uma junta médica da Direcção-Geral de Desportos. A causa da inaptidão daquele futebolista é uma endocardite, que afecta as válvulas do seu músculo cardíaco.

José Abrantes passará a membro da equipa técnica do Sp. Braga, desempenhando até Junho de 1986 — altura em que termina o seu contrato — as funções de adjunto do professor Henrique Calisto, treinador da equipa.

Lisboa: árbitros desconvocam «greve»

Os árbitros de futebol suspenderam a greve prevista no

sector após a direcção da Associação de Futebol de Lisboa ter revogado a decisão de lhes descontar 12% para pagamento de seguro.

Este retrocesso da AFL assegura a presença de todos os árbitros de Lisboa nos jogos para que tinham sido nomeados antes do desencadear da polémica.

A posição assumida pelos árbitros de Lisboa, em reunião efectuada terça-feira, surgiu na sequência da decisão da AFL em descontar aos juizes 12 por cento dos prémios de jogo para pagamento de acidentes pessoais.

Federação castiga

O irlandês Walsh, ao serviço do FC Porto, foi duramente punido pelo Conselho de Disciplina da FPF, ficando impedido de actuar durante 4 jogos. O sportinguista Jordão e Nivaldo (Portimonense) estarão inactivos em dois encontros e com 1 jogo de penalização foram «contemplados» Alain (Aves), Raul (Chaves) e Germano (Covilhã).

A lista federativa é demasiado extensa o que revela muita quebra de disciplina nos estádios portugueses. Futebolistas das divisões secundárias, juniores, juvenis e ainda massagistas e clubes constam da «lista negra».

Futebol de salão: campeonato nacional

Organizado pela Associação de Futebol de Salão de Lisboa, está a decorrer o 1.º campeonato nacional e a 3.ª jornada teve o seguinte desfecho:

Pavilhão de Campo de Ourique: Correio da Manhã 2-Pateo Alfacinha, 4; 1.ª Casa das Bandeiras, 2-Comp.ª Seg.º Trabalho, 3; Imotécnica/Sogel, 2-Boite Queen's/Abacar, 2; SL Prazeres/Electro Neves, 2-Lanalgo, Ld.ª, 7; Quantic, 0-GD Hyde Park/Er. Bom Pastor, 3; CCD Externato Ergon, 3-Varig, 2; Boite Acapulco, 3-GD Branca de Neve, 3; Comp.ª Seg.º Metrópole, 0-Ag. Viagens Europeia, 9.

Pavilhão da Tapadinha: Boutique Smoking, 8-Superm. Pingo Doce, 3; Control Sport Clube, 0-Acad. Setúbal/Disc. A Cubata, 7; SL e Campo de Ourique, 2-Os Charlott's/Seagull Disco, 6; Ajuda Clube, 2-GD José Pedro Rod. Dias, 4; Alves & Rui, Ld.ª, 1-Bepaliz, 5; GD Asteroides, 4-Túlipas Futebol Clube, 4; B.º do Liceu Morphy Richard's, 7-Mocar/Philippe Martin, 0; Loja das Tintas/Paint Shop, 2-Movelmada, 3.

Pavilhão da Parede: GD Kaue/Alif, 4-GD O Sol Nasce Para Todos, 3; Toldos Mar e

Colunáveis

CARLOS MANUEL encontra-se apto a regressar aos palcos futebolísticos pelo que, no próximo domingo, estará presente em Coimbra para defrontar os seus opositores do Choupal. Uma notícia com que todos nos congratulamos por se tratar de um artista de raro talento o qual através da exteriorização das suas inquestionáveis qualidades, valoriza um espectáculo fascinante como é o futebol. Carlos Manuel: um regresso que se saúda.

ACÁCIO SILVA irá estar presente durante algum tempo neste seu país e, por iniciativa do nosso colega «Record» — nesta hora a festejar 36 anos de muito prestígio — estará durante uma semana a pedalar na zona de Sintra, cuidando assim da sua preparação.

Recorde-se que Acácio Silva é figura de proa do ciclismo mundial ocupando o 9.º lugar no «ranking» mundial.

Seja bem vindo! LUÍS VARGUES Recentemente transferido para o Clube de Ciclismo de Tavira, foi ontem submetido a uma operação cirúrgica realizada na Clínica S. João de Deus e que teve como autor o nosso bom amigo dr. Branco do Amaral. A operação decorreu com êxito total e, brevemente, aí teremos o apreciado atleta algarvio a pedalar com toda a força. Esses são, aliás, os nossos sinceros votos.



Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

Direcção Operacional Distribuição Sul
Centro Distribuição Almada

AVISO AOS CONSUMIDORES

Avizam-se os consumidores de energia eléctrica em baixa tensão que, devido a trabalhos a efectuar nas instalações desta empresa, se procederá à interrupção do fornecimento de energia eléctrica, nos locais e períodos abaixo mencionados, no próximo dia 1/12/85 (domingo).

CONCELHO DE ALMADA: Almada (Cristo Rei)

Das 8.30 às 10.00 H
Almada (Lusitano)
Das 10.00 às 12.00 H
Cova da Piedade (Qt. de Baixo)
Das 9.00 às 16.00 H
(Ministro)
Das 7.00 às 15.00 H
Qt. do Chegadoinho, Quebra Joelhos (Quebra Joelhos, Torcido)
Das 7.30 às 15.00 H
Feijó (Zurara)
Das 11.00 às 13.30 H
(Pimenta)
Das 8.30 às 11.00 H
Costa de Caparica (Atlântico)
Das 7.30 às 10.30 H
(Argolas)
Das 10.00 às 13.00 H

CONCELHO DE SESIMBRA: Sesimbra (Cintra), Zambujal (Zambujal, Bimbanas), Azoia (Azoia, Facho de Azoia, Fornos, Serra da Azoia)

Das 7.00 às 14.00 H

Por motivo de segurança, durante o período de interrupção de fornecimento de energia as instalações deverão ser consideradas permanentemente em tensão.

Almada, 27 de Novembro de 1985

Direcção Operacional Distribuição Sul
Centro Distribuição Almada
O Responsável
José Resende Nascimento

Amanhã, pelas 10 horas, com um desafio de futebol entre árbitros, mais tarde com um almoço de grande convívio no restaurante do Estádio da Luz, o Núcleo de Árbitros de Futebol de Loures presta homenagem a Viriato Graça Oliva, juiz que atingiu as insígnias da FIFA e participou em cerca

de 900 encontros de futebol, sempre mantendo uma verticalidade e uma honestidade que o tornaram exemplo modelar para toda a classe arbitral. E, enquanto as últimas inscrições para a festa vão chegando até aos promotores da reunião (Tavares da Silva: telefone 741633 das 9 às 20; António

Calheiros: 784626, das 20 às 23) prestemos também o nosso agradecimento pela carreira verdadeiramente íntegra e inatácável de um árbitro que é, simultaneamente, um cidadão de corpo inteiro.

Graça Oliva: a homenagem

O mais curioso do relacionamento com esse cidadão íntegro que nasceu a 31 de Agosto de 1937, em Castanheira de Pera, é que começamos de pé bem atrás: peguei no telefone e escutei aquilo que Mafoma jamais disse a respeito de um belo presunto, depois (já mais aclimatado ao protesto) concordando que talvez tivesse sido demasiado drástico, porque nenhum juiz, obrigado em única e derradeira instância, a proferir sentença em menos tempo do que demora o faiscar de um fósforo, merece ou justifica uma colocação perante o pelotão de fuzilamento. Uma actuação (talvez, quem sabe?) menos boa: nunca a validar clivagem total entre dois trabalhadores amantes de um jogo-rei.

Depois disso, fiz questão de conhecer o antigo empre-

gado do Bras & Bras que, por força hercúlea da sua indomita vontade, à custa de um esforço certamente desmedido e sem fronteira horária, se tinha guindado a tão invejada posição que, de várias trincheiras, lhe atestavam flechas: hoje, com certo orgulho, conto-o no número (não muito largo mas extremamente valioso e sólido) dos meus conscientes e solidários amigos.

Um dia, estive para perguntar-lhe: que faz um sujeito repousado na vida, perfeitamente à vontade perante o quotidiano, manejando fortunas e delas nada dependente, com outro precioso tesouro que é um milhão de indefectíveis amizades, pegar num apito e, pelo menos uma vez por semana, sujeitar-se aos mesmos vexames que ciclicamente desabam sobre os

escribas da Comunicação Social?

Assim à primeira, homem altivo, rosto talhado em mármore fixado a uma compenetração permanente, este amigo de quem vos falo dá a exacta imagem de uma construção sobre inamovível cimento: difícil será espreitar o primeiro sorriso, logo em seguida é o chefe de família, o pai e esposo, o crente em Deus e no amanhã, que está junto de nós. Vários lhe contaram as virtudes, muitos outros lhe atiraram seus desânimos, suas frustrações, tornando-o presa indócil d'quantos vão ficando na margem do longo traço que conduz ao respeito e à admiração, àqueles que vão airoso, docemente, com asas de cristal, fugindo de uma lei que tolhe no anonimato os mortais comuns. É que, amigos, só se

tenta atacar com a espada embebida em curare quem afronta a passagem até ao topo do Capitólio.

Melhor que eu, existem biógrafos esclarecidos e documentados: a eles pertence reeditar Fernão Lopes, erguer novas crónicas de acontecidos e sucedidos, de êxitos e maravilhas. Restará a este pobre e simples aglutinador de dedos e máquina lembrar sempre que teve a honra, nunca o negarei, de ter emergido de uma situação de abismo para o céu do entendimento em relação a outro parceiro de aventura terrestre que parecia lume e pólvora ao primeiro embate. E, aqui está: contrariamente a quantos fizeram de uma falsa camada de verniz o seu escudo terreno, surgimos com os rostos fora das trincheiras desafiando a verdade e por ela

competindo. Isso, como no caso do meu amigo, paga-se até com o fel da própria carne, mais ainda que com a incompreensão de quantos ao longo de muitos anos lhe prestaram vassalagem, de mil que sempre deveriam, por defesa da verdade, dar o rosto e acompanhar um homem de cabeça erguida em todo o seu percurso terreno.

Infelizmente, um acidente (de tal modo grave que o poderia ter roubado do nosso convívio) fez conhecer melhor quem estaria na peneira e quantos se iam escoando, como areia fina, entre os cinco dedos de cada mão. E foi pena: quantas desilusões? Quantas chibatadas na pele em vergastar de ideias feitas?

Não importa. Também em tempos idos, longes e perdidos na imensidade de muitas histórias, apenas um traidor conseguiu ferir de morte outro Viriato. Foi em plena serra: em redor da mesa onde não há lugar para Judas, imanemo-nos no brinde que



mora em nossas almas: Graça Oliva, aí vai o nome que um dia me prendeu em amizade, merece e bem justifica um aplauso unânime. Mais do que isso: que se lhe enderece o parabém por uma existência de labuta que nem tortuosas esquinas ou quase inflexíveis acidentes, conseguiram escamotear a quem o aplaude. Para si, Viriato Graça Oliva, para um amigo, coisa tão rara num mundo que se aglutina à boca do coife ou se dilacera numa selva sem limites, o abraço de quantos, nestas linhas, comungam da sua estima. Desculpe: da amizade de um homem bom e intocável. Obrigado pelo seu exemplo.

Neves de Sousa

Esta noite, na Aula Magna

Pedro Barroso: campeão de desporto com guitarra e voz

Esta noite (22 horas) na Aula Magna da Universidade de Lisboa, quando entrar em cena Pedro Barroso para «descendo à cidade», cantar alguns dos trechos que o tornaram nome de primeiro plano na música portuguesa, o espectador desta realização da «MPB» e do «Calor da Noite» (da Rádio Comercial) terá perante si o ainda recordista nacional integrante da estafeta 4x250 metros na categoria de juvenis (nos tempos de praticantes de outros vultos conhecidos: os irmãos Manso, Fonseca e Costa) o ex-atleta do CDUL que, depois, nos seus anos de curso no INEF praticou andebol (ao lado dos manos Vasco e Bernardo Vasconcelos, Lisboa e Espadinha) e mais tarde, em luta livre olímpica, estagiou com técnicos romenos que viam nele um possível campeão em largo voo. Professor de Educação Física, Pedro Barroso leccionou durante cinco anos, mas um acidente de certo modo grave (fractura de uma perna) leva-o depois a entrar no profissionalismo artístico, enquanto prepara uma inédita cadeira de Animação Cultural para o Liceu Maria Amália. Uma mágoa que não disfarça: mesmo nos seus tempos de campeão nunca correu em pista de tar-

tan. Mas foi um razoável lançador de peso e martelo (aqui, como júnior, atingiu os 40 metros). Todavia, a notícia é o seu recital de hoje, onde será acompanhado por Abel Moura, João Nuno Represas, José Carlos Gonçalves, Manuel Mendes, Pedro Frago e Zé Calhau, tendo Maria Guinot como convidada especial. O artista que já gravou vários acetatos («Trovador», «1.º de Maio», «Canção Urgente», «Lutas velhas, canto novo», «In Festival da Nova Canção de Lisboa», «Canção do Rio Almonda», «Água mole em pedra dura», «Quem canta os seus males espanta», «Cantos à terra madre», «Do lado de cá de mim», «Cantos da borda de água» e «Colectânea») é lisboeta, de 35 anos, reside na ribatejana vila de Riachos, estreou-se como cantor no «Zip Zip» (1969), estará esta noite perante o público lisboeta e, a 7 de Dezembro, também apresentado por Fernando Correia, no portuense Teatro Rivoli, dessa vez tendo como convidado o colega Manuel Freire. Dois belos espectáculos em perspectiva: Pedro Barroso, Guinot e Freire são garantias de êxito.

arco iris CONCURSO

Nome _____ Idade _____

Morada _____

Localidade _____ Cod. Postal _____

Telefone _____

2º elemento nome _____ Idade _____

3º elemento nome _____ Idade _____

ADIVINHA _____

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER, que pela 1.ª Secção do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns autos de Acção Sumária com o n.º 92/84 em que é Autora Maria de Fátima Guerreiro da Silva e Ré, BERKOWITZ & KERN, L.D., ausente em parte incerta e com última sede conhecida na Rua Particular, n.º 1-A - Figo Maduro - Sacavém e neles correm êditos de trinta dias, citando a referida Ré para no prazo de OITO DIAS, findo o dos êditos e este a contar da afixação do último edital, contestar, querendo a dita acção, cujo duplicado da petição inicial se encontra ao seu dispor na respectiva secção, onde poderá ser levantada dentro das horas normais de expediente, sob pena de, não o fazendo, ser condenado no pedido formulado pela Autora.

Lisboa, 22 de Novembro de 1985

O Juiz de Direito,

a) Dr. António Sérgio Abrantes Mendes

O Escrivão Adjunto,

a) Luís Manuel Faria Antunes

«D.L.» - 29/11/85 - 1.ª Pub.

NO TEATRO DA TRINDADE I
de 19 NOV a 1 DEZ

FESTIVAL
GRUPO DE CAMPOLIDE
apoio Rádio Comercial

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMA

CARLOS GONÇALVES em
O CAPOTE

de
nicolau
GOGOL
encenação
JOAQUIM BENITE
com
CANTO E CASTRO
LUIS VICENTE
MARIA HENRIQUETA
ANTÓNIO MOTA
VITOR GONÇALVES

UMA DAS MELHORES ENCENAÇÕES DE JOAQUIM BENITE
TITO LIVIO - «A CAPITAL»
EXTRAORDINARIA CRIAÇÃO DE CARLOS GONÇALVES
HELENA SERÓDIO o diário

1383 - RÉUS E JUÍZES - A EXCEÇÃO E A REGRA - TEMPOS DIFÍCEIS - COMO MATAR O TUBARÃO - HUGHIE - A QUEDA DE UM ANJO - PEQUENO CIRCULO DE GIZ - A MENINA, O GATO E O ROBOT

DE 3.ª a 6.ª AS 21.30h. SAB e DOM AS 10h e 21.30h

TEATRO ACADEMIA ALMADENSE
SÁBADO, 30 • 21.30 H
TEATRO FRONTERIZO
DE BARCELONA

APRESENTA:
«NÁQUE»

Cinema e papel pintado

Revistas em foco

Algumas publicações periódicas aguardam, há semanas, sobre a minha mesa de trabalho, disponibilidade para a atenção por escrito que merecem. Acho que a tenho hoje.

Em Portugal não há nenhuma sólida revista de cinema, com publicação regular, penetração junto do público, importância crítica. Esta evidência não deve servir para esquecer aquelas esforçadas tentativas que, no meio das mais diversas vicissitudes, vão sobrevivendo.

É curioso verificar que todas as mais relevantes revistas de cinema se encontram, no momento presente, sediadas no Porto e vivendo na órbita do movimento cineclubista. É o caso de «Cinema» (órgão da Federação Portuguesa de Cineclubes, com sede na R. Camões, 777, 4.º Dt. — 4000 Porto), de «Cineclub» («boletim trimestral» do clube Português de Cinematografia/Cineclub do Porto — R. Rosario, 5-1.º — 4000 Porto) e de «A grande ilusão» (editada pelo Cineclub do Norte — R. Paraíso, 217-3.º — sala 7 — 4000 Porto).

Cinema

Começemos pelo órgão da FPCC de que tenho, sobre a mesa, o n.º 8. Sumário vasto para 40 páginas de texto, muito noticiário (será importante?), pouco material durável. Sempre pensei que uma revista desta índole deveria, em particular, promover textos úteis no interior do movimento cineclubista, ter uma vocação de serviço ao colectivo, privilegiar, portanto, a edição de materiais que pudessem constituir um fundo documental. Não tem sido essa a orientação e a verdade é que se folheia «Cinema» em busca de coisas que o transitário não apague e quase se não encontra. De qualquer modo, ressalve-se um conjunto de dois textos sobre «Ana» (de Joris Ivens e Loja Neves) como fulcro deste número que inclui ainda notas sobre o Fantástico e as Jornadas da Cine e Vídeo em Galicia, comentários a «Amadeus», «Amor eterno» e «Je vous salue Marie», além de outros materiais avulsos.

Cineclub

O número 32 de «Cineclub» tem motivos para ficar como ponto de consulta para quem queira traçar a História crítica do recente cinema por-

tuguês. Deve-se esse facto a António Roma Torres e ao longo texto «Esboço para uma pequena história do cinema português depois de Abril» que é a primeira (e aguda) tentativa de fazer uma panorâmica sobre os últimos dez anos da nossa cinematografia. É um texto atento, informado e polémico, como convém quando se está vivo, que se não limita a enumerar mas tenta a visão global, a detecção de caminhos, o ponto da situação.

Pessoalmente, só em parte partilho dos enunciados de Roma Torres, razão fecunda por que soa a divergência iluminada. Considero-o, de resto, um dos (raros) críticos portugueses que sempre vale a pena ler porque o seu discurso ancora numa inteligência calorosa e incomum do cinema. E dele, aliás, o mais pertinente estudo crítico do cinema português (o livro «Cinema português — anos Gulbenkian») e só é pena que o seu talento não encontre disponibilidade física para olhar, com outro fôlego, a nossa cinematografia. Não podemos dispensá-lo na escrita de uma História do Cinema Português a que, alguns de nós, temos dado parcelares contributos — e os deles são bem relevantes.

A grande ilusão

António Roma Torres é, também, um dos principais animadores de «A grande ilusão», uma publicação que, mau grado a limitada difusão, pode qualificar-se como a melhor revista de cinema que por ora existe.

No seu número 2/3, «A grande ilusão» inclui um estudo sobre Wim Wenders, uma plurifacetada evocação de Truffaut, críticas a um punhado de filmes recentes e, em especial, um pequeno «dossier» sobre «Ninguém duas vezes», filme de Jorge Silva Melo que merece um curto mas intenso texto de Roma Torres e uma entrevista com o realizador, peça fundamental para qualquer seleccionada resenha de Imprensa sobre a fita já que me parece ser a mais interessante de quantas Silva Melo concedeu, a propósito desse seu trabalho.

J.L.R.

Pela fixação do pintor em Alfama

Um abraço de Craveirinha para Inácio Matsinhe

Manuel Geraldo

José Craveirinha, o poeta que a revolução moçambicana tomou como símbolo nos tempos decisivos da resistência e luta contra o colonial-fascismo salazarento, está em Lisboa, tendo aproveitado a oportunidade para levar um abraço de solidariedade a Inácio Matsinhe, o pintor seu compatriota, que em plena Alfama (Escadarias do Arco da D. Rosa, 7) luta pela conquista de um espaço para instalar uma oficina de artesanato e uma galeria de exposições, a que pretende acupular um restaurante de comida tradicional africana.

Com José Craveirinha estiveram Ribeiro Couto e «Russo», dois pintores da mesma nacionalidade, que, com Zito Craveirinha, Clovis Assunção, Emanuel Ribeiro, Aquino Fernando Martins e Inácio Matsinhe, entre outros, dinamizaram sob a força tutelar de José Craveirinha, na tertúlia da Associação Africana, um espaço que, nos princípios da década de sessenta, constituiu um ponto de referência nas actividades culturais possíveis da supervigiada Lourenço Marques.

Nessa época já era recitado, entre o medo e a esperança, o poema de José Craveirinha «Sia-Vuma», uma aposta na sociedade moçambicana do futuro, que, a dado passo, visualizava: «E dançaremos o mesmo tempo da marrabenta/sem a espora do calcanhar da besta/do medo a cavalo em nós/Sia-Vuma!; E seremos viajantes por conta própria/jornalistas, operários com filhas também dançarinas de ballet/arquitectos,

poetas com poemas publicados/compositores e campeões olímpicos/Sia-Vuma!».

Uma antologia de Papiniano Carlos

«Sia-Vuma», poema profético, transcrito por Papiniano Carlos na sua antologia sobre a poesia moçambicana, a que deu o título de «As armas acesas nas nossas mãos», na qual escreveu em prefácio que «libertando-se penosamente do seu casulo colonial, deixando de ser uma variedade «exótica» da poesia portuguesa para adquirir a sua

identidade moçambicana, os poemas de Nogar, Kulungano e Craveirinha apontavam as profundas transformações que velozmente se aproximavam».

Transformações que, em 1985, a pintura de Inácio Matsinhe continua a prenunciar, ainda que aqui em Lisboa, a quilómetros e quilómetros de distância do seu Maputo natal (na sua entrega em divulgar a arte da terra-mãe). Entrega (e aposta) a que a «presença histórica» de José Craveirinha veio, segundo palavras do pintor ao «DL», «transmitir um calor e uma força inigualáveis», de forma a que a luta pelo projecto em que está empenhado não

quebre apesar dos travões burocráticos, e financeiros, a que tem estado sujeito (neste momento Inácio Matsinhe procura angariar fundos através da venda de duas serigrafias da sua autoria, tendo sido nessa mostra que José Craveirinha esteve presente).

Duas serigrafias, numa edição de 250 exemplares ao preço unitário de cinco mil escudos, mais um passo de uma difícil caminhada, para que tal como escreveu o poeta, «um enxame de mãos em prece/na orgia fantástica dos augúrios da nhanga/há-de voltar deste exílio/mais moçambicano conosco/Sia-Vuma!».



Inácio Matsinhe com José Craveirinha, na galeria do pintor em Alfama. Em segundo plano reconhecem-se dois outros pintores moçambicanos, Ribeiro Couto, e «Russo»

ABC-CINECLUBE DE LISBOA

Antestreia de

«A CASA E O MUNDO»
de SATYAJIT RAY

Cinema Quarteto
Dia 3
18.30h ou
19.15h

Recorte este cupão e entregue-o na bilheteira do cinema. Obterá um ingresso mediante o pagamento de 100\$00 (valor da quota suplementar para os sócios do ABC)

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

CONTINUA EM CENA
SALA GARRET

DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30
SÁBADO E DOMINGO ÀS 16
O MORGADO DE FAFE
EM LISBOA

de CAMILO CASTELO BRANCO
encenação RUY DE MATOS
COM

VARELA SILVA • IRENE ISIDRO • CURADO RIBEIRO • PAULA MORA • ANTÓNIO RAMA • CARLOS PIMENTA • LUÍS BANDEIRA • JOÃO DE CARVALHO TERESA CORTE-REAL • LURDES LIMA • LÚCIA MARIA • CARLOS FONSECA • MADALENA BRAGA • VÍTOR TELES • JAIME ROSA • PAULO LAGES • CARLOS FONSECA • IVO VAZ • PAULO D'ARABO • CASSIANO VIEIRA

ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHAWEIS A M. 6 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA A 2ª FEIRA. TEL. 322210

SALA EXPERIMENTAL
2 ÚLTIMOS DIAS
HOJE ÀS 21.45 — AMANHÃ ÀS 16.30 E 21.45
O «GRUPO FERNANDO PESSOA»
apresenta: «Cena Impossível ou Ritmo-Ri-Rima»
de E. Mello e Castro
com: Mónica Lapa, Michel Roubaix, Mize e Joao D'Avila
Estilista: Ana Salazar

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 57 204 para: «CHUMACEIRA DESTINADA A MÁQUINAS OU APARELHOS AGRÍCOLAS».

TRATA: CLARKE, MODET & C.ª, L.D.ª
PATENTES E MARCAS
RUA CASTILHO, 201 - 3.º ESQ.
1000 LISBOA

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

terça a sábado às 21.30h
domingo, manhã às 17h

Veja teatro a preços reduzidos
3.ª, 4.ª e 5.ª feira/Preço 150\$00

APOLO F. Gulbenkian

amadíis

3.ª MÊS

(RUA DE ESPANHA TEL 726 08 18 SUB M CULTURA P MAIORES 12)

APOIOS - RÁDIO COMERCIAL
O JORNAL O SETE EUROGRAF

Os vivos e os mortos

Carlos Porto

A ILHA DOS MORTOS E PÁSCOA, de Strindberg. Tradução: Osório Mateus, e Luís Miguel Cintra (colaboração: Inga Gulander). **Encenação:** Luís Miguel Cintra. **Cenografia e Figurinos:** Cristina Reis. **Colaboração dramaturgica:** Osório Mateus, Anne Consigny e Luís Lima Barreto. **Interpretação:** José Manuel Mendes, Luís Miguel Cintra, Alda Rodrigues, Raquel Maria, Márcia Breia, Francisco Costa, Luís Lima Barreto e Ruy Furtado. **Teatro da Cornucópia. Estreia:** Teatro do Bairro Alto — 20-11-1985.

Esta proposta do Teatro da Cornucópia tem o mérito de permitir a descoberta de um autor que está, com Ibsen, Tchekhov, Buchner, entre outros, e com outros criadores teatrais, como Antão, na origem do teatro contemporâneo. É certo que outras obras de Strindberg foram já representadas em Portugal («Os Credo-res», «O Sonho», «A Dança da Morte», e em especial «A Menina Júlia») mas nunca fora tentada uma abordagem sistemática e aprofundada da sua produção. Trata-se portanto de mais um serviço que ficamos a dever ao grupo dirigido por Luís Miguel Cintra que também tem a ver, salvo erro, com um certo impulso de regresso ao texto que o teatro está actualmente a conhecer, como se sabe. Não que no que a este grupo se refere não tenha havido sempre a preocupação de eleger grandes textos, caso, para dar dois exemplos recentes, de Shakespeare e de Botho Strauss. Aqui, a expressão «regresso ao texto» tem outro sentido: o reconhecimento dele como elemento superior na hierarquia, que tinha sido abandonada, do espectáculo teatral.

Esta leitura de Strindberg parece ir, de facto, nesse sentido, sem que isso signifique qualquer menosprezo ou desatenção para com os outros aspectos do espectáculo, pelo contrário.

Quando entram na sala do Teatro do Bairro Alto, os espectadores deparam com uma corda que os impede de avançar, separando-os do espaço criado. Durante 20 minutos, assistem de pé a um diálogo entre Luís Miguel Cintra e José Manuel Mendes — «A Ilha dos Mortos» — para a qual Strindberg se inspirou numa pintura célebre, de Arnold Böcklin, de que é distribuída uma reprodução a cores em formato postal. «A Ilha dos Mortos», portanto, numa paisagem cheia de grandeza um pequeno branco com um vulto branco, de pé, junto de um caixão. Este diálogo é um admirável trabalho de Luís Miguel Cintra, o Morto, muito bem apoiado por José Manuel Mendes, o Mestre, ou Deus. Descobertos os lugares para o público, até aí tapados com vastos painéis claros, os espectadores são convidados a sentarem-se (e desta vez as cadeiras, incluindo poltronas, são bem confortáveis).

Tudo é claro: a vida é um sonho, o teatro o sonho de um sonho. A vida, a morte, o teatro — é disso que nos fala Strindberg, é sobre isso que os espectadores são obrigados a meditar.

É certo: aqui não há lugar para os fúteis há tanto(s) espectáculo(s) para eles!

Terminou pois o diálogo em que um antigo professor era confrontado com o seu passado. Não é verdade que é o teatro que ele prefere? O Mestre convidava-o a assistir ao espectáculo.

Eis «Páscoa»: uma das principais personagens é também um professor, o trabalho dramático é, aqui, como sempre admirável, (e até por isso saudamos o regresso de Osório Mateus). A peça decorre em três dias pascaes, assinalados por um calendário. O pai de Elias, o professor, está preso por ter desviado dinheiro que pertencia a uma fundação para crianças pobres; a irmã, Eleanora, está internada por sofrer de perturbações mentais; Elias sofre por viver longe da terra natal e por fazer um trabalho de que não gosta; Benjamin, seu jovem aluno, ficou mal no exame de latim; o casamento entre Elis e Cristina está periclitante porque ele não entende a aproximação entre Cristina e um seu ex-amigo que ele pensa tê-lo traído; a mãe, a senhora Heist, não aceita a sorte do marido em cuja boa-fé acredita; com grande espanto de todos, Eleanora regressa a casa pois já não podia aguentar o internamento. De passagem tirara um lírio da Páscoa que pagara mas o dinheiro desaparecera e ela é procurada pela polícia. Finalmente, o futuro de todos está dependente de um capitalista, Lindkvist, que pode exigir o pagamento das dívidas da família.

Três personagens dominam de facto a acção deste drama composto por pequenos-grandes dramas. Eleanora, ser sensível, que vê para além das coisas, que se apaixona por Benjamin; Lindkvist, que transforma a vida da família; o Pai, cuja ausência tem a força de uma presença insuportável (Raul Brandão conheceria esta peça?). A situação dramática

constituída em parte por acontecimentos aparentemente banais, é superada pela intervenção de Lindkvist que como uma personagem de Dickens (um dos autores predilectos de Strindberg) parece usar uma varinha mágica para transformar o mal em bem, a desgraça sem felicidade.

Entre o Sol e as trevas; entre o Verão e o Inverno; entre a Natureza e a cidade, entre a morte e a vida (o teatro), estas personagens perdidas na solidão do enorme espaço, saindo da névoa e da sombra, banhadas por uma luz fria, enquanto se ouve, em surdina, o som do órgão pascal, estas personagens surgem como que perdidas num mundo a que não pertencem e que não lhes pertence. Em cada uma delas há um corte com o mundo, como ferida sem remédio.

No entanto, curiosamente, Strindberg faz aparecer aqui o milagre na figura do capitalista como se ainda acreditasse em milagres.

No espaço amplo, alguns sólidos móveis antigos, um piano, evocam o passado próspero; entre eles, acumulados, restos de cenários, madeiras, resíduos — sinal de um mundo em decomposição mas também do projecto do ciclo, sinal de uma comunidade em mudança ou, como quer Luís Miguel Cintra, imagem das campos do cemitério de «A Ilha dos Mortos», título do primeiro texto mas também de um espectáculo, este espectáculo dividido em três partes, de que «Páscoa» é a primeira, terminando aqui com uma breve cena que marca o regresso à «Ilha dos Mortos», o fechar provisório de um círculo.

«Páscoa» pertence a um conjunto de peças consideradas «puras obras-primas», que inclui, entre outras, «A Dança da Morte» e «O Sonho»; pertence ainda a um conjunto de peças a que Strindberg chamou teatro de câmara ou teatro íntimo, e inclui-se num pequeno ciclo de peças sobre festas do ano: «Advento» (1899), «Páscoa» (1900) e «Festa de S. João» (1901). «Páscoa» é uma peça em que Strindberg parece exprimir ainda alguma esperança de carácter místico: a personagem Eleanora traduz essa esperança de uma forma muito bela. Mais tema do que cruel, mais sonho

do que realidade, «Páscoa» não deixa, no entanto, de levantar alguns problemas que a obra do autor veículo com muita força e coragem, como o das relações de classe, o da solidão, o da decadência de uma burguesia esmagada por outros poderes. Não constituindo a síntese ideal da obra do autor, é em articulação com «A Ilha dos Mortos» a introdução a uma proposta em que o conhecimento dessa obra será ampliado e aprofundado. Por isso, é indispensável conhecê-la nesta viagem pelo teatro strindberguiano.

Teatro de texto, este espectáculo não podia deixar de ser um teatro de intérpretes. Primeiro, com Luís Miguel Cintra e José Manuel Mendes, modelares, em «A Ilha dos Mortos»; depois com os restantes intérpretes de «Páscoa». Uma interpretação marcada pela contenção, pelo rigor, pelo trabalho interior a que o grupo há muito nos habituou. É uma grande homogeneidade que nem sempre conseguiu. De Luís Lima Barreto (Elis) a Alda Rodrigues (Mãe), de Francisco Costa (Benjamin) a Márcia Breia (Cristina), de Raquel Maria (Eleanora) a Ruy Furtado (Lindkvist) — o mesmo olhar e a mesma presença, outros olhares e outras presenças, de acordo com a modulação de cada personagem. Saliente pelo carácter das personagens e pela forma como foram trabalhadas: Ruy Furtado, admirável solo de um actor que há muito nos habituou a esta qualidade no entendimento de cada personagem e da sua sinalização; Raquel Maria, no centro deste espectáculo, numa personagem extraordinária (mesmo que não se acredite nela), sabendo dar os matizes de um espírito mais próximo da inocência, no sentido místico, que da loucura, mais próximo do amor que da solidão, mais próxima da morte que da vida. Só uma grande actriz seria capaz de nos fazer acreditar que é capaz de falar com as flores e com os pássaros. Uma actriz, por exemplo, da família da Falconetti. Se não houvesse o resto, valeria a pena ir ao Teatro da Cornucópia ver Raquel Maria nesta peça.

Este espectáculo comprova o que já se sabia: em Portugal há o teatro português e há o teatro do Teatro da Cornucópia.



Outra vez no Porto

Amar — verbo intransitivo

Hoje, na Cooperativa do Povo Portuense, apresenta-se de novo o grupo brasileiro Teatro Livre, com «Amar — Verbo Intransitivo», de Mário de Andrade, uma das grandes descobertas do último FITEI. É uma oportunidade que os portugueses certamente não irão perder. O espectáculo deverá estar em Lisboa proximamente, como a seu tempo anunciaremos.

Para já no Porto, na Cooperativa do Povo Portuense, hoje, às 21.45, amanhã, sábado, às 21.00 e às 23.00, domingo, às 15.30 e 21.45.

C.P.

As noites do Clube Ferroviário

O último comboio, por incrível que pareça, não é o último. Há mais. As sextas e sábados basta ir, depois das 23 horas, ao Clube Ferroviário de Portugal, em Santa Apolónia para apanhar os especiais da noite — da noite lisboeta que se diversifica.

Pois bem: o último comboio é uma organização cultural (talvez ainda pouco experimentada nas lides) que aposta no fornecimento, cá à rapaziada, de noites divertidas, onde qualquer coisa acontece. Coisa que pode ser artes plásticas, fotografia, banda desenhada, música popular portuguesa, rock, jazz e até fado. E quando a fome ou a sede ataca encontram-se os devidos confrontos para o estômago num apetrechado bufete.

Para já, nesta sexta-feira está Rádio Macau um grupo interessante para nos fazer companhia no Clube Ferroviário. Depois outros irão, provavelmente Fausto, António Vitorino de Almeida, António Pinho Vargas, Rui Veloso, Vitorino, etc. Os que pelo menos, são projecto ou intenção dos organizadores, da tripulação do comboio.

Eles sabem, pressentem-no: «sabemos que vamos desafiar o imperialismo simpático do Bairro Alto e adjacências...» mas não se importam. Assim, se empenham (a fundo) neste projecto cultural do Clube Ferroviário, desviando-se dos circuitos habituais já conhecidos. Os jornalistas e acompanhantes não pagam bilhete no último comboio... têm borla.

«Heart» em nova era

«Heart» é o nome do disco do grupo com o mesmo nome. Uma banda liderada por Ann Wilson e formada ainda por Nancy Wilson, na guitarra, Howard Leese, na guitarra e teclas, Mark Andes, no baixo e Denn Carmassi, na bateria.

Formaram-se em 1976 e desde aí venderam mais de 15 milhões de álbuns em todo o mundo. Tiveram êxitos como «Magic Man», «Crazy On You» ou «Dog and Butterfly». Foram um dos grupos que mais abriu as portas no rock'n'roll, antes fechadas às mulheres.

O poder da voz «Hard» de Ann Wilson e da guitarra eléctrica de Nancy modificaram o panorama do rock nos anos 70 e 80. Desde que principiaram a sua carreira nos bares que têm uma reputação de versatilidade em temas originais, com influências de Lennon, McCartney e Led Zeppelin.

Dois clássicos apareceram no primeiro álbum, «Dreamboat Annie», «Crazy On You» e «Magic Man». O LP vendeu seis milhões de exemplares. Do segundo álbum saíram dois «hits», «Barracuda» e «Kick It Out», e, no terceiro, outros dois, «Heartless» e «Without You». Os dois LPs foram platina.

Depois veio «Dog and Butterfly», em que colaborou Sue Ennis. «Bebe Le Strange» era o seguinte, um dos mais duros, que incluía temas como o que dá o título, «Even It Up», «Rockin' Heaven Down» e «Raised On You».

O próximo álbum, «Private Audition» foi um dos mais glorificados pela crítica, onde ressaltavam «City's Burning» e «The Situation». Em 1983 gravaram «Passion Works» de que faziam parte os vídeos «How Can I Refuse» e «Allies». Agora é a vez de «Heart...».

O álbum entrou imediatamente na 108.ª posição do Top 200 da Billboard, subindo de seguida para a 58.ª e depois para a 24.ª chegando ao Top Ten. O primeiro «single» é «What About Love», vídeo gravado em Londres e dirigido por David Mallet.

Com a produção de Ron Newinson, os Heart gravaram dez temas em vários meses, como «Shell Shock» e «If Looks Could Kill», verdadeiros «hards», e ainda temas realmente novos como «These Dreams» ou «Nevers». Ann afirma-se como vocalista em «What About Love» e Nancy em «The Wolf» e «What He Don't Know». «Heart» parece ser o início de uma nova era da banda.



Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

A FLORESTA
ESMERALDA
(maiores 12 anos)

14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa 2

UM DOMINGO
DIFERENTE
(maiores 12 anos)14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

Alfa 3

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e
23.45 h

Alfa Club

T. 763319

A COMPANHIA DOS
LOBOS(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30,
21.30 e 24.00 hShopping Center
de Lisboa

Amoreiras 1

A FLORESTA
ESMERALDA
(maiores 12 anos)

14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Amoreiras 2

O VOO DA AGUIA
(maiores 6 anos)

14.30, 18.00, 21.15 e 24.00 h

Amoreiras 3

RAMBO — A VINGANÇA
DO HERÓI
(maiores 12 anos)14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

Apolo 70

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Avila

— T. 539930

OS GOONIES
(maiores 16 anos)14.45, 17, 19.10, 21.45 e
23.45 h

Avis

— T. 547163

AMÉRICA VIOLENTA
(maiores 18 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

O ÚLTIMO GUERREIRO
DO ESPAÇO
(maiores 6 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

Caleidoscópio

— T. 795093

HISTÓRIA INTERMINÁ-
VEL
(maiores 6 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

Capitolio

— T. 372358

RADIOGOZO
(maiores 18 anos)15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e
23.00 h

Uma cena do filme *Siberiada*, realizado por Andrei M. Kontchalovski. Prémio Especial do Júri do XXXII Festival de Cinema de Cannes. Em exibição no Estúdio 444

Castil

T. 530194

OS GOONIES
(maiores 16 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

AMERICAN GIGOLO

(não acons. men. 18 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

FIM-DE-SEMANA

ESCALDANTE

(não acons. men. 18 anos)

24.00 h

Cine Camões

T. 324194

A FORÇA DO PASSADO

(não acons. men. 13 anos)

14.00, 16.45 e 21.30 h

Cinemateca

LE PAYS DE LA TERRE

SANS ARBRES/1970

18.30 h

O BARÃO DE ALTAMIRA/

1985

(Antestreia, de Artur

Semedo)

21.30 h

Cine 222

— T. 579460

QUE GRANDE CEGADA

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

A ODISEIA DO

SUBMARINO 96

(não acons. men. 18 anos)

24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

AMOR É MÚSICA

(maiores 12 anos)

16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

DESAPARECIDO EM

COMBATE

(maiores 12 anos)

15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

MAD MAX — ALÉM DA

CÚPULA DO TROVÃO

(maiores 6 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

O SENTIDO DA VIDA

(maiores 18 anos)

23.45 h

Condes

— T. 322523

Os gansos selvagens
contra atacam
(maiores 12 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

F den

— T. 320768

RAMBO — A VINGANÇA

DO HERÓI

(maiores 12 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

REQUIEM PARA UMA

MULHER

(int. 13 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

O SENTIDO DA VIDA

(maiores 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

SIBERIADA — 1.ª Parte

(maiores 12 anos)

15.30, 18.30, 21.30 e 24.00 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

REUBEN, REUBEN —

VIDA DE ARTISTA

(maiores 12 anos)

14.45, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 2

A TESTEMUNHA

(maiores 12 anos)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

A REVOLTA DOS

MARADOS

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Forum Picoas

Auditório 1

«KATHA»

21.00 h

Gemini

— T. 734009

A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30

Hollywood

— T. 802859

OS GANSOS SELVAGENS

CONTRA-ATACAM

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e

24.00 h

Sala 2

ROSA PÚRPURA DO

CAIRO

(maiores 6 anos)

14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e

23.45 h

Imperio

— T. 555134

SILVESTER

(maiores 12 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

AS NOITES DE

CHINA BLUE

(para maiores 18 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

SOLTEIROS E TARADOS

(maiores 16 anos)

15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

AS NOITES DE

CHINA BLUE

(para maiores 18 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

UM DOMINGO

DIFERENTE

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 3

AMANTES — LOVE
STREAMS

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

UM DIA DE CÃO

(maiores 18 anos)

24.00 h

Sala 4

A LUA NA VALETA

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

O MONSTRO

(maiores 18 anos)

24.00 h

N'GOLA

JE VOUS SALUE MARIE

(maiores 16 anos)

14.30, 16.45 e 19.00

OS RAPAZES DA GUERRA

(maiores 12 anos)

21.30 e 23.45 h

Restelo

T. 610375

DESESPERADAMENTE

PROCURANDO SUSANA

(maiores 12 anos)

15.30 e 21.30 h

Roma

T. 889192

RAMBO — A VINGANÇA

DO HERÓI

(maiores 12 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

CARTAS DE AMOR DE

UMA FREIRA

PORTUGUESA

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

A FLORESTA

ESMERALDA

(maiores 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

O ÚLTIMO GUERREIRO

DO ESPAÇO

(maiores 6 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.45 h

Sala 3

007-ALVO EM

MOVIMENTO

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715

A PROMETIDA (THE

BRIDE)

(maiores 12 anos)

14.30, 17.00, 19.10, 21.45 e

23.45 h

Star

— T. 804210

DIVÓRCIO EM

HOLLYWOOD

(maiores 12 anos)

15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

MAD MAX — ALÉM DA

CÚPULA DO TROVÃO

(para maiores 12 anos)

13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

RAMBO — A VINGANÇA
DO HERÓI

(maiores 12 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

T. 706666

OS AMANTES DE MARIA

(maiores 16 anos)

15.00, 17.30 e 21.45 h

ESCOLHA DO DEVER

(maiores 16 anos)

24.00 h

Vox

T. 880808

OS GOONIES

(maiores 6 anos)

15.00, 18.15 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

A MALDIÇÃO DA

MANSÃO SOMBRIA

(maiores 18 anos)

14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

ILHA AZUL

(não acons. men. 13 anos)

15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

A FÚRIA DE HONK GONJ

(maiores 12 anos)

24.00 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio —

«Garçon, um homem apaix

Lisboa — PERMANENTE

— AJUDA: Moura, T. da Memória, 55 (T. 630944); AREIRO: Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (T. 887300); CAMPO DE OURIQUE: Lináida, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); CAMPO-LIDE — BAIRRO DA LIBERDADE: Salutar, R. B, 75-A-B, Bairro da Liberdade (T. 533411); GALINHEIRAS — CHARNECA — LUMIAR: São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790169); GRAÇA: Morão, L. da Graça, 63 (T. 860700); JARDIM ZOOLOGICO: Alegria, E. de Benfca, 180-B-C (T. 780511); OLIVAIS SUL: Marta, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); PAMPULHA — JANELAS VERDES: Lealdade, R. do Olival, 226-228 (T. 663441); PRAÇA DA ALEGRIA: Brites Moita, P. da Alegria, 33-34; SALDANHA: Dalva, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); XABREGAS: Sater, R. de Xabregas, 63-65 (T. 381185); PONTINHA: Pimentel, Ag. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328); QUINTA DO MENDES — ODIVELAS: Almeida, P. à R. Tomás da Anunciação, 38-B.

REFORÇO — ALVALADE

Libia, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891681); ARCO DO CEGO — ESTEFÂNIA: Delfo, R. dos Açores, 32-34 (T. 572388); AVENIDAS NOVAS — AVENIDA JOÃO CRISÓSTOMO: Cosmós, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 40592); BENFICA — BAIRRO DE SANTA CRUZ: Lavinha, R. Eng. Paulo Barros, 28-A (T. 708242); CAIS DO SODRÉ: Africana, R. Bernardino Costa, 43-45 (T. 369120); CALVÁRIO: Monge, R. dos Lusitãos, 30-32 (T. 636704); CHELAS: Sacramento, R. Actriz Palmira Bastos, lote 42 (T. 850904); JARDIM DOS ANJOS: Confiança, Av. Almirante Reis, 46-A (T. 821653); LAPA: Paiva da Costa, R. da Lapa, 105-107 (T. 664414); PICHELEIRA: Marluiz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); RATO: Cunha, R. da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); BRANDO — AMADORA: Brito, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); BURACA — AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); OLIVAL BASTO: Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); PRIOR VELHO: Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA

Cristo Rei, 31-A (T. 2766498); Permanente; COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva, R. Dr. Alberto Silva, 19-A (T. 2850337); Permanente; COSTA DE CAPARICA: Chai, A.V. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; LARANJEIRO: Baptista Marques, R. da Boa-Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; SESIMBRA: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; LAVRADIO: Parreira, R. D. Silva Cristiano, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; BARREIRO: Ferreira e Pilar, Av. da República 1 (T. 2073023). Permanente; BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; CORROIOS: Lino, Alfam, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; AMORA: Nova Amorense, E. Nacional, 10, bloco A, loja A. Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; SEIXAL: Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; MONTIJO: União Mutualista, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035). Até às 22 horas; MOITA: União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025).

Até às 19 horas; ALHOS VEDROS: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; ALCOCHETE: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; SETUBAL: Louro, R. Frei António das Chagas (T. 24491). Permanente; Soromenhol, P. Machado Santos, 24 (T. 22691). Permanente; Portugal, R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 TM 2104953). Permanente; LINDA-A-VELHA: Moderna, Av. 25 de Abril, 31-C (T. 4191235). Até às 19 horas; TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; ALCABIDECE: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; CAXIAS: Nova, R. Bernardino Ribeiro, 1-A (T. 2432839); MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; PARO DE ARCOS: Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; OEIRAS: Oeiras, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; NOVA OEIRAS: Leal, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737); CARCAVELOS: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037); Vilar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; PAREDE: Aisir, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186); MURTEL: Primavera, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278); SASSOEIROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; BIRRE: Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); MADORNA: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; AMOREIRA: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; MONTE ESTORIL: Lopes, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; CASCAIS: Marginal, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA

Central, Av. Cardoso Lopes, 25-A (T. 4932210). Permanente; Melo, P. D. João I, 9-B (T. 4932756). Até às 22 horas; DAMAIA: Lemos, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Permanente; QUELUZ: Zeller, P. da República, 83 (T. 950045). Até às 22 horas; CAMARATE: Nova da Charneca, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; CACÉM: Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato, R. dos Morais, 1 (T. 9212038). Permanente; MERCES: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; RINCHOA: Araújo, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; COLARES: Abreja (T. 9290088); SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim (T. 9230456). Permanente.

Moscavide: Banha, Av. de Mosca, 22-A (T. 2518518). Permanente; SACAVÉM: Lourenço, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518518). Até às 22 horas; LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 2431340). Permanente.

Coimbra — SILVA SOARES: R. Vasco da Gama, 44, Bairro Norton de Matos (T. 711454); CENTRAL: R. da Sofia, 19-2 (T. 22088); DUARTE, C. de Santa Isabel, 46 (T. 812413).

TEATROS

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15
«PÁSCOA» de August Strindberg. Encenação de Luís Miguel Cintra. Cenografia de figurinos de Cristina Reis. Intérpretes: Alda Rodrigues, Francisco Costa, José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto, Luís Miguel Cintra, Márcia Brega, Raquel Maria e Ruy Furtado.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Tel. 76 86 09
De terça a sábado, às 21.30, domingos às 16.00
«JARDIM DE OUTONO», de Lilian Hellman. Encenação de Luzia Maria Martins. Com Carlos Mourato, Carlos Santos, Carmen Mendes, Clara Jorana, Fernanda Coimbra, Fernanda Montemor e Helena Félix.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 770969
De terça a sábado, às 21.45
Aos domingos às 16.00
«TU E EU», de Friedrich Schlegel. Tradução de Vera San-Payo Lemos, José Fanha e João Lourenço. Cenografia de Ângelo Sousa. Música de Pedro Osório.

Coliseu dos Recreios

R. das Portas de Santo Antão — Tel. 36 19 97
Todos os dias às 21.30; quintas, sextas e sábados às 16.00; domingos às 17.30; dia de Natal e Ano Novo, às 14.30, 17.30 e 21.30

«CIRCO DE NATAL». Rola-rola, mula cómica, gatos pretos, pombos em liberdade, baristas, malabastas, ilusionismo, palhaços, faz-todos e elefantes.

Teatro Municipal de S. Luis

R. António Maria Cardoso — Tel. 20 21 10
Companhia de Dança de Lisboa
Direção artística de Rui Horta.

Teatro Maria Vitoria

Parque Mayer — Tel. 37 17 40
De terça a sábado, às 20.30 e 22.45, domingos às 16.00.
A nova fase da revista «NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO», original de Henrique Santana. Francisco Nicholson e Mário Zambujal. Interpretado por Eugénio Salvador, Ivone Silva, Henrique Santana, Linda Silva, Carlos Cunha e Maria Armanda.

Teatro Nacional D. Maria II

P. D. Pedro IV — Tel. 37 22 46
De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos às 16.00
«O MORGADO DE FAFE EM LISBOA», de Camilo Castelo Branco. Encenação de Ruy Furtado.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 320000
De 19 de Novembro a 1 de Dezembro, às 21.30; sábados e domingos às 16.00
Festival Grupo de Campolide
Companhia do Teatro de Almada
Carlos Gonçalves em «O CAPOTE», de Nicolau Gogol. Encenação de Joaquim Benite. Com Canto e Castro, Luís Vicente, Maria Henriqueta, António Mota e Vítor Gonçalves.

Circo Chen

Praça de Toiros do Campo Pequeno
Todas as noites às 21.30; quintas e sábados às 16.00; domingos e feriados às 15.00 e às 17.30
«O PRIMEIRO CIRCO DA EUROPA» com a grande atracção mundial Família Zambo.

Teatro do Século

R. do Século, 41
De 4.ª a sábado, às 21.30; domingos às 17.30.
«EMBALAGEM PERDIDA» de Vera Feyder. Dramaturgia e encenação de Ricardo Marquez. Cenografia de Mário Jorge. Intérpretes: Lucindo Loureiro e Cucha Carvalheiro.

Centro Comercial das Amoreiras

Halley Hall
Centro Nacional de Cultura
— Tel. 36 722
Até ao dia 31, às 22.00.

«DOCE AMIGO». Colagem e textos de Chaucer, Eugénio de Andrade, Tchekhov e Marguerite Yourcenar. Dramaturgia de Alexandre Leitião, José Artur, Pestana e Jorge Listopad. Encenação de Jorge Listopad. Cenografia de Tomás Taveira. Figurinos de Nuno Carinhas. Música Telectu Grupo de Teatro da Universidade Técnica.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 72 08 18
De terça a sábado às 21.30
Domingos às 17.00

«AMADIS», de Abel Neves. Encenação João Mota. Interpretação: Abel Neves, Alfredo Brissos, Amendo Gonçalves, Amélia Varejão, Amélia Videira, André Nuno, António Melo, Carlos Paulo, Cecília Sousa, Isabel Medina, João Mota, Jorge Loureiro, José Pedro Gomes, Maria Marília, Marques Arede, e Paulo Ferreira.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86
Todos os dias, às 21.30, domingos às 16.00.

«POUCO BARULHO», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

Teatro Maria Matos

Av. Miguel Contreiras — Tel. 89 70 07
A REVISTA À PORTUGUESA
1.ª parte 1910 a 1945
De 3.ª a sábado às 21.45, aos sábados também às 16, domingos só às 16.

Escolha de textos e cooperação literária de Joaquim Pessoa, com Aida Baptista, Vítor Rosado, Margarida Carpinteiro, Maria da Graça, Vitorino, Hercinda d'Almeida, Rui de Sá, José Raposo, Gabriel Pais, Jorge Trincinhas, Sílvia Pleno e o Grupo de Bailado Olissipo.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46
Sala Experimental
De 3.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo às 16.30
O «Grupo Fernando Pessoa»

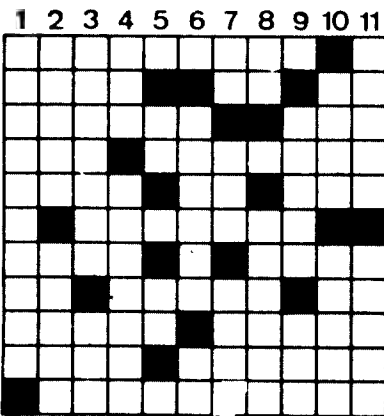
Em «CENA IMPOSSÍVEL OU RITMO-RITIMA», de E. Mello e Castro com Mónica Lapa, Michel de Roubais, Mizé e João d'Ávila. Estilista: Ana Salzar.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14593

HORIZONTAIS:

- 1 Lerleiro. Artigo definido.
- 2 Alegria. Pronome pessoal. Quinhentos e um em romano.
- 3 Susteio com estacas ou ligas a estas as videiras. Preposição.
- 4 Cidade do Sudão Francês na margem do Níger. Mulata.
- 5 Indivíduo misantropo. Mulo. Pêlos de certos animais.
- 6 Alcatifa.
- 7 Morada. Acção de empar.
- 8 Ósmio (s.q.). Vassourara o forno depois de quecido. Sufixo que designa estado.
- 9 Freguesia do concelho de Loulé. Da Arábia.
- 10 Cidade da Argélia. Aproxima.
- 11 Tomasses de assinatura.



VERTICAIS:

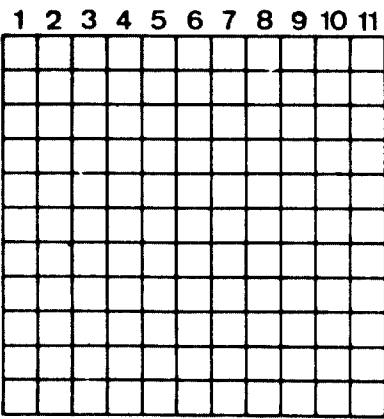
- 1 Mandrião.
- 2 Versejar. Guarnecera de asas.
- 3 Mulheres casadas. Chiste (inv).
- 4 Distrito da ex-Índia Portuguesa. Género de crustáceos.
- 5 Prefixo de negação. Clima.
- 6 Tempo do verbo ser. Prefixo de privação.
- 7 Prefixo de negação. Transpire. Espécie de nabo.
- 8 Rénio (s.q.). Maquinismos para tecer.
- 9 Descascam. Suspiros.
- 10 Estaleiro. Mendigo.
- 11 Dás oiro a. Superfícies planas de limitadas.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14433

HORIZONTAIS:

- 1 A morte. Elevadas.
- 2 Transferir para outro dia. Dança.
- 3 Sadio. Rema para trás. Pêlos de certos animais.
- 4 Solitário. Bário (s.q.). Nota musical. Réis.
- 5 Rosto magro e pálido (fig).
- 6 Rosto. Cidade da Númida.
- 7 Uma das Espérides. Amargo.
- 8 Arsénio (s.q.). Prefixo de privação.
- 9 Liga. Donzela de Orleães. Existe.
- 10 Feiticeiras. Caió a cama.
- 11 Vasilha com asas. Catedrais.



VERTICAIS:

- 1 Atravessa. Tranquilidade.
- 2 Nome de homem. Costuravas.
- 3 Curso de água natural e abundante. Cabelos brancos. Nome de letra.
- 4 Centiare. Cidade da Ucrânia. Preposição latina que designa movimento.
- 5 Abangiam. Membro de ave.
- 6 Frâncio (s.q.).
- 7 Assinala. Animal doméstico.
- 8 Lantânio (s.q.). Em má hora (ant).
- 9 Sinal ortográfico. Prepara.
- 10 Içar. Clima. Estime.
- 11 Peneire. Restos mortais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14592

HORIZONTAIS:

- 1 TEM. TEMPO. DE.
- 2 Ien. Dão. Com.
- 3 Rua. Chaga.
- 4 Maia. El.
- 5 Lu. Abel.
- 6 Tatu. Gabam.
- 7 Torramos.
- 8 Ga. Bi.
- 9 Galão. Agora.
- 10 Olho. Adorou.
- 11 Sio. Alisa.

VERTICAIS:

- 1 Eirol. FIGOS.
- 2 Meu. Ut. Ali.
- 3 NAO. Atalho.
- 4 Ato. Ao.
- 5 Edimburgo.
- 6 Má. Ac. Rã. Al.
- 7 Pocilga. Adi.
- 8 HÁ. AMIGOS.
- 9 Cá. Abóbora.
- 10 Doge. As. Ro.
- 11 Emalam. Aue.

PROVERBIO: Em tempo de figos não há amigos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14432

HORIZONTAIS:

- 1 Amora. Tapar.
- 2 Narciso.
- 3 Aru. Cor. Ras.
- 4 Bo. Latas. An.
- 5 Paravas.
- 6 Maré. Amos.
- 7 Air. Sãs. Mês.
- 8 Bara. Fala.
- 9 Ruara. Morar.
- 10 Serrara.
- 11 Mu. Soera. Ru.

VERTICAIS:

- 1 Acaba. Abram.
- 2 Ro. Miau.
- 3 ONU. Parras.
- 4 Ra. Lar. Ares.
- 5 Arcades. Aro.
- 6 Cota. Au. Re.
- 7 Tiravas. Mar.
- 8 As. Sam. Fora.
- 9 Por. Somara.
- 10 Aa. Sela.
- 11 Rosna. Sarau.

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; 17.15: Musicomania; 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.15: No estúdio e na estrada; 20.30: Música portuguesa; 21.00: Movimento; 21.30: Livre e directo; 23.30: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 16.30: Solos de viola dedilhada; 16.45: Árias de óperas menos conhecidas; 17.00: Integrais; 17.20: Estudos, para piano, livro 1, de Debussy; 17.30: Música de todos os quadrantes; 18.00: Música de câmara; 18.40: Concerto, para violino e orquestra, em ré maior, op. 61, de Beethoven; 19.30: Cancioneiro popular português; 20.00: Sonata, n.º 3, em si menor, op. 58, de Chopin; 20.40: Música orquestral; 21.00: Música e músicos portugueses; 21.30: Dicionário sonoro do teatro; 22.30: «Concerto de Aranjuez», de Joaquim Rodrigo; 23.00: Música de bailado; 00.00: Solos instrumentais; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Musical; 20.00: Conta corrente; 21.00: Musical; 21.30: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora; 01.00: Peça o que quiser; 02.00: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RCM-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: Som da frente; 17.00: Pé-de-vento; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Músicas; 22.00: Nunca mais é sábado. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

16.00: Ré maior; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.30: Quando o telefone toca; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Espaço musical; 22.30: Diário do desporto; 23.00: A hora é esta; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional
Braga, Porto, Lisboa e Évora

15.00: As boas tardes da Renascença; 18.00: Noticiário regional; 18.30: Ligação à rede nacional.

FM-Estéreo

14.00: Cem mais; 19.30: Transmissão do terço; 20.00: Serra de estrelas; 21.00: Vista alegre; 22.00: Oceano Pacífico; 23.55: Boa noite. Noticiários a todas as horas.



18.00 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «Animação — Aranha Apagadora» e «Calimero»

18.30 — Notícias

18.50 — Onze Dias na Vida do Martinho Lutero

Este programa ocupa-se da participação de Martinho Lutero, teólogo alemão da Reforma, na Dieta de Worms (ano 1521). «Onze dias na Vida de Martinho Lutero» procura explicar um pouco do que foi a Alemanha durante a Reforma Protestante e as suas implicações sociais, políticas e religiosas.

19.20 — O Mar e a Terra

«Cientistas no Mar» (5.º episódio): Tinham ficado para trás as ilhas Selvagens e para completar os trabalhos de biologia marinha, sobre o arquipélago da Madeira, a equipa dirigia-se agora para as águas de Porto Santo. Foi agradável voltar a pôr os pés em terra e tomar contacto com esta ilha descoberta por Gonçalves Zarco e Tristão Vaz há mais de 550 anos.

19.55 — O Livro Grande de Petete

«Quetzal»

20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico

20.35 — Louco Amor

Isolda acalma Sérgio dizendo que Renata agora é viva, mas mesmo assim ele afirma que não quer mais vê-la.

Guilherme mente a Muriel, afirmando que durante o jantar não falou com ninguém em especial.

Aconselhado por Luís Carlos, Alfredo pede desculpa a Isa e promete não voltar a beber.

Sérgio reconsidera e decide voltar a procurar Renata para que ela saiba que ele é um homem rico, agora.

Por seu lado, Isolda conta a Renata quem é o seu novo patrão.

Enquanto Lúcia tem uma audiência com o juiz de Menores, Nanda procura Jorge Augusto para ter uma conversa com ele.

21.25 — Televisão

— A caixa que mudou o Mundo

(8.º episódio)

22.30 — Em Lisboa, Uma Vez...

«Morte D'Homem» (4.º e último episódio). Um olhar que se procura desapaixionado sobre o território urbano (mal conhecido mesmo dos que habitam a cidade), onde se move a marginalidade.

Todos os episódios narrados são baseados em factos ocorridos em Lisboa, nos últimos anos.

Interpretes: João Mota, Carlos Paulo, João Lagarto, Moita Flores, José Pedro Gomes, Mário Jacques, Marques Arede, Hermenegildo Gomes, Maria Marília, Amélia Videira, Nuno André, Almeno Gonçalves, Fernando Alves, David Arcanjo, António Capelo, Argumento original de Moita Flores e Luís Filipe Cota.

23.30 — Último Jornal

00.05 — Emissão Experimental em 3 Dimensões

«O Monstro da Lagoa Negra»: No decurso de uma expedição na Amazônia, um grupo de cientistas vai perturbar no seu refúgio submarino uma



«Em Lisboa, Uma Vez...»: esta noite o último episódio

criatura aterrorizante, coberta de escamas. O monstro interessa-se apenas por Kay, a única mulher do grupo, que acaba por raptar.

Este filme, onde o fantástico e o erotismo discreto se conjugam, foi uma das grandes apostas da máquina de fazer dinheiro que era a produtora «Universal», nos anos 50. O investimento declarado no espectáculo, a ousadia de arriscar em experiências novas, foram bem compensadas neste filme em 3 Dimensões, e um dos poucos existentes nesse formato susceptíveis de passar em televisão.

A realização de Jack Arnold, um dos mestres do cinema fantástico, é extremamente inventiva, com soberbas sequências aquáticas e momentos feéricos. Jack Arnold (nascido em 1916), dirigiu alguns dos mais memoráveis filmes fantásticos e de ficção científica, gozando de enorme apreço crítico pelo seu trabalho em filmes extremamente imaginativos, ousados... e rendosos. Manipulador de extraterrestres e monstros, autor de narração concisa, especialista na criação de ambientes opressivos e angustiantes, Arnold é capaz de fazer do argumento mais pobre um espectáculo que é um desencadeamento de força e emoção, onde por vezes perpassa uma filosofia lúcida e amarga (como em «The Incredible Shrinking Man», um dos seus filmes mais aclamados).

Longe de ser apenas uma curiosidade simpática, «Creature From the Black Lagoon» é, também, e sobretudo a mostra do saber de um mestre dos



Em Três Dimensões, «O Monstro da Lagoa Negra»

efeitos dramáticos, apaixonado pelo fantástico, que faz da manipulação e da ameaça duas armas poderosíssimas e eficazes.

Título Original: Creature from the Black Lagoon. Realizador: Jack Arnold (Ano: 1954). Interpretes: Richard Carlson, Julie Adams, Richard Denning, António Moreno, Nestor Paiva, Ricou Browning. Duração: 79 minutos — Cor — Fantástico — Origem: EUA



19.30 — Desenhos Animados

«Ferdý»

19.55 — Medicinas Alternativas

A hipnose começou a ser usada como terapia médica há mais de três mil anos. No entanto, as suas conotações teatrais têm-na impedido de ser considerada uma verdadeira cura de doenças como as alergias ou as fobias.

20.20 — A História dos Teatros em Portugal

«De Lisboa e do Mundo»

21.20 — Directo/2

«Os meios de comunicação face à Tecnologia Actual»

22.30 — Jornal da Noite

AMANHÃ

RTP 1

11.30 — Tempo dos Mais Novos
14.00 — Dar e Receber
14.25 — Os Três Dukes
15.30 — Desenhos Animados
16.00 — Panorama
16.30 — O Mundo Maravilhoso de Walt Disney
17.30 — O Dia em que o Mundo Mudou
18.15 — O Louvre
19.05 — Parlamento
19.45 — Totoloto
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.30 — A Grande Barraca
21.15 — 50 Anos Depois de Pessoa
22.00 — Aplauso
22.55 — Último Jornal
23.05 — Sábado Especial — «A Loja dos Horrores»

RTP 2

18.30 — Troféu
20.00 — Animação
20.30 — O Maior Espectáculo do Mundo
21.30 — O Jogo Mortal
22.35 — Todas as Cartas de Amor São Ridículas.

A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIENCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus 13 B - R. de Macau, 8-1 LISBOA

MELO
INFORMÁTICA
SPECTRUM 48K
FABRICO INGLÊS
20 900\$00
OFERTA MANUAL PORTUGUÊS
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 - cave/dt.
Loja Zodiaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (Clube Video)
Tel. Zodiaco: 54 99 04 - Tel. Melo: 52 56 09 - 1100 LISBOA
Demonstrações 3.ª e 5.ª das 18 às 20 horas

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

RTP1 22.20
Em Lisboa, Uma Vez...

RTP2 21.30
Directo/2

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca 17 - Cruz Quebrada - Telef 2112871



20.35 — Louco Amor



MARES DE HOJE		TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:	
PREIA-MAR	BAIXA-MAR		
03.56 3,90 m	09.31 1,20 m	BRAGANÇA	9º
16.17 3,70 m	21.40 1,30 m	VIANA DO CASTELO	9º
	Dia 30	VILA REAL	4º
04.29 3,80 m	10.06 1,30 m	PORTO	10º
16.53 3,60 m	22.15 1,40 m	COIMBRA	8º
		CABO CARVOEIRO	11º
		CASTELO BRANCO	4º
		PORTALEGRE	5º
		LISBOA	8º
		ÉVORA	5º
		BEJA	6º
		FARO	9º
		SAGRES	15º
		PONTA DELGADA	16º
		FUNCHAL	19º

Anulada a demissão de sindicalista da PSP

Um acórdão do Supremo Tribunal Administrativo (STA), a que a Anop teve hoje acesso, anulou o despacho do ex-ministro da Administração Interna, Eduardo Pereira, que aplicava a pena de demissão ao agente da PSP do Funchal António Pinto Fernandes.

O acórdão, com data de 21 de Novembro, fundamenta a anulação do despacho decorrido pelo decreto-lei 440/82 de 4 de Novembro, que o STA considera enferma de «inconstitucionalidade orgânica» por o governo de Mário Soares ter legislado sem autorização parlamentar.

O STA recorda que nos termos da Constituição revista, já em vigor à data da publicação daquele decreto, é da exclusiva competência da Assembleia da República legislar, salvo autorização ao Governo, sobre o «regime geral de punição das infracções disciplinares».

Uma fonte ligada a Comissão Pró-Sindical da PSP disse que este foi o primeiro dos 13 recursos de agentes da PSP do Funchal punidos com pena de demissão que o STA apreciou. Por seu lado, um jurista ligado aos processos afirmou que o regulamento agora considerado inconstitucional tem sido a base das punições aplicadas a agentes da PSP por actividades do foro sindical.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO — 15 255 — 60 000 CONTOS
2.º PRÉMIO — 27 717 — 12 000 CONTOS
3.º PRÉMIO — 13 539 — 6 000 CONTOS

O 3.º Prémio foi vendido aos Balcões da Casa da Sorte

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - COIMBRA - SETUBAL - FARO

1.º PRÉMIO
15 255

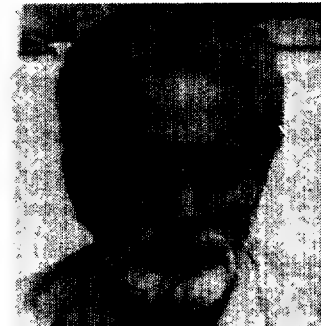
2.º PRÉMIO
27 717

3.º PRÉMIO
13 539



DIA 6/12: LOTARIA DA PADROEIRA
BILHETE 7 200\$ = 78 000 CONTOS
CASA VIOLA A SORTE QUE "TOCA"
LISBOA - BRAGA - ESTORIL - VISEU
 PEDIDOS PARA: R. ASSUNÇÃO, 87 1100 LISBOA

D/E/C/A/R/A/S/



PEDRO BARROSO, o criador, entre outros êxitos, de «Cantos da Borda d'Água», dá esta noite um concerto, pelas 21.30, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa. O autor e intérprete, que vive no Ribatejo e poucas vezes se tem apresentado ao vivo na capital, é acompanhado esta noite pelos músicos Abel Moura (acordeão), João Nuno Represas (percussão), José Carlos Gonçalves (violoncelo), Manuel Mendes (guitarra portuguesa), Pedro Fragoso (viola braguesa e piano), e Zé Calhau (flauta e percussão).

JACQUES CHIRAC, líder da oposição francesa, prometeu ao rei Hassan II de Marrocos que lutaria contra o racismo e a hostilidade contra os trabalhadores emigrantes em França. Chirac, que se reuniu com o monarca na qualidade de presidente da Câmara de Paris, está no centro de um difícil debate sobre emigração, que afecta directamente os marroquinos que vivem em França. «Por trás deste real problema, económico, social e humano, existem infelizmente alguns ataques de xenofobia. Quero dar a vossa magestade a garantia de que usarei toda a minha força para combater esta onda de racismo, até aqui afastada da nossa cul-

tura e génio», disse Chirac. **HERMÍNIO MARTINHO** defendeu, no Porto, a necessidade de «arrancar já com a regionalização e descentralização do País», ao falar na apresentação dos candidatos do PRD à Câmara Municipal daquela cidade. «O poder local deve ser servido por jovens interessados em contribuir para o bem da sua cidade» — afirmou o presidente do PRD, cuja lista para a Câmara do Porto é encabeçada por Alexandre Pinhal. «Os portugueses estão cheios de palavras bonitas, pelo que é necessário realizar os projectos que servem» ao seu bem-estar — disse Martinho.

TERESA COSTA MACEDO, candidata portuguesa à presidência da União Internacional dos Organismos Familiares, actual vice-presidente daquela organização internacional, partiu ontem para Nova Deli. A sua candidatura, apoiada pelo Governo português e por diferentes países da Europa, América Latina e África é a primeira candidatura da região mediterrânica e a primeira feminina desde a criação da UIOF, em 1947. De salientar ainda o especial interesse que a mesma reveste para Portugal no domínio das relações e cooperação com os países

africanos e latino-americanos, refere ainda um comunicado divulgado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros.

MARCELLO CURTO disse ontem, em Lisboa, que «quem, no PS, apoiar o herdeiro de Eanes e o seu padrinho estalinista, trai o Partido Socialista». O dirigente do PS afirmou que o apoio de militantes socialistas à candidatura de Salgado Zenha leva à negação «do socialismo democrático e dos princípios doutrinais e morais que mantiveram e vão manter vivo o Partido Socialista». Para Marcelo Curto, «o objectivo de Salgado Zenha e dos seus apoiantes é dividir e enfraquecer o Partido Socialista».

JOSÉ GUIMARÃES: a escultura em poliéster e fibra de vidro «Automóvel com Personagem» deste pintor e escultor português, passará a integrar o acervo do Museu de Ar Livre de Middelheim em Antuérpia. Oferecida pela Secretaria de Estado da Cultura, a peça, com três metros de comprimento, dois de altura e um de largura, será entregue no dia 2 de Dezembro pelo embaixador de Portugal na Bélgica, Lancaster da Veiga, ao ministro da Cultura da comunidade flamenga belga, Karel Poma.

'Operação Sião' permitiu prisão de 12 traficantes

Seis espanhóis e seis portugueses foram detidos pela Polícia Judiciária no âmbito do combate ao tráfico de drogas em diversos pontos do País, em especial nas áreas do Algarve, Lisboa e Porto, numa vasta operação a que foi dado o nome de código «Operação Sião».

No Algarve as diligências incidiram em Tavira, onde foram capturados três espanhóis: De Mateo, Navas e Vega, com idades compreendidas entre os 29 e os 35 anos. Na zona de Vila Real de Santo António efectuaram mais quatro prisões, três espanhóis e um português, respectivamente, Ramos, Bogado, Poli e Rodrigues com idades que variam entre os 34 e os 41 anos. Ainda nesta região seriam presos outros três indivíduos, todos de nacionalidade portuguesa: Barroso, Borges e Santos, com idades entre os 25 e 35 anos.

Para além das detenções, a Judiciária apreendeu heroína no valor de 1500 contos, 400 contos de haxixe, três viaturas automóveis e cerca de 700 contos em dinheiro proveniente da comercialização de droga.

Boliviano trazia cocaína num garrafão

Um boliviano de 24 anos, de apelido Cortez, foi detido ontem à tarde, no Aeroporto da Portela, em Lisboa, quando acabava de chegar num voo da Varig proveniente do Rio de Janeiro, por indicações chegadas à Polícia Judiciária que o apontavam como portador de «droga dura».

A primeira revista efectuada no aeroporto não resultou, mas os investigadores ainda assim conduziram o suspeito para a Secção Central de Investigação de Tráfico de Drogas, na Rua do Conde Redondo, onde voltaram a revistar com indícios negativos, o jovem boliviano. No entanto, quando os elementos da PJ procuravam analisar um garrafão trazido por Cortez, este agarrou subitamente no recipiente, lançando-o por uma das janelas do edifício, no 4.º andar, cujos vidros estilhaçou.

Cartaz DL

AS ESTREIAS DA SEMANA

COTTON CLUB

A partir de hoje, no Alfa 3, no Apolo 70, no Nimas e no Quarteto-sala 1.

Uma das mais aguardadas estreias do ano. Comentário crítico em destaque, aqui mesmo ao lado.

A realizar: Francis Ford Coppola.
Principais actores: Richard Gere, Diane Lane, Gregory Hines.

OS GOONIES

A partir de hoje, no Ávila, no Castil, no Terminal e no Voz.

Um grupo de miúdos, envolvido em mirabolantes aventuras, é o tema desta «Steven Spielberg's presentation» — destinada a ser um dos êxitos deste Natal.

A realizar: Richard Donner.
Principais actores: Sean Astin, Josh Brolin, Ke Huy-Quan.

ATOR, O CONQUISTADOR

Desde ontem, no Politeama.
Músculos e espada num vago tempo mitológico. Dantes eram os filmes de Hércules, agora é Ator ou Conan, enfim...

A realizar: David Hills
Principais actores: Miles O'Keefe, Lisa Foster, David Cain.

A PROMETIDA

Desde ontem no 7.ª Arte.
Frankenstein não cria um «monstro», cria — enfim, já era tempo... — um mulher lindíssima. Mas, claro, o «monstro» também por lá anda.

A realizar: Franc Roddam
Principais actores: Sting, Jennifer Beals, Geraldine Page, Clancy Brown.

SYLVESTER

Desde ontem no Império.
Sylvester é nome de cavalo e este filme é a sua história, desde o estatuto de abandonado e puguento até ao de luzidio campeão, mercê da dedicação de uma jovem.

A realizar: Tim Hunter.
Principais actores: Richard Farnsworth, Melissa Gilbert, Michael Schoeffling.

DOMINGO DIFERENTE

Desde ontem, no Alfa 2 e no Mundial.
Um policial francês chega em semana dominada por «locomotivas» americanas.

A realizar: Michel Vianey
Principais actores: Jean Rochefort, Victor Lanoux, Barbara Sukowa.

O VOO DA ÁGUIA

Desde ontem, no Amoreiras 2.
1897: uma expedição, em balão, para atingir o Pólo Norte desaparece sem deixar rasto. É a história fatídica dos três homens (cujo destino só foi conhecido trinta anos mais tarde) que constituíram a expedição que está na base desta fita, uma das mais caras jamais produzidas na Suécia.

A realizar: Jan Roel
Principais actores: Max von Sydow, Goran Stangertz, Sverre Anker Ousdal.

DIVÓRCIO EM HOLLYWOOD

Desde ontem, no Star.
No ambiente do cinema, uma história sentimental.

A realizar: Charles Shyer
Principais actores: Ryan O'Neal, Shelley Long, Drew Barrymore.

OS RAPAZES DA GUERRA

A partir de hoje, no N'Gola.
A guerra das Malvinas vista por dentro, num filme argentino que tem obtido algum êxito em festivais. A descobrir.

A realizar: Bebe Kamin
Principais actores: Hector Alterio, Carlos Carrera, Gustavo Belatti.

CINEMA CINEMA CINEMA CINEMA CINEMA CINEMA



«A Casa e o Mundo» de Satyajit Ray: antestreia terça-feira, para si

Antestreia de 'A Casa e o Mundo' para os nossos leitores

Continuamos a pensar que os leitores do «Cartaz/DL» são gente que merece prioridade. Tal como há filmes que os merecem ter como espectadores privilegiados.

É assim que, em colaboração com o ABC-Cineclube de Lisboa, lhe propomos vá ver, na terça-feira, às 18,30 ou às 19,15 h, no Cinema Quarteto, «A Casa e o mundo», obra-prima de Satyajit Ray que estreará, comercialmente, só no dia 6.

Trata-se do apogeu da longa carreira do mais renomado cineasta indiano, um filme saudado, um pouco por todo o mundo, como obra-prima.

Para que o leitor tenha acesso à sessão, nas condições especiais que lhe estão reservadas, nada mais simples: recorte o cupão que hoje (e segunda-feira) publicamos e siga as instruções nele expressas.

COTTON CLUB

Quando um realizador tem a aura de génio (e creio que a palavra não é malbaratada se referida a Francis Ford Coppola) não basta o excesso para que um seu filme preencha todas as expectativas. Não basta que seja impressionante, é preciso que também traga consigo coisas inexpressas até então ou, pelo menos, momentos onde a grandeza interior sobreleve sobre os efeitos, o dinheiro, a grande indústria, a agilidade.

Que «Cotton Club» é um filme feito para não deixar o espectador sair desludido, isso é um facto (de resto o fabuloso exercício formal dos últimos vinte minutos — verdadeira demonstração da arte da montagem — não serve para outra coisa); que tem, ainda — e para lá da ponta final — momentos preciosos de cinema, isso é inegável; que há um brilhantismo industrial estardecedor — essas coisas da cenografia, guarda-roupa, fotografia — creio que nem é discutível.

O que questiono é que, nos seus desequilíbrios como nos seus triunfos, «Cotton Club» me parece ser uma fita desmotivada, isto é, sem mais alma que a que lhe dá a argúcia técnico-narrativa, decorrendo, correndo, sem consequências.

Para que um filme seja um grande filme é preciso que nele aconteça a urgência de existir.

Cinemas Alfa 3, Apolo 70, Nimas e Quarteto (para maiores de 12 anos)



Um belo filme falhado, nem os génios acertam sempre (na foto: Diane Lane e Richard Gere em «Cotton Club»)

ALFAS TRIPLEX

— T. 806496

ALFA 1

A FLORESTA ESMERALDA
de John Boorman
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

ALFA 2

UM DOMINGO DIFERENTE
de Michel Vianey
* Ver «As estreias da semana»
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

ALFA 3

COTTON CLUB
de Francis Ford Coppola

* Ver «Destaque»
(para maiores de 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h

ALFA CLUB

A COMPANHIA DOS LOBOS
de Neil Jordan
A verdadeira história do capuchinho vermelho ou tão-só uma parábola lúdica e perversa — mesmo mesmo à beira de ser um grande filme...
(para maiores de 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

AMOREIRAS

— T. 691275

SALA 1

A FLORESTA ESMERALDA
de John Boorman

COMPLEXO TURÍSTICO

PUB 3 QUÍC **PRIMA NOVA**

PROMOÇÃO

DE 1 DE OUTUBRO A 15 DE DEZEMBRO 85

FIM DE SEMANA ou 2 NOITES (à escolha)

Incluindo:

- ESTADIA 2 PESSOAS
- 4 PEQUENOS ALMOÇOS
- 2 APERITIVOS
- 2 REFEIÇÕES NO NOSSO RESTAURANTE PANORÂMICO
- 2 BEBIDAS NO PUB QUÍC

ESC.4500\$00
(taxas e serviço incluído)

Tel. 2903882

(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

SALA 2

O VOO DA ÁGUA

de Jan Troell

* Ver «As estreias da semana»
(para maiores de 6 anos)
14.30, 18.00, 21.15 e 24.00 h

SALA 3

RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI

de George P. Cosmatos

O regresso do recalcado, uma guerra perdida que um homem só vai «ganhar». Primário e belicista, Rambo-A vingança do herói é um grito de ódio dos «combatentes» contra a sociedade que os «traiu». O fantasma do Vietname volta. Êxito na América, aplaudido pelo público em muitas salas de Lisboa, que «derrotas» habitam algumas mentes por aí?
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

APOLO 70

COTTON CLUB

de Francis Ford Coppola

* Ver «Destaque»
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

ÁVILA

OS GOONIES

de Richard Donner

* Ver «As estreias da semana»
(para maiores de 6 anos)
15, 17, 19.10 e 21.45 h

AVIS

AMÉRICA VIOLENTA

de Romano Vanderbes

(para maiores de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

BERNA

O ÚLTIMO GUERREIRO DO ESPAÇO

de Nick Castle

(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

CAPITÓLIO

RADIOGOZO

(interdito a men. 18 anos)

15, 17, 19, 21 e 23 h

CASTIL

OS GOONIES

de Richard Donner

* Ver «As estreias da semana»
(para maiores de 6 anos)
De segunda a sexta 15.30, 18.30 e 21.30 h
Sábados e domingos 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

CALEIDOSCÓPIO

HISTÓRIA INTERMINÁVEL

de Wolfgang Petersen

Uma imatética feérica mas este filme esquece-se de que não pode viver só disso. Os mudos, porém, gostam
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

CINEBLOCO

AMERICAN GIGOLO

de Paul Schrader

(não acons. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

CINE 222

QUE GRANDE CEGADA

de Luciano Salce

(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

CINE ESTÚDIO ACS

MONTY PHYTON — O SENTIDO DA VIDA

de Terry Jones

(para maiores de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

ELECTRIC DREMS

de Steve Barron

(para maiores de 12 anos)
16 e 21.45 h
Sábados e domingos 14.45, 17 e 21.45 h

ESTÚDIO SHEZA

DESAPARECIDO EM COMBATE

de Joseph Zito

(para maiores de 12 anos)
15.30 e 21.30 h
Sábados e domingos 15, 17.15 e 21.30 h

CITY CINE

MAD MAX — ALEM DA CÚPULA DO TROVÃO

de George Miller e George Ogilvie

Muito espectáculo mas não grande cinema. O filão Mad Max tende para o esgotamento cerce
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

CONDES

OS GANSOS SELVAGENS CONTRA-ATACAM

de Anthony M. Dawson

* Ver «As estreias da semana»
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

EDEN

RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI

de George P. Cosmatos

* Ver nota crítica no espaço do Amoreiras 3
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

ESTÚDIO

REQUIEM PARA UMA MULHER

de Paul Vecchiali

(interdito a men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

ESTÚDIO 444

SIBIRIADA (1.ª parte)

de Andrei Mikhalkov-Konchalovskiy

Como uma estrada rasgada ate ao céu, este filme é um daqueles gestos visionários e grandiosos que muito nos fazem amar o cinema
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

FONTE NOVA

SALA 1

REUBEN, REUBEN

de Robert Ellis Miller

Tom Conti (trabalhando em overacting, saboreando o quase cabotinismo) e Kelly McGillis (aqui na sua estreia absoluta - e a confirmar o que sugerimos quando a vimos em «A Testemunha» - vale a pena fixar o seu nome) dão a esta fita uma energia particular, talvez o prazer de ver representar a uma certa distância

OS FILMES DA CINEMATECA

A homenagem a Bernard Hermann é o fulcro da programação da Cinemateca esta semana.

HOMENAGEM A HERRMANN

Sáb.30

às 15h30: The Ghost and Mrs. Muir/1947

(O fantasma apaixonado)

de Joseph Mankiewicz

às 18h30: On dangerous ground/1951

(Cega paixão)

de Nicholas Ray

às 21h30: Five fingers/1952

(O caso Cicero)

de Joseph Mankiewicz

3.ª, 3

às 18h30: The trouble with Harry/1955

(O terceiro tiro)

de Alfred Hitchcock

cópia legendada em português

4.ª, 4

às 18h30: The Man Who Knew Too Much/1956

(O Homem que Sabia De Mais)

de Alfred Hitchcock

cópia legendada em português

às 21h30: Vertigo/1958(A Mulher que Viveu

Duas Vezes)

de Alfred Hitchcock

cópia legendada em português

5.ª, 5

às 21h30: North by Northwest/1959

(Intriga Internacional)

de Alfred Hitchcock

cópia legendada em português

HOMENAGEM A ORSON WELLES

2.ª, 2

às 18h30: Othello/1951

e às 21h30: Othello)

de Orson Welles



Hitchcock volta à Cinemateca sob a batuta de Hermann (na foto: John Forsythe e Shirley MacLaine em «O Terceiro Tiro»)

OUTRAS SESSÕES

6.ª, 29

às 18h30: Le pays de la terre sans arbres/1970

de Pierre Perault

às 21h30: O barão de Altamira/1985

de Artur Semedo

ANTESTREIA

3.ª, 3

às 21h30: Conversa acabada/1981

de João Botelho

ENCONTRO COM O CINEMA PORTUGUÊS

5.ª, 5

às 18h30: Cântico final/1975

de Manuel Guimarães

do naturalismo, la onde a ironia tem retroacção
(para maiores de 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.15 h

SALA 2

A TESTEMUNHA

de Peter Weir

(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

SALA 3

A REVOLTA DOS MARADOS

de Jeff Kanew

(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

GEMINI

A FLORESTA ESMERALDA

de John Boorman

(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

HOLLYWOOD

SALA 1

OS GANSOS SELVAGENS CONTRA-ATACAM

de Anthony M. Dawson

* Ver «As estreias da semana»
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

SALA 2

A ROSA PÚRPURA DO CAIRO

de Woody Allen

O cinema como evasão para uma vida que sempre acaba por comandar os acontecimentos. Um filme terno, traquico, tangente, talentoso e claro, muito divertido. E Mia Farrow, nas mãos de Woody Allen, continua uma carreira de espanto
(para maiores de 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

IGOPER

SEMPRE EM FÉRIAS

de Gus Trikonis

(não acons. men. 13 anos)
15.30 e 21.30 h
Sábados, domingos e segundas, sessão também às 18.30 h

IMPÉRIO

SILVESTER

de Tim Hunter

* Ver «As estreias da semana»
(para maiores de 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

LAS VEGAS

SALA 1

AS NOITES DE CHINA BLUE

de Ken Russell

* Ver nota crítica no espaço do Londres.
(para maiores de 18 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h
Sábados, domingos e feriados 14, 16.15, 18.45 e 21.30 h
Sábados sessão também às 24 h

SALA 2

ANATOMIA DUMA TRAIÇÃO

de David Jones

Um texto de Pinter, certo de ritmo e ironia mas tão tão decadentemente british, tão gelido, tão civilizado que, desconfio, não sobraria ponta de paciência para o ver em palco.

O que salva o filme são os actores - e que actores. Ben Kingsley convence aqui que o oscar que levou pelo Gandhi premiou a pessoa certa no filme errado. Patricia Hodge e soberba nessa difícil arte de sugerir mais coisas que o que mostra, tendo ainda o condão de magnetizar a câmara e o nosso olhar. Jeremy Irons - o menos certo do triunvirato - e, ainda assim, delicioso.

(para maiores de 12 anos)

15.30, 18.45 e 21.45 h

Sábados, domingos e feriados:

14, 16.30, 19 e 21.45 h

Sábados sessão também às 24 h.

LONDRES

AS NOITES DE CHINA BLUE

de Ken Russell

(para maiores de 18 anos)

14, 16.30, 19 e 00.30 h

sábados: sessão também às 24.30 h

MUNDIAL

DOMINGO DIFERENTE

de Michel Vianey

* Ver «As estreias da semana»

(para maiores de 12 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

N'GOLA

OS RAPAZES DA GUERRA

de Bebe Kamin

* Ver «As estreias da semana»

(para maiores de 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

NIMAS

COTTON CLUB

de Francis Ford Coppola

* Ver «Destaque»

(para maiores de 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

ODEON

AMANDO E RINDO

de J. Johnson

(interdito a men. 18 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

OLÍMPIA

PROSTITUIÇÃO E DROGA

(interdito a men. 18 anos)

Sessões continuas a partir das 14 h



APRESENTA

FILME DE QUALIDADE

GRANDE PRÉMIO
"COLOMBO DE OURO"
NO FESTIVAL DE HUELVA/84

os rapazes da guerra



um filme de
BEBE KAMIN

O FILME ARGENTINO SOBRE OS JOVENS
QUE FORAM À GUERRA DAS MALVINAS

ESTREIA
SEXTA-FEIRA
AS 21.30 H

CINEMA



MAIORES DE 12 ANOS

PATHÉ

— T. 821933
ZAS! TUDO AO LEU
de Robert Rosenthal
 (para maiores de 12 anos)
 14.00, 16.30 e 21.30 h
 Sábados, domingos e segundas
 sessão também as 19 h

POLITEAMA

— T. 326305
ATOR, O CONQUISTADOR
de David Hills
 * Ver «As estreias da semana»
 (para maiores de 12 anos)
 (14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h)

QUARTETO

— T. 771378
NOTA: Os horários do Quarteto
 sofrem por vezes alterações
 imprevistas, em particular
 durante o fim-de-semana. É
 conveniente a confirmação
 telefónica previa

SALA 1

COTTON CLUB
de Francis Ford Coppola
 * Ver «Destaque»
 (para maiores de 16 anos)
 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
 De domingo a quinta, também às
 23.30 h

SALA 2

CONSTANCE
de Bruce Morrison
 (para maiores de 16 anos)
 14.30, 16.45, 19 e 21.15h

SALA 3

AMANTES
de John Cassavetes
Love Streams é uma fita que
 interpela, irrita, seduz e, sobretu-
 do aturde, tem tempo de narrar,
 tergiversar, tem tempo para se
 perder e de retomar, tempo de as-
 fixia e de ressurreição. A estética
 de Cassavetes é a de uma corrida
 para diante (para o diabo o equili-
 brio, a neurose está no posto de
 comando!), fascinante e lassa.
 Daí que pressinta que este filme
 não está destinado a habitar o

AS ESTRELAS

SIBERIADA	★ ★ ★ ★ ★
A ROSA PÚRPURA DO CAIRO	★ ★ ★ ★ ★
A COMPANHIA DOS LOBOS	★ ★ ★ ★ ★
AMANTES	★ ★ ★ ★ ★
COTTON CLUB	★ ★ ★ ★
REUBEN, REUBEN	★ ★ ★ ★
ANATOMIA DUMA TRAIÇÃO	★ ★ ★
MAD MAX — ALÉM DA CÚPULA	★ ★
DO TROVAO	★ ★
HISTÓRIA INTERMINÁVEL	★ ★
A LUA NA VALETA	★
007 — ALVO EM MOVIMENTO	★
AS NOITES DE CHINA BLUE	●
RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI	●

Olimpo, preferindo sacudir-nos
 no caos de uma ressaca. Deses-
 pero e rasgões fundos na alma so
 os tolinhos os ignoram. Apesar de
 tudo o amor circula
 (para maiores de 12 anos)
 14, 16.30, 19, e 21.30 h

SALA 4

A LUA NA VALETA
de Jean-Jacques Beineix
 O esteticismo desbragado de
 Beineix encontra o seu apogeu na
 pura vacuidade.
 (para maiores de 16 anos)
 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

ROMA

— T. 889192
RAMBO — A VINGANÇA
DO HERÓI
de George P. Cosmatos
 * Ver nota crítica no espaço do
 Amoreiras 3
 (para maiores de 12 anos)
 14, 16.30, 19 e 21.30 h

ROXY

— T. 548560
CARTAS DE AMOR DE UMA
FREIRA PORTUGUESA
de Jess Franco
 (para maiores de 18 anos)
 14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. JORGE

— T. 579144

SALA 1

A FLORESTA ESMERALDA
de John Boorman
 (para maiores de 12 anos)
 15.30, 18.30 e 21.30 h

SALA 2

O ÚLTIMO GUERREIRO
DO ESPAÇO
de Nick Castle
 (para maiores de 6 anos)
 14.30, 16.45, 19 e 21.45 h

SALA 3

007-ALVO EM MOVIMENTO
de John Glen
 James Bond em acelerada de-
 cadência. So os diamantes — e
 não os agentes secretos — são
 eternos.
 (para maiores de 12 anos)
 14, 16.30, 19 e 21.30 h

7.ª ARTE

— T. 730715
A PROMETIDA
de Franc Roldam
 * Ver «As estreias da semana»
 (para maiores de 12 anos)
 15, 17, 19.10 e 21.45 h

STAR

— T. 804210
DIVÓRCIO EM HOLLYWOOD
de Charles Shyer
 * Ver «As estreias da semana»
 (para maiores de 12 anos)

de segunda a sexta 15, 18.15 e
 21.30 h
 Sábados e domingos 14.30
 16.45, 19 e 21.30 h

TERMINAL

— T. 371573
OS GOONIES
de Richard Donner
 * Ver «As estreias da semana»
 (para maiores de 16 anos)
 13, 15, 17, 19 e 21.30 h
 Sábados, domingos e vespéras
 de feriados sessão também as
 23.30 h

TIVOLI

— T. 570595
RAMBO — A VINGANÇA
DO HERÓI
de George P. Cosmatos
 Ver nota crítica no espaço do
 Amoreiras 3
 (para maiores de 12 anos)
 14, 16.30, 19 e 21.30 h

TURIM

— T. 706666
OS AMANTES DE MARIA
*de Andrei Mikhalkov-Konchalvos-
 ki*
 (para maiores de 16 anos)
 15, 17.30 e 21.30 h
 Sábados e domingos
 14, 16.30, 19 e 21.45 h

VOX

— T. 880808
OS GOONIES
de Richard Donner
 * Ver «As estreias da semana»
 (para maiores de 6 anos)
 15, 18.15 e 21.30 h

XENON

— T. 368480
A MALDIÇÃO DA MANSÃO
SOMBRIA
de Don Sharp
 (para maiores de 16 anos)
 14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

ZODÍACO

— T. 570151
OUTLAND —
ATMOSFERA ZERO
de Peter Hyans
 (não acons. men. 13 anos)
 15, 17, 19 e 21.30 h

MEIAS-NOITES

Há salas que fazem habitualmente sessões tardias com o
 filme em cartaz no restante horário. Consulte a nossa carteleira
 para esse fim. Aqui indicam-se apenas sessões especiais das
 meias-noites.

SEXTA-FEIRA, 29

O Mistério de Gorky Park de Micheel Apted (Quarteto, 23.30h)
Um Dia de Cão de Sidney Lumet (Quarteto, 23.30h)
O Monstro de Walerian Borowczk (Quarteto, 23.30h)
Armadilha para um Homem de Peter Fleischmann (Quarteto,
 23.30h)
O Sentido da Vida de Terry Jones (City Cine, 23.45h)
A Face do Poder de Alan J. Pakula (Academia Almadense, 24h)
Os Aventureiros do Fim do Mundo de Brian G. Hutton (Cines-
 túdio Almada, 24h)

SÁBADO, 30

Um Homem de Sorte de Lindsay Anderson (Quarteto, 0.15h)
Crónica da mais Velha Profissão do Mundo de Daniel Duval
 (Quarteto, 0.15h)
Em Nome do Povo Italiano de Dino Risi (Quarteto, 0.15h)
A Amante do Tenente Francês de Karel Reisz (Quarteto,
 0.15h)
O Sentido da Vida de Terry Jones (City Cine, 23.45h)
Tess de Roman Polanski (Turim, 24h)
Veio do Outro Mundo de John Carpenter (Cinestúdio Almada,
 24h).

DOMINGO, 1

48 Horas de Walter Hill (Quarteto, 23.30h)
Assalto à 13.ª Esquadra de John Carpenter (Quarteto, 23.30h)
Festival Rocky de Terror de Jim Sharan (Quarteto, 23.30h)

DE DIA 2 A DIA 4

48 Horas de Walter Hill (Quarteto, 23.30h)
Assalto à 13.ª Esquadra de John Carpenter (Quarteto, 23.30h)
Festival Rocky de Terror de Jim Sharan (Quarteto, 23.30h).



Miki-Miki (à esq.) e Maria Schneider em "Crónica da mais velha pro-
 fissão do mundo" (amanhã, no Quarteto)

... E AINDA

Neste espaço procuramos divulgar a programação dos cineclu-
 bes e, em geral, das associações culturais com actividades no campo
 do cinema. Para tanto agradece-se que todas as informações sejam
 enviadas para **Jorge Leitão Ramos** — «Diário de Lisboa», R. Luz
 Soriano — 1200 Lisboa

ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA DE OEIRAS

Dia 30 21.30h — **A Estrangeira**
 de João Mário Grilo
 Dia 5 21.30 — **Silvestre**
 de João César Monteiro
 As entradas são gratuitas

INSTITUTO ALEMÃO

Semana Fassbinder no Instituto Alemão (Campo dos Mártires da
 Pátria, 36-37)
 Dia 2 18.30 — **Roleta Chinesa** / 1976
 Dia 3 18.30h — **Mas Eu Só Quero que Me Amem** / 1975/76
 Dia 4 18.30h — **Nora** / 1973
 Dia 5 18.30h — **Deuses da Peste** / 1969

GUILHERME COSSOUL

Na sede da Sociedade Guilherme Cossoul (Av. D. Carlos I, n.º
 61-1.º):
 Dia 30 21.30h — **O Coração Potenkine**
 de Sergei Eisenstein
 Entrada gratuita

CINECLUBE DO PORTO

Dia 1, às 10h30, no Cinema Batalha e dia 2, às 18h no Auditório
 Carlos Alberto
Nostalgia
 de Andrei Tarkovski

CINECLUBE DE VISEU

Hoje, às 21h30 no Auditório do Museu Almeida Moreira
Saló ou os 120 Dias de Sodoma
 de Pier Paolo Pasolini



Teresa Madruga em «A Estrangeira» (amanhã, em Oeiras)

TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO

As estreias

Começamos, desta vez, pelos nossos irmãos e primos. Lembremos, pois, aos leitores do Porto que o grupo brasileiro Teatro Livre repõe na Cooperativa do Povo Portuense o espectáculo que levou ao FITEI: **Amar - Verbo Intransitivo**, de Mário de Andrade, talvez o mais belo espectáculo da última festa teatral portuense. Só neste fim-de-semana. Aqui, em Lisboa, na Sala Manuela Porto, do Teatro do Bairro Alto, apresenta-se um grupo espanhol: Teatro Fronterizo, com a peça **Naque o de piojos y actores**, prémio Arturo Carbonell, do festival de Sitges. Só domingo e segunda-feira.

Por cá, na Sala Experimental do Teatro Nacional, estreou um espectáculo com o título **Cena Impossível ou Ritmo-Ri-Rima, texto de E.M. Melo e Castro, encenação de João d'Ávila. Em Braga, o Cena estreia hoje O Tesouro**, adaptação do conto de Eça de Queirós, encenação de António Moreno.

Lembramos que em Lisboa, o Teatro da Cornucópia estreou **Páscoa e A Ilha dos Mortos**, de Strindberg, e em Setúbal, o TAS um novo espectáculo sobre Fernando Pessoa, **O Menino de Sua Mãe**.

TEATRO MARIA MATOS

Av. Frei Miguel Contreiras
Tel. 897017

A Revista Portuguesa (1-1910/1945). Antologia organizada por Joaquim Pessoa. Encenação: Gabriel Pais. Coreografia: Jorge Trincinha. Interpretação: Aida Baptista, Margarida Carpinteiro, Maria da Graça, Vítor Rosado, Vítorino, etc.

Uma oportunidade perdida para um espectáculo sobre a história da revista.

TEATRO NACIONAL

D. MARIA II

Rossio
Tel. 372246
(De terça a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00)

O Morgado de Fafe em Lisboa, de Camilo Castelo Branco. Encenação: Ruy de Matos. Cenografia: Nuno Carinhas. Interpretação: António Rama, Carlos Fonseca, Carlos Pimenta, Casiano Vieira, Curado Ribeiro, Irene Isidro, Ivo Vaz, João de Carvalho, Lúcia Maria, Luís Bandeira, Lourdes Lima, Madalena Braga, Paulo Mora, Paulo d'Araújo, Paulo Lopes, Teresa Corte-Real, Varela Silva e Vítor Teles.

O público gosta. Valerá a pena saber porquê.

TEATRO MARIA VITÓRIA

Parque Mayer
Tel. 361740
(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; Domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45)

Não Batam Mais no Zezinho, de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson. Música: João Vasconcelos, F. Correia Martins e o Nazareth Fernandes. Encenação: Henrique Santana. Interpretação: Alice Gomes, Carlos Cunha, Carlos Ivo, Eugénio Salvador, Fernando Mendes, H. Santana, Ivone Silva, Leonor Edviges, Linda Silva, Maria Amada, Maria Cabral, Marília Barroso, Nuno Emanuel, Raquel Almeida e Soraya Arrais.

A melhor revista dos últimos anos tem o êxito que merece.

TEATRO VILLARET

Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A

Tel. 788609
(De terça a domingo, às 21.30; domingos, também às 16.00)

Pouco Barulhogi, de Michael Frayn. Adap.: César de Oliveira e Barry Scraig. Encenação: Varela Silva. Cenografia: Octávio Clérigo. Interpretação: Guida Maria, Henrique Santos, Isabel Mota, Jorge Nery, Manuela Mana, Morais e Castro, Nicolau Breynier, Rosa do Canto e Vítor de Sousa.

Outro êxito merecido

O outro teatro

CENTRO COMERCIAL DAS AMOREIRAS

HALLEY HALL

Centro Nacional de Cultura

(Tel. 366722)

(Até amanhã, sábado, às 22.00)

Doce Inimigo, colagem de textos de Chaucer, Eugénio de Andrade, Tchekhov e Marguerite Yourcenar.

Dramaturgia: Alexandre Leitão, José Artur Pestana e Jorge Listopad. Encenação: Jorge Listopad. Cenografia: Tomás Taveira. Figurinos: Nuno Carinhas. Música: Telectu. Grupo **Teatro da Universidade Técnica**.

Inventámos, no último Cartaz, mais um dia de Novembro para este espectáculo. Era merecido. Pena termos que o desmentir. Ver datas.

COMUNA

Pracsa de Espanha

Tel. 720818
(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00)

Amadis, de Abel Neves. Encenação: João Mota. Interpretação: Abel Neves, Alfredo Brissos, Ameno Gonçalves, Amélia Varejão, André Nuno, António Melo, Carlos Paulo, Cecília Sousa, Isabel Medina, João Mota, Jorge Loureiro, José Pedro Gomes, Maria Marília, Marques Arede, Paulo Ferreira.

Um novo espaço da Comuna, e nele uma história de amor. Absolutamente indispensável.

SALA 2

(Até amanhã, sábado, às 22.00)
O Túnel, de Paer Lagerkvist. Encenação: Manuel Cintra. Interpretação: Manuel Cintra e Manuel Mozos.

Um texto breve de um grande escritor sueco, Prémio Nobel.

TEATRO ABERTO

Pracsa de Espanha

Tel. 770969

Tu e Eu, de F.K. Waechter. Tradução: Vera San-Payo Lemos, José Fanha e João Lourenço. Encenação: João Lourenço. Cenografia: Ângelo de Sousa. Interpretação: Carlos Pisco, João Perry, Jorge Gonçalves e Miguel Guilherme.

Novo Grupo. Um espectáculo que nos faz amar a juventude - e sentir-mos jovens. Bom até para os jovens.

TEATRO DO BAIRRO ALTO

Rua Tenente Raul Cascais, 1-A

Tel. 661515

Páscoa/A Ilha dos Mortos, de Strindberg. Encenação: Luís Miguel Cintra. Cenografia: Cristina Reis. Interpretação: Alda Rodrigues, Francisco Costa, José Manuel Mendes, Luis Lima Barreto, Luis Miguel Cintra, Márcia Breia, Raquel Maria e Ruy Furtado. **Teatro da Cornucópia. O outro teatro do outro teatro. Belo e comovente.**

Absolutamente indispensável.

SALA MANUELA

PORTO

(Domingo, 30, e segunda, 1-12, às 21.30)

Naque o de piojos y actores, de Sanchis Sinisterra, pelo Teatro Fronterizo.

Veio de Espanha este espectáculo com um texto que ob-

Os 20 anos do TEC

Verifica-se no nosso teatro um facto que é certamente raro em termos, pelo menos, europeus. Referimo-nos à longevidade atingida por alguns dos grupos e companhias que se integram no chamado Teatro Independente. Veja-se o caso do Teatro Estúdio de Lisboa, da Comuna, do Teatro da Cornucópia, qualquer deles com mais de doze anos de existência. Não citámos o Teatro Experimental do Porto, o mais antigo de todos, por se tratar de um caso especial porque, a direcção artística e o elenco mudam com frequência, ao contrário do que acontece nos casos referidos em que o primeiro e o segundo, pelo menos em parte, se têm mantido.

Além dos grupos citados, é indispensável evocar o Teatro Experimental de Cascais que acaba de fazer vinte anos e é portanto o mais antigo desses grupos. Comemorou-se com dois espectáculos em cena: em Lisboa, **Virginia**, de Edna O'Brien, encenação de Carlos Avilez, apresentado no Teatro Nacional; no Porto, no FITEI, **Duas Anedotas Provincianas**, de Vampilov, encenação de Artur Ramos. Ter dois espectáculos em cena não é uma casualidade mas sim o fruto da vitalidade que o grupo demonstrou ao longo destas duas décadas. Se a sua carreira teve altos e baixos, reflectindo a evolução do seu director artístico e principal criador, como dificilmente poderia deixar de ser, nem por isso o TEC deixou de ser uma presença importante e influente, em termos positivos e negativos, na prática do teatro em Portugal.

Talvez não tenha havido no grupo, ao longo destes anos, um projecto estético definido, talvez as suas relações com o(s) público(s) tenham sido marcadas por alguma ambiguidade, talvez tenham escasseado na prática do grupo rigor e coerência - essas limitações, essas carências, foram largamente compensadas, em termos de balanço, por aquilo a que poderemos chamar a vitalidade criativa do colectivo de Cascais. Talvez mais próximo da paixão que da lucidez, Carlos Avilez e o TEC tenham feito dessa paixão a sua maneira própria de ser teatro.

Paixão pelas grandes máquinas teatrais, de que **D. Quixote**, de Yves Jamiaque, foi paradigma na primeira fase do grupo; paixão pelo jogo cénico e pelo espectáculo de que **O Comissário da Polícia** foi exemplo convincente; paixão pelo teatro total que a ligação com a música e com a dança, e em especial com Agueda Sena, e ainda com artistas plásticos, como Almada Negreiros, João Vieira, José Rodrigues, Júlio Resende, Noronha da Costa, Lagoa Henriques, etc. concretizaram; paixão pela vanguarda que autores como Jack Gelber, Beckett, Arrabal, assim como o arranjo de certos textos, como **Fuenteovejuna**, revelaram; paixão pelo trabalho do actor provida pelo cuidado

posto nesse crucial aspecto do espectáculo teatral como também pela passagem pelo grupo de artistas como Amélia Rey Colaço e Eunice Muñoz, José de Castro, Augusto Figueiredo e Mirta Casimiro, entre outros; paixão pelo trabalho dos outros, reflectida em casos como o de Artur Ramos (quem não se lembra de **Look back in anger**, o Tempo e a Ira?), e o de Victor Garcia (esse genial **As Criadas**, de Genet); paixão até pelo autor português (o TEC é provavelmente o grupo independente que mais tem representado peças nacionais). Talvez haja nisto um excesso de paixões, de paixão. Mas talvez em arte, e em especial no teatro, mais valha o excesso de paixão do que a sua escassez.

Pode gostar-se ou não do trabalho do TEC e de Carlos Avilez... Pela nossa parte repudiámos muitas vezes esse trabalho pelo que nos parecia haver nele de falso, de pomposo, de contraditório. Congratulamo-nos, no entanto, pelo facto da teimosia, da persistência, da capacidade de trabalho e de evolução de Avilez e dos seus colaboradores constantes, terem permitido a superação de fases menos felizes na caminhada do grupo; congratulamo-nos pelo facto de hoje a paixão que sempre animou um e outros se manter viva mas agora compartilhada, enriquecida por uma lucidez que explica a qualidade obtida pelo TEC nos espectáculos das últimas temporadas (evolução a que não é alheio, muito pelo contrário, o facto de o teatro viver agora em liberdade).

Mudando parcialmente de elenco, o grupo mantém pois a mesma vontade em atingir um objectivo que sabe, aliás, muito alto: o de um teatro moderno, interveniente, de grande nível, capaz de atingir públicos cada vez mais vastos. Para isso os actores de ontem, que são em parte também os de hoje, estão na luta, juntamente com outros mais recentes. Não queremos deixar de os citar com perdão daqueles que, porventura, sejam esquecidos. João Vasco, Santos Manuel, António Marques, Cecília Guimarães, Luísa Salgueiro, Anna Paula, Ilda Roquete, Paulo B., Luís Rizo, Fernando Corte-Real, Carlos Freixo, Augusto Leal, e outros que passaram pelo grupo e tomaram outros voos, como Maria do Céu Guerra, Zita Duarte, Fernanda Lapa, Máio Viegas, Fernanda Coimbra, Filipe La Féria, Adelaide João, Mário Pereira, Orlando Costa, Fernanda Alves, Graça Lobo, Álvaro Faria, Isabel de Castro, Lia Gama, etc. Sem esquecer, porque não se pode esquecer, Maria Albergaria.

O TEC mantém um programa ambicioso, que novas condições de trabalho ajudarão a concretizar. São esses os nossos votos.

Carlos Porto

teve em Stiges o Prémio Arturo Carbonell.

Teatro NACIONAL

D. MARIA II

Rossio

Tel. 372246

Sala Experimental

(De 27 a 30 de Novembro, às 21.45; sábado, às 16.30)

Cena Impossível ou Ritmo-Ri-Rima, de E.M. Melo e Castro. Encenação: João d'Ávila. Música: Vítor Rua. Figurinos: Ana Salazar. Interpretação: Durval Lucena, João d'Ávila, Michahel de Roubaix, Mizé e Mónica.

Uma surpresa no Nacional.

TEATRO DO SÉCULO

Rua do Século, 41

(De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 17.30)

Embalagem Perdida, de Vera Feyder. Dramaturgia e Encenação: Ricardo Marques. Cenografia: Mário Jorge. Interpretação: Lucinda Loureiro e Cucha Carvalheiro.

Indispensável ver este simpático espectáculo com duas excelentes actrizes.

TEATRO DA TRINDADE

Rua da Trindade

Tel. 32 32 00

(De terça a sexta, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00 e 21.30). Temporada lisboeta do Teatro de Campolide. Indispensável para quem não viu os seus espectáculos. Até segunda-feira, **O Capote**, de Lattuada, encenação de Joaquim Benite, com uma grande interpretação de Carlos Gonçalves. Seguem-se **Réus e Juizes**, textos de Gil Vicente e António José da Silva, encenação de José Martins; e **A Excepção e a Regra**, de Brecht.

TEATRO VASCO SANTANA

Entrecampos

Tel. 76 86 09

(De terça a sábado, às 21.45; domingos, às 16.00 e 21.45)

Jardim de Outono, de Lillian Hellman. Encenação: Luzia Maria Martins. Cenografia: Fernando Filipe. Interpretação: Carlos Mourato, Carlos Santos, Carmen Mendes, Clara Joana, Fernanda Coimbra, Helena Félix, José Brás, Luísa Ortigosa e Vítor Hugo.

Em últimas, o maior êxito do TEL nestes últimos anos.

O melhor do mundo

Rua Alexandre Herculano, 70

Tel. 68 63 00

(Sábados e domingos, às 16.00)

Ó Mãe Deixa-me Ir Ver as Outras Mães. Encenação: Ana Mourato e Suzete Bragança. Interpretação: Ana Mourato. Grupo Joana.

Como todos os espectáculos deste grupo: a não perder.

COMUNA

Sala 2

Sábados e domingos, às 15.00

Os Cágados, de Almada Negreiros. Encenação: João Brites. Interpretação: Antónia Terrinha, Cândida Ferreira, Paulo Só, Jorge Laurentino e Paulo Eloy. Grupo O Bando.

Um dos melhores espectáculos do ano.

TIL

Rua Leão de Oliveira, 1 (ao Calvário)

(Aos sábados e feriados, às 16.00)

O Canteiro Vaidoso, de Soledade Martinho Costa

(Aos domingos, às 16.00)

Graças e Desgraças de El-Rei Tadinho, de Alice Vieira.

Dois espectáculos para os mais jovens. A não perder.

Margens

RDP-Programa 2

(Sexta, 29, às 21.30; segunda, 2-12, às 11.30)

Dicionário Sonoro do Teatro - fasc. 20. **Encenador e Encenação**. Depoimentos de Fernanda Lapa, Filipe La Féria, etc.

RTP-2

(Segunda, 2-12, às 20.30)

Rei Lear, de William Shakespeare. Encenação de Giorgio Strehler. Piccolo Teatro de Milano. II parte.

Quem viu a primeira parte, não precisa de recomendações. Quem não viu pode ver esta, com as dúvidas inerentes.

P.S. - Não se entende muito bem, não se entende mesmo nada, por que a RTP dividiu a transmissão do filme com o **Rei Lear** em duas partes transmitidas com uma semana de intervalo, o que significa um corte irremediável na sequência do espectáculo, como é óbvio. Se a transmissão se tivesse iniciado às 20.00, como fora anunciado, poderia terminar antes da meia-noite, hora que para a nossa televisão é perfeitamente normal, como se sabe. Bem sabemos que desse modo pudemos ver os cantares e as danças de Paredes, o que no mínimo nos fez voltar à nossa infância.

cia. Mas era o Shakespeare que esperávamos, não o vira de Entre Douro e Minho.

Teatro da Cornucópia

O espectador de **Páscoa**, actualmente em cena, tem direito a várias surpresas agradáveis: obras na casa, cadeiras confortáveis, a oferta de um postal com a reprodução a cores do quadro de Arnold Böcklin, **A Ilha dos Mortos**, donde Strindberg partiu para o seu fragmento dramático (ele tinha uma reprodução da pintura numa parede do seu Teatro Íntimo). Melhor do que tudo isso, é um folheto, graficamente agradável, em que o espectador é informado sobre o trabalho do grupo nesta temporada: títulos, autores (Strindberg e Wycherley), datas aproximadas das estreias. Além disso notas sobre os dramaturgos e sobre o grupo. Uma coisa simples mas bonita de se ver, funcional e útil. É assim que se trabalha, claro. Ao fazê-lo o Teatro da Cornucópia não faz mais do que a sua obrigação. É pena que só agora possa cumprir essa obrigação, certamente ainda com dificuldades. Ou seja, é pena que só agora o Estado cumpra a obrigação de apoiar melhor um grupo como este. Só lamentamos que aos outros grupos, na sua maioria, os apoios sejam ainda mais escassos. De qualquer maneira, esta coisa modesta que é este folheto, com o seu recado, representa um salto qualitativo no nosso teatro. Até parece impossível...

A lei do teatro

Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos - anexo (legislação complementar e convenções internacionais) - por Luiz Francisco Rebello.

TEATROTEATROTE

Edição da Livraria Petrony - Lisboa 1985

Como se sabe, este Código, melhor, o projecto proposto pelo governo PS/PSD, foi motivo de uma grande luta que teve por palco a Assembleia da República. No centro dessa luta esteve Luiz Francisco Rebelo, deputado, convidado pelo PCP que pôs os seus vastos conhecimentos, a sua tenacidade, a sua inteligência e a sua lucidez ao serviço da defesa dos direitos de autor. Como diz o organizador deste volume, «dois terços do articulado sofreram modificações, quer estas fossem de natureza puramente gramatical ou terminológica, quer incidissem sobre o conteúdo». Isto clarifica até que ponto foram importantes os debates que decorreram no Parlamento. O resultado é precisamente este volume de cerca de 500 páginas, obra que tem incidentemente a ver com o teatro, como se compreende. Por isso se dá aqui a notícia.

Sublinhados

Damos connosco mais uma vez a definir a vida, a fazer do teatro o grande teatro do mundo e a colocar Deus e o Homem, a morte, no centro da questão. Isto pensávamos quando representávamos Ricardo III. Isto pensamos afinal sempre. E de cada vez que, a uma semana de cada nova estreia, interrompe as subidas e descidas da escada para focar os projectores, as últimas provas de guarda-roupa, a comoção com o único minuto do espectáculo que julgo já conseguido, a fúria com os atrasos na preparação do programa, a lista dos convites, o orgulho do trabalho que fizemos, e me sento para escrever este texto, é perante toda a vida que me sento. (...) De cada vez que tento contar-me e contar-vos o que fazemos escrevo afinal mais uma página de um diário que retomo 2, 3, 4 vezes por ano, sempre a mesma confissão, um «diário oculto» que se oferece em espectáculo de cada vez que estreamos. A vida parou? Estamos num túmulo? Talvez. Estamos naquela zona em que a vida se interrompe para fazer o balanço. Pensamos que o teatro é isso. É por essa porta que escolhemos sempre o repertório. (...) Mais uma vez damos connosco a encenar o próprio acto teatral em substituição da vida. A falar da morte. Como se em cada espectáculo só houvesse sempre o mesmo para dizer, como se o nosso único cuidado fosse reinventar o processo, ver-nos ao espelho. Falamos muitas vezes de moral. Afinal é isso sempre. Só trabalhamos a atitude, o processo (...)

«As pessoas fazem mal em ter segredos», diz Eleanor. Conto-vos um que descobrimos outra vez ensaiando Páscua: a única maneira de nascer verdade de personagens destas é pormo-nos mesmo em cena, representar, expor, o falso afecto que lhes temos. Dizemo-nos iguais a elas. Inventamo-nos como máscara. Damos-nos em espectáculo. Escondemo-nos atrás de personagens no que de mais íntimo há em nós. Para que exista de verdade a única coisa para que trabalhamos, uma relação verdadeira com o público, a sinceridade, a transparência. Já não fala de mal-estar. É a condição humana. (Luís Miguel Cintra. Programa de Páscua. Teatro da Cornucópia).

MÚSICA

«Mahagonny» de novo no S. Carlos

«Mahagonny» volta a subir à cena no Teatro de S. Carlos nos dias 6 e 9, pelas 20.30, e no dia 8, pelas 16 horas. A importância deste espectáculo já tem sido aqui assinalada por diversas vezes, mas não é demais sublinhá-la. Na verdade, foi a primeira vez que o teatro funcionou como estrutura produtiva, isto é, criou e preparou, ao longo de um trabalho sério e prolongado, todas as componentes da representação. Abandonou-se aqui a «praxis» italiana que relega para segundo plano os aspectos teatrais e tende a colocar todo o aparelho ao serviço da componente vocal ou, quando muito, musical. Para se alcançar unidade, coerência, consistência **músico-teatral** é necessário partir da concepção da ópera **essencialmente como teatro** — teatro no qual **tudo** (incluindo naturalmente a música e a realização vocal) tem de ser apurado e aperfeiçoado numa perspectiva de eficácia global da representação. Esta é alcançada quando há verdadeiras personagens em cena, quando as situações dramáticas resultam convincentes, quando todo o espectáculo induz o espectador a concentrar-se mais na acção e na problemática que nela se debate do que — como é tradicional na ópera — em aspectos fragmentários e superficiais relativos à voz ou à presença cénica de tal ou tal cantor, ao maior ou menor requinte de cenários e guarda-roupa, à musicalidade de tal ou tal aspecto da execução. Quando se fica por este nível de leitura é porque o espectáculo não chegou a impor-se no seu todo como **teatro**. O S. Carlos não se encontra ainda dotado de meios que lhe permitam produzir todos os espectáculos seguindo o estilo de trabalho da «Mahagonny», mas é

preciso — e está certamente nas intenções da actual direcção — ir alargando esse estilo a novas produções e criar gradualmente um repertório em língua portuguesa capaz de representar condignamente e com ampla repercussão sociocultural **a nossa maneira de fazer teatro musical**. Para além da criação de estruturas e formas de articulação do trabalho global que não existem institucionalizadas e por isso acarretam uma enorme perda de energia em meios pessoais e materiais (isso verificou-se precisamente na «Mahagonny», onde, não obstante meses de ensaios, houve necessidade de trabalhar muitas vezes a «marchas forçadas» até às tantas da madrugada...), é indispensável pensar-se na redução do repertório inscrito na rotina italiana tradicional em benefício de mais espectáculos **cnativos** que mobilizem realmente o S. Carlos como estrutura produtiva. Menos espectáculos, mas mais consistentes, menos «consumismo vocal» e mais **teatro** — tendendo para um modelo em que a Companhia Residente assegure todo o repertório, alargando-o e renovando-o constantemente, e em que o necessário intercâmbio com o estrangeiro se traduza na visita de companhias estrangeiras completas — a que então estaremos em condições de corresponder. Caminhar para este modelo implica, além do mais, conceber as temporadas a partir dos cantores que temos e do desenvolvimento das suas faculdades musical e, é claro, entregar a direcção cénica desses espectáculos a gente competente que os prepare com rigor, honestidade e eficácia no espírito do **teatro musical**.

M.V.C.



José Fanha



João Lourenço

Jazz em Évora



Pedro Barroso



Fausto

QUINTETO DAVID GAUSDEN

O Quinteto de David Gausden apresenta-se, amanhã, em Évora, numa iniciativa do FAOJ, onde tocará música de jazz do pós-guerra. David Gausden, para além dos músicos com quem trabalha mais regularmente, os jovens Jorge Reis e Sérgio Pelágio e o mais veterano Carlos Vieira, convidou um outro músico experientado Tomás Pimentel. Fica assim constituída a formação do jazz be-bop com dois sopros, trompete e sax alto e secção rítmica.

Mais propriamente uma formação semelhante a dos quintetos célebres de Charlie Parker e Dizzy Gillespie.

Évora será palco, no dia 30, do quinteto constituído por Tomás Pimentel, no trompete, Jorge Reis, no sax alto, Sérgio Pelágio na guitarra, Carlos Vieira, na batena e David Gausden, no contrabaixo.

MLER IFE DADA

Os vencedores do primeiro concurso de música moderna do Rock Rendez-Vous actuam, naquele espaço, hoje à noite. Haverá também um vídeo dos Thompson Twins

PEDRO BARROSO

Hoje, pelas 21.30 horas, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, actua com a colaboração de Maria Guinot.

HELGE SCHNEIDER E ORCHESTR

As Noites Longas são hoje palco para o grupo alemão de jazz e não só.

GNR

No dia 30, os autores de «Dunas» fecham o Festival Nacional de Nova Música Rock, no Pavilhão Infante Sagres, no Porto.

XUTOS E PONTAPES

Amanhã, realizam espectáculo, no clube recreativo das Caldas da Rainha, Os Pimpões.

RADIO MACAU

Também actuam no mesmo clube recreativo, em conjunto com os Xutos, no dia 30.

FAUSTO

Hoje e amanhã, Fausto efectua dois espectáculos ao vivo, apresentando «O Desesperar dos Alquimistas», no Teatro Rivoli, no Porto.

RÁDIO

Pessoa na Comercial

A Rádio Comercial anuncia uma maratona cultural para este sábado: das treze à uma da madrugada Fernando Pessoa será o tema exclusivo da emissão do FM da Comercial. Tais maratonas costumam realizar-se somente a propósito de grandes acontecimentos: as eleições, a chegada à Lua, a visita do Papa, etc. Bom é que sauda a memória do nosso maior poeta deste século seja afinal olhado como grande acontecimento.

Sou de uma geração que estudou Pessoa no liceu, mas de uma forma superficial e quase «em passant». Desse estudo ficou-me somente a memória de um poeta que assinava com vários nomes (tais heterónimos) e pouco mais. Só mais tarde, já adulto, comecei a conhecer o poeta, o significado da sua obra e a solidez dos personagens que deram vida à(s) sua(s) poesia(s).

Enquanto a televisão se «fecha em copas», a Rádio avança no conhecimento do homem, da sua vida e da sua obra. E esta maratona surge como o corolário do destaque que a Comercial tem dado a Pessoa: colóquios semanais, leitura de poemas à saída dos noticiários.

Com mais esta iniciativa a Comercial consolida o seu prestígio e a sua imagem de marca, e mostra-nos, mais uma vez, compreender os fenómenos culturais que atravessam a sociedade portuguesa, as suas referências históricas e o seu peso no nosso imaginário colectivo.

«Na Rádio Comercial, Novembro é mês de Pessoa». Magnífico «slogan», boa concretização, trabalho a aplaudir entusiasticamente.

Rui Cartaxo

RÁDIO COMERCIAL

SALTO CONDICIONAL — Aos sábados, das 21 às 22, em FM Estéreo; Realização de Júlio César, Vítor Pombal e Humberto Boto.

Trabalho meritório da divulgação do mundo dos computadores e mais genericamente das tecnologias da informação.

COUNTRY MUSIC, MÚSICA DA AMÉRICA — Aos domingos, das 10 às 11, em FM Estéreo; realização de Jaime Fernandes.

A divulgação, por quem sabe, da música country — música de cow-boys e salões, música da terra e do amor.

OS CANTORES DO RÁDIO — Aos domingos, das 11 às 13, em FM Estéreo; Realização de José Nuno Martins.

Um magnífico indicativo, a passagem da música que discute o mundo dos privilégios na nossa Rádio, uma apresentação atraente e exuberante roçando muitas vezes o cabotismo.

PROGRAMA DA MANHÃ — Às 3.ª e 5.ª, das 7.30 às 10, em FM e Onda Média, Realização de Herman José.

Uma onda avassaladora de gozo, de nonsense, de gags corrosivos e demolidores, uma autêntica palhaçada, no sentido nobre do termo.

RÁDIO RENASCENÇA

OCEANO PACÍFICO — De 2.ª a 6.ª feira, das 22 às 24, em FM Estéreo; realização de João Chaves.

«Noite tranquila» de música «soft» para embalar o sono dos ouvintes.

JORNAL DA MEIA-NOITE — Diariamente, das 0 às 0.20, em FM e Onda Média; edição e realização de Miguel Lemos.

A informação para além da notícia e do comentário, recorrendo à reportagem e ao depoimento, uma informação viva portanto!

ULTRA-SOM — Aos do-

mingos, das 20 às 21, em FM Estéreo; Realização de Amílcar Fidelis.

A música nova, normalmente ainda não editada por cá, para além da moda e dos «tops».

CEM MAIS — De 2.ª a 6.ª feira, das 14 às 19, em FM Estéreo; Realização de João Vaz, Luís Loureiro e Miguel Cruz.

Ou a surpresa do êxito, nesta estação, dos U2, dos Simple Minds, de Bruce Springsteen e alguns outros normalmente «afastados» das pistas de dança e dos «tops».

RDP

«PASSEIO DAS VIRTUDES» — Aos domingos, das 11 às 13, na Antena 1; Realização de Júlio Montenegro.

Pequenos e grandes passeios pelas curiosidades e atractivos das milhentas «aldeias» portuguesas.

VIVOJAZZ — Aos domingos, das 21 às 22, na Antena 1; PROGRAMA DE Paulo Gil com Realização de Costa Martins.

A divulgação do jazz, dos clássicos aos contemporâneos, com bom gosto e sabedoria.

MOVIMENTO — Às 3.ª e 6.ª,

das 21 às 21.30, na Antena 1; Realização de Luís Garlito.

Magazine de artes, letras e espectáculos que consegue «agarrar» o essencial, sem desperdícios ou futilidades.

HISTÓRIAS DA MÚSICA... E OUTRAS — Aos sábados, das 20.40 às 21.10, no Programa 2 (repete às 2.ª às 13.30); Programa de António Cartaxo, com Realização de José Manuel Gonçalves.

Continuação do ciclo dedicado ao nacionalismo na música erudita, esta semana com Béla Bartók, a sua pátria (Hungria) e a sua música.

TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TELEVISÃO TEL

SÁBADO, 30

RTP-1

11.30 - Tempo dos Mais Novos

«Caçadores de Gatos», «Vidas em Perigo», «O Cão Vagabundo», «Era uma Vez o Espaço» e «Jornalinho».

14.00 - Dar e Receber

IVA. O que é esse imposto, como funciona, que actividades estão abrangidas. Neste programa, tratar-se-á da formação e marcação dos preços sobre o valor acrescentado.

14.25 - Os Três Dukes

15.25 - Desenhos Animados

Série Sport Billy.

15.00 - Panorama

Insetos ameaçados

16.30 - O Mundo Maravilhoso de Walt Disney

17.30 - O Dia em Que o Mundo Mudou

Em 1085, tropas cristãs conquistaram a cidade de Toledo aos muçulmanos e descobriram manuscritos científicos e filosóficos da Grécia Clássica há muito tempo esquecidos. Escrito e produzido por James Burke.

18.15 - O Louvre

A história de Roma contada através dos monumentos.

19.05 - Parlamento

A síntese dos trabalhos parlamentares.

19.45 - Totoloto

20.00 - Telejornal

20.30 - O Tempo

20.35 - A Grande Barraca

Num dia particularmente atarefado, morre um hóspede em Fawcett Towers. Para descobrir o quarto, que é preciso, Basil decide guardar o cadáver no cesto da roupa suja...

21.15 - 50 Anos Depois de Pessoa

Do nascimento, do largo de S. Carlos, em 1888, até à morte no hospital de S. Luís, em 30 de Novembro de 1935: o retrato de uma vida que legou à Literatura Portuguesa uma das suas obras mais importantes. Apresentados por António Mega Ferreira e Carlos Oliveira Santos. 50 minutos em que se evoca a vida e a obra do autor de «Tabacaria», no dia em que se cumprem 50 anos sobre a sua morte: os heterónimos, as posições políticas, a geração de «Orpheu», as cartas de amor, o esoterismo, «Mensagem».

Poemas: «O Sino da Minha Aldeia», «Lisbon Revisited», «Tabacaria» (excertos), e uma passagem do «Livro do Desassossego» ditos por João Perry, «Liberdade» dito por João Viçarel, Poema VIII de «O Guardador de Rebanhos», dito por Maria Betânia.

22.00 - Aplauso

Com João Braga.

22.55 - Último Jornal

23.05 - Sábado Especial

Ciclo «Fases do Terror» com «A Loja dos Horrores»: ver destaque aos filmes da TV.



«Jogo Mortal»

RTP-2

18.30 - Troféu

20.00 - Animação

«O Pesadelo de Um Desenhador», «Buddy dos Macacos» e «Os Patos Ditadores».

20.30 - O Tempo das Catedrais

21.30 - O Jogo Mortal

22.35 - Todas as Cartas de Amor são Rídiculas

«Cartas de Amor de Fernando Pessoa»: Das cartas de amor de Fernando Pessoa enviadas a D. Olívia Queirós (ainda viva), e de um depoimento confessional da própria, bem como da apresentação do heterónimo Álvaro de Campos que aparece como individualidade própria, Dórdio Guimarães, autor do argumento, realizou o telefilme que hoje teremos oportunidade de assistir.



«Portugal Passado Presente»

DOMINGO, 1

RTP-1

10.30 - 70 x 7

11.00 - Missa de Domingo

12.00 - Tempo dos Mais Novos

«Fábulas da Floresta Verde» e o «O Sítio do Pica-Pau Amarelo».

13.00 - TV Rural

13.30 - Tempo dos Mais Novos

«O Maestro e Companhia», «Zarabadi» e «Arco-Iris».

15.00 - Tarde Cinema

«Uma Mulher no Inferno»: ver destaque aos Filmes da TV.

17.00 - A Amazônia de Cousteau

A expedição do século, no episódio de hoje.

18.00 - O Outro Lado da Crise

«Se para tanto nos chegar... engenhos e arte».

19.00 - Top Disco

19.50 - Como, Quem e Porquê?

Sabe distinguir uma nota verdadeira de uma falsa?

20.00 - Telejornal

20.30 - O Tempo

20.35 - Portugal, Passado, Presente

Último programa de Lagoa Henriques, com a memorização dos itinerários percorridos por terras do Baixo Alentejo.

21.00 - Badarossissimo

Com a participação especial de Adelaide Ferreira.

22.00 - Domingo Desportivo

23.00 - Último Jornal

RTP-2

19.30 - Novos Horizontes

20.00 - Adágio

Obras de Chopin e Liszt.

21.15 - Nós por Cá

A ilha de Armona, em Olhão.

21.30 - Cine-Clube

«O Mistério de Oberwald»: ver destaque aos Filmes da TV.



«A Amazônia de Cousteau»

SEGUNDA-FEIRA, 2

RTP-1

12.00 - Notícias

12.05 - Espaço 12/13

12.45 - Notícias

13.00 - Origens

13.35 - Ciclo Preparatório TV

18.00 - Tempo dos Mais Novos

«Volta ao Mundo com Willy Fog» e «Calimero».

18.35 - Notícias

18.50 - Desportivamente

19.15 - «A revolução Liberal

«Os Mártires da Pátria»

19.55 - O Livro Grande de Petete

20.00 - Telejornal

20.30 - O Tempo

20.35 - Louco Amor

21.15 - Imagens em Movimento

O primeiro mago do cinema: um senhor chamado Georges Méliès...

21.50 - Actual

22.50 - O Homem Invisível

O Homem Invisível relata a um amigo os passos científicos para a descoberta da invisibilidade.

23.20 - Último Jornal

RTP-2

19.30 - Desenhos Animados

«Heathcliff» e «Marmaduke»

20.00 - Viana do Castelo - A Cidade

20.30 - Noite de Teatro

«Rei Lear» de William Shakespeare (segunda parte)

22.30 - Jornal da Noite



«A Revolução Liberal»

TERÇA-FEIRA, 3

RTP-1

12.00 - Notícias

12.05 - Espaço 12/13

12.45 - Notícias

13.00 - Origens

13.35 - Ciclo Preparatório TV

18.00 - Tempo dos Mais Novos

«Bell e Sebastião» e «Calimero»

18.35 - Notícias

18.50 - A China em Marcha

A vida cotidiana na China, através de uma radiografia da rua Minus Eighteen.

19.55 - O Livro Grande de Petete

20.00 - Telejornal

20.30 - O Tempo

20.35 - Louco Amor

21.15 - Imagens em Movimento

O primeiro mago do cinema: um senhor chamado Georges Méliès...

21.50 - Actual

22.50 - O Homem Invisível

O Homem Invisível relata a um amigo os passos científicos para a descoberta da invisibilidade.

23.20 - Último Jornal



«Alemanha, Mãe Pálida»

RTP-2

19.30 - Desenhos Animados

«O Mascarião»

20.00 - Videopolis

Alphaville, Nik Kershaw, Gang of Four, Any Trouble e outros grupos de música rock em «enlatados» a que se dá o nome de «video-clips».

20.30 - Falar de Macau

21.00 - Sessão das Novas

«Alemanha, Mãe Pálida»: ver destaque aos filmes da TV.

22.30 - Jornal da Noite

QUARTA-FEIRA, 4

RTP-1

12.00 - Notícias

12.05 - Espaço 12/13

12.45 - Notícias

13.00 - Origens

13.35 - Ciclo Preparatório TV

18.00 - Tempo dos Mais Novos

«Cum, o Gatinho Branco» e «Calimero»

18.35 - Notícias

18.50 - Trânsito

19.20 - Telemundo

19.55 - «O Livro Grande de Petete

20.00 - Telejornal

20.30 - O Tempo

20.35 - Vamos Jogar no Totobola

20.45 - Louco Amor

21.30 - Noite de Cinema

«Marcado pelo Ódio»: ver destaque aos filmes da TV.

23.30 - Último Jornal



«Noite de Cinema»

RTP-2

19.30 - Desenhos Animados

«As Misteriosas Cidades do Ouro»

19.50 - Artistas Portugueses

Martins Correia, um escultor vivo e significativo da sua geração.

20.30 - A História Secreta do Petróleo

Apesar da guerra da Argélia, a França conseguiu instalar importantes unidades petrolíferas no Sara que depois dos acordos de Evian passaram a ser controladas pela Argélia.

21.30 - Foi Exito na TV

Hoje, José Cid.

22.30 - Jornal da Noite

QUINTA-FEIRA, 5

RTP-1

12.00 - Notícias

12.05 - Espaço 12/13

12.45 - Notícias

13.00 - Origens

13.35 - Ciclo Preparatório TV

18.00 - Tempo dos Mais Novos:

«As Aventuras de Marco Polo» e «Calimero»

18.35 - Notícias

18.55 - Curso de Inglês

19.20 - Desporto

19.55 - O Livro Grande de Petete

20.00 - Telejornal

20.30 - O Tempo

20.35 - Louco Amor

21.15 - «Crime, disse ela»

Uma famosa actriz da Broadway projecta o regresso ao palco, depois de muitos anos de afastamento...

22.15 - Programa da Direcção de Informação

23.30 - Último Jornal

RTP-2

19.30 - Desenhos Animados

«Recruta Bailey»

20.00 - Conheça Melhor

As Reservas Naturais, factor de manutenção dos equilíbrios ecológicos: o exemplo da Checoslováquia.

20.30 - «Horizontes de Glória»

O coronel Raynor fica em posição delicada quando tem de depor sobre a segurança de um novo avião desenhado por um dos seus maiores amigos...

21.30 - Da... música

Concerto para a paz de Hiroshima, transmitido da Ópera de Viena, sob a direcção de Leonard Bernstein.

23.20 - Jornal da Noite



«Horizontes de Glória»

SEXTA-FEIRA, 6

RTP-1

12.00 - Notícias

12.05 - Espaço 12/13

12.45 - Notícias

13.00 - Origens

13.35 - Ciclo Preparatório TV

18.00 - Tempo dos Mais Novos

Animação: com «O Passaro Anti-Voo» e «Calimero»

18.35 - Notícias

18.50 - Documentário

19.30 - O Mar e a Terra

Cores africanas: Senegal, Dacar, Leopold Senghor...

19.55 - O Livro Grande de Petete

20.00 - Telejornal

20.30 - O Tempo

20.35 - Louco Amor

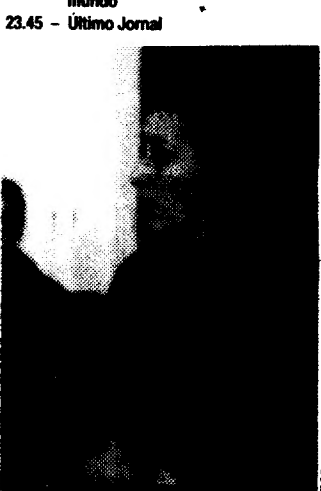
21.15 - Europa...

21.45 - Duarte & C.

Primeiro episódio: o roubo dos planos da pólvora.

22.40 - Televisão - a caixa que mudou o mundo

23.45 - Último Jornal



«Duarte & C.»

RTP-2

19.30 - Desenhos Animados

«Ferdyn»

20.00 - Medicinas Alternativas

20.30 - Godard 6x2

21.30 - Directo2

22.30 - Jornal da Noite

OS FILMES DA TELEVISÃO

O MONSTRO DA LAGOA NEGRA
de Jack Arnold (EUA-1954)

No decurso de uma expedição na Amazônia, um grupo de cientistas vai perturbar no seu refúgio submarino uma criatura aterrorizante, coberta de escamas. O monstro interessa-se apenas por Kay, a única mulher do grupo, que acaba por raptar.

Este filme, onde o fantástico e o erotismo discreto se conjugam, foi uma das grandes apostas da máquina de fazer dinheiro que era a produtora «Universal», nos anos 50. O investimento declarado no espectáculo, a ousadia de arriscar em experiências novas, foram bem compensadas neste filme em 3 Dimensões, e um dos poucos existentes nesse formato susceptíveis de passar em televisão.

A realização de Jack Arnold, um dos mestres do cinema fantástico, é extremamente inventiva, com soberbas sequências aquáticas e momentos teatrais. Jack Arnold (nascido em 1916), dirigiu alguns dos mais memoráveis filmes fantásticos e de ficção científica gozando de enorme apreço crítico pelo seu trabalho em filmes extremamente imaginativos, ousados... e rendosos.

Interpretes: Richard Carlson, Julie Adams, Richard Denning, António Moreno, Nestor Paiva.

Duração: 79 minutos.
(Sexta-feira, às 23.35h, na RTP)

A LOJA DOS HORRORES
de Roger Corman (EUA-1960)

Seymour Krelboin é um jovem e desastrado empregado de um florista, que apenas não o despede porque a sua filha, Audrey, está apaixonada por ele. Mas Seymour é inventivo, e cria uma estranha planta, cruzamento de várias outras, a que chama ternamente Audrey Jr. Mas esta preciosidade, que se exprime pedindo comida e cresce rapidamente a ponto de ser candidata a um prémio, tem um peculiaridade embaraçosa: alimenta-se de sangue humano.

Não se pode dizer que todos os filmes de Roger Corman sejam obras-primas dignas de figurar no livro de ouro da sétima arte. Mas nenhum deles, mesmo o mais modesto, é desprovido de interesse. A sua obra distingue-se por uma sensibilidade incontestável, pela capacidade de adaptação aos meios de que dispõe, e pela ausência de pretensões. Os seus filmes permanecem como testemunho de um profissionalismo deliberadamente artesanal que floresceu em certo período do cinema americano.

Interpretes: Jonathan Haze, Jackie Joseph, Mel Welles, Jack Nicholson, Dick Miller, Myrtle, Leola Wendorf.

Duração: 70 minutos.
(Sábado, às 23.05h, na RTP/1)

O MISTÉRIO DE OBERWALD
de Michelangelo Antonioni (Itália-1980)

Uma história trágico-romântica filmada por Antonioni usando as larguíssimas hipóteses cromáticas do vídeo, transfigurando o cinema, apaixonadamente.

Aindano não muito exibido na RTP, O mistério de Oberwald volta, incluído no ciclo Antonioni, mas creio que ninguém se lamenta.

Interpretes: Mónica Vitti, Franco Branciaroli, Luigi Diberti, Elisabetta Pozzi.

Duração: 123 minutos.
(Domingo, às 21.05h, na RTP/2)

ALEMANHA MÃE PÁLIDA
de Helma Sanders-Brahms (RFA-1979/80)

Abordagem do mal-estar (endêmico?) da nação alemã, esta fita decorre nos anos do nazismo e do pós-guerra e vai ser, para a larga maioria dos telespectadores, a revelação de uma singular cineasta da RFA.

As terças-feiras, na RTP/2, continuam a ser preciosas.
Interpretes: Eva Mattes, Ernst Jacobi, Elisabeth Stepanek, Angela Thomas.

Duração: 145 minutos.
(Terça-feira, às 21h, na RTP/2)

MERCADO PELO ÓDIO
de Robert Wise (EUA-1956)

A história de um miúdo semimarginal que se torna campeão do mundo de boxe. Baseado na biografia de Rocky Graziano, Mercado pelo ódio é um dos dois «filmes de boxe» notáveis realizados por Wise, um cineasta desigual mas em cuja carreira afloram um punhado de sólidas fitas. Esta é uma delas.

Interpretes: Paul Newman, Pier Angeli, Everett Sloane, Sal Mineo.

Duração: 112 minutos.
(Quarta-feira, às 21.20h, na RTP/1)



«O Monstro da Lagoa Negra»: experiência em 3-D, esta noite na RTP-1

EXPOSIÇÕES

Arte como D

Arte como democracia. Não! Arte como descentralização. Não! Estou embaraçado para escrever o que pretendo. É que penso que a arte deve emergir do maior número e a esse número maior deve estar logicamente ligada.

Comecei mal e por causa! O conceito de arte está chupado até ao osso e resvala numa boa quantidade de contradições. Quanto ao conceito de democracia... sabem melhor do que eu. Começar um texto com dois conceitos esqueléticos, pelo menos seria mau agouro para o resto. Voltei-me para a descentralização, o que é atitude acertada e um grande disparate também. Disparate porque, nos acontecimentos artísticos, o cotejamento entre as obras e o ombro a ombro dos artistas são condições impenosas para a permanente vivificação das correntes artísticas. Tal tipo de confrontação exige uma forte centralização; exige pontos nodais onde «as coisas acontecem». No entanto, se a arte deve emergir do maior número, isso quer dizer que deve ter a possibilidade de surgir de qualquer ponto. E é aqui que o conceito de descentralização se afirma.

■ **AUGUSTO BARROS**
Alliance Française, R. Braamcamp, 13, 1.º, 2.º a 6.º, 9-13 e 14-19.30 (até 29/11).

■ **GIL TEIXEIRA LOPES**
Galeria de São Bento, R. do Machadinho, 1, 11.30 - 13 e 15 - 20.30, excepto domingo (até 30/11).

■ **GUDRUN STRITZKE**
Ocarina, Trav. do Poço da Cidade, 20 - 3.30 excepto domingo (até 30/11).

■ **INTERGRAVURA 85**
Galeria São Francisco, R. Ivens, 40, 2.º a 6.º, 10 - 13 e 15 - 19. Colectiva de gravura (até 30/11).

■ **ISABEL TORRES E LARANJEIRA SANTOS**
Galeria Palma, Calçada de Palma de Baixo, 6, 14 - 20 excepto domingo. Pintura e escultura (até 1/12).

■ **MOLINA**
Galeria do Hotel Alfa, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 2.º a 6.º, 10 - 13.30 e 16 - 20, sábado, domingo e feriado, 16.20. Pintura (até 2/12).

■ **JOÃO BENTO D'ALMEIDA**
Galeria Leo, Travessa da Queimada, 48. Arquitectura, escultura e pintura (até 7/12).

■ **EDUARDO NERY**
Quadrum, R. Alberto de Oliveira, 2.º a 6.º, 10 - 13 e 15 - 19, sábado 15 - 19. Pintura e fotografia (até 7/12).

■ **PROJECTOS DE ESCULTORES**
Galeria Diferença, R. São Filipe Nery, 42, 1.º, 3.º a 6.º, 15 - 20; sábado e domingo 16 - 19 (até 7/12).

■ **ARTES EM MOVIMENTO**
Teatro Ibérico, R. de Xabregas, 15 - 20, excepto 2.ª Pintura e escultura (até 7/12).

Vejam na prática: Bienal de Vila Nova de Cerveira, Bienal de Chaves, da Arvore (Porto), do Avante (Lisboa) e, a outros níveis por enquanto, Bienal de Lagos, Prémio Roque Gameiro na Amadora e Prémio Vespereira em Montijo. Se no mapa completarmos estes com outros pontos onde se praticam exposições regularmente, estamos perante uma rede com interessante intensidade.

Talvez que nem tudo seja assim tão claro; nem sempre níveis de qualidade requeridos e nos níveis altos, quase sempre os mesmos. Mas, o que é certo, é que populações diversas começam a ser postas perante estes acontecimentos. Por força de intenções de descentralização, assiste-se ao primeiro movimento: artistas em direcção a camadas sociais diversas. Virá talvez o dia em que o retorno se processe, e esse será um bom dia.

Sinto sempre grande emoção quando vejo centenas partirem para uma prova de fundo, com ânimo e alegria e sabendo que entre eles estão atletas de alta competição. A vitória será deles, mas o prazer será de todos.

Porfírio Alves Pires

■ **MARTINS PEREIRA**
Clube 50, R. de São Mateus, 9, 1.º, 3.º a 6.º, 17.30 - 20.30; 4.º, 21.30 - 23.30; sábado, 15 - 20. Desenhos (até 11/12).

■ **JOÃO LIMPINHO**
Galeria Novo Século, R. do Século, 23-A, 2.º a sábado, 14 - 20. Escultura (até 13/12).

■ **LARRY FINK**
Módulo, Av. António Augusto de Aguiar, 56, 5.º, Ft.º, 16 - 20, excepto domingo e feriado. Fotografia (até 4/12).

■ **COLECTIVA**
SNBA, R. Barata Salgueiro, 36, 14 - 20 excepto feriado.

■ **JORTE MARTINS E J. MOLDER**
Centro de Arte Moderna, R. Dr. Nicolau Betencourt, 10 - 17 excepto 2.ª.

■ **ROGERIO RIBEIRO**
A Galeria, R. Nova da Alfarrôbera, Cascais 15 - 19, excepto 2.ª. Pintura e desenho.

■ **VESPEIRA**
Galeria Municipal, Montijo. Obra gráfica doada ao município e as colagens sobre a família. Exposição das obras concorrentes ao Prémio Vespereira.

■ **TERESA LOPES**
Posto de Turismo, Santarém. Aquarelas (até 30/11).

■ **JOSE DE GUIMARÃES**
Altamira, Av. Filipe Folque, 2.ª a 6.ª, 10 - 19; sábado 10 - 13. Exposição de Jose de Guimarães e lançamento do I volume «As Palavras da Tribo» (até 4/1).

MÚSICA-BAR

BAR CONCERTO
SOLO MIO

Rua de Santa Catarina, 14 (à Graça)
Telef. 862508

Encerra aos domingos
Sextas e sábados: Belle Dominique (espectáculo de travesti)

Segundas: António Sena (músicas dos anos 60 e 70)

Terças: Jorge Ganhão (música portuguesa e fados de Coimbra)

Quartas: Joaquim Costa (mímica) e Sérgio (música dos anos 60)

Quintas: João Santos (teatro) e César Elias e Fané (country)

BARIÉDADES

Parque Mayer
Telef. 325163

Segundas: Herman José

De terça a sábados:

Fernando Pereira e a sua banda

BAR PÉ SUJO

Largo de S. Martinho, 6 (frente ao Limoeiro)

Telef. 865629

Todos os dias: Vítor Russo, Ivone e Rubens (música brasileira)

BAR PUB CUICA

Praia Nova (Costa de Caparica)

Todos os dias: Música ao vivo

O CAMARIM

Rua Heliodoro Salgado, 47-A

Telef. 840242

Dia 29: Zé Neto

Dia 30: Jorge Lomba (música portuguesa e fado)

Dia 3: Fernando Gordilho

CASA DA LINA

Calçada de S. Vicente, 95 (à Graça)

Telef. 876654

Todos os dias: Hugo Maia e Tramagal

CLAVE DE TO

Rua do Salvador, 35

Telef. 862487

Todos os dias: Dany Silva e Paulinho Vieira

DROGARIA IDEAL

Rua do Conde, 57 (às Janelas Verdes)

Telef. 661277

Sextas e sábados: Miguel e Daniel (música brasileira)

Domingos: Pedro e João (espectáculo de magia)

Quintas: Mila Ferreira (canções francesas), acompanhada ao piano por Rui Moura

GAFIEIRA

Calçada do Tijolo, 8

Telef. 325953

Todos os dias: Banda do Roda Pé

HÁ FESTA NA MOURARIA

Largo do Terreirinho, 21

Telef. 873444

Dia 29: Helder e João Xavier (música portuguesa e fado)

Dia 30: Pedro d'Orey e Pedro Palha (música anglo-saxónica e brasileira)

HOT CLUBE DE PORTUGAL

Praça da Alegria, 39

Telef. 367369

Dias 29 e 30: Fredo Mergner, Telmo Palmas e João Maló

HIP PUB

Rua Antero de Figueiredo, 6-F

Telef. 804977

Sextas: Augusto Ricardo

Sábados: Helder

Segundas: Abel de Melo (fado vadio)

Terças: Silvestre Fonseca

Quartas: Zeca e Nelson

Quintas: Paula Duque

INDA A NOITE É UMA CRIANÇA

Praça das Flores, 8

Telef. 663545

Terças, quintas e sextas:

Jorge Lomba (música portuguesa)

Quartas e sábados: Susan Court (country) e Rui Rocha (música portuguesa)

Segundas: Rui Rocha

MR. PICKWICK PUB

Av. Biarritz

(Estoril)
Telef. 2686726
Todos os dias: Luis Gonzaga e Slouv

MUSAICO

Travessa da Pereira, 43 (ao Largo da Graça)

Telef. 860306

Sextas: Reinaldo (música brasileira)

Sábados: Luis Casanova (música anglo-americana dos anos 70)

Quartas: Michel (acordeão e sapateado) e Mila Ferreira (canções de Edith Piaf)

Quintas: Bill e Milly (música afro-brasileira)

99 DA BARROCA

Rua da Barroca, 99

Telef. 368194

Encerra aos domingos

Sextas: Mila Ferreira e Rui Moura

Sábados: Steve e Zé João

PALPITA-ME PUB

Rua das Janelas Verdes, 102

JOÃO DE FREITAS BRANCO

Fala hoje, sexta-feira, dia 29
às 21.30 horas na:

Associação Portugal-RDA, na Praça José

Fontana, 17-4.º, sobre Bach, Häendel e

Schütz. Tem filme e música gravada.

Segundo álbum

As cores de António Pinho Vargas

A princípio é a «Dança dos Pássaros», há também «Olhos Molhados» ou um «Fim de Tarde». Ao todo são oito temas, cada um com uma cor, um aroma. São as «Cores e Aromas» de António Pinho Vargas. um músico de uma sensibilidade e talento raro e, como ele próprio diz, autor de uma «música muito melancólica».

«Cores e Aromas» é o novo Lp de António Pinho Vargas, que surge quase três anos depois de «Outros Lugares». O músico explica a razão: «Tinha feito com a Polygram um contrato disco a disco, por isso não havia garantia de gravar o segundo. Fui esperando, até que um dia vim a Lisboa, para resolver o assunto».

Por outro lado, há um tempo de maturação entre duas obras. «Só senti uma forte motivação para vir cá, quando já tinha um trabalho para apresentar. Para mim, tem de haver um certo tempo entre dois discos. A maioria das pessoas faz discos demasiado próximos uns dos outros. Aplicam a mesma receita. Prefiro deixar que as coisas aconteçam calmamente».

Chegou a Lisboa e fez contrato com a Valentim de Carvalho. «Foi imediata a receptividade desta editora, que teve uma atitude muito diferente de outra relativamente ao meu trabalho. Aqui aceitam-me como músico da área instrumental. Disseram-me logo: os discos que podes vender não são significativos para nós, mas gostamos de ter no nosso catálogo. Isso põe-me mais desconfiado. Na outra editora disseram-me que o projecto seria mais interessante se tivesse violinos».

O pianista e compositor refere-se às semelhanças e diferenças entre as duas obras. «Outros Lugares» tinha quatro ou cinco caminhos possíveis de desenvolver. «Cores e Aromas tem menos direcções. Preciso-se de uma orientação num determinado sentido. Afastei-me ainda mais do jazz tra-

dicional, embora esteja mais perto da formação de quarteto. Todos os temas são mais desenvolvidos».

Uma das diferenças nítidas é a improvisação. «No outro disco não havia solos, enquanto neste todos os temas têm improviso». Há um tema dedicado ao Coltrane — «Atmosfera» — em que as referências são do ponto de vista da atitude, da seriedade com que encara a música. «O Coltrane foi o introdutor da atitude modal».

O disco abre com «A Dança dos Pássaros». «Foi o primeiro tema que compus a seguir ao outro disco. Começamos a trabalhar nele há dois anos e só um mês antes da gravação é que lhe encontramos a solução. A partir da mesma célula melódica, seguimos um processo harmónico diferente. Isto é vulgar na música clássica. Utilizo o sintetizador como substituto orquestral».

«Gente Estranha está escrito em si menor, que me é caro. O que me fascina nele é a ambiguidade da harmonia. Cria-se uma certa tensão de improvisação. A sucessão de acordes é engenhosa». «Da Alma» remete para o interior. Há qualquer coisa de coral, de Bach».

Os nomes dos temas são escolhidos depois destes estarem compostos. São «uma sugestão prática que serve de ponte entre as pessoas e a música». O tema «Cores e Aromas», que dá o título ao álbum, é «feito de uma sucessão de acordes que aparecem como identidades separadas, como se cada acorde fosse um aroma diferente. Achei um nome

giro para o disco porque poderá pensar-se que cada tema será também uma cor diferente. É um título sensível para uma música sensual».

«Olhos Molhados» foi composto num dia em que António Pinho Vargas estava «muito triste». Como quase todos os temas é a exteriorização de um estado interior. «A minha música é muito melancólica».

«Valsa» é aquilo a que o músico chama de um título meramente técnico. «É um compasso de 3 por 4. Chopin, Schubert escreveram muitas valsas. É uma peça romântica, dedico este tema a Schuman, compositor com quem me sinto identificado. Ele era uma pessoa cheia de dúvidas. Só decidiu dedicar-se à música depois dos 20 anos, como eu. Ele escreveu artigos e assinava com dois nomes. Tinha uma espécie de divisão interior. Também sempre tive interesse em duas coisas ao mesmo tempo».

Sentidos

António Pinho Vargas estuda composição, é professor de piano clássico, tem aulas com o maestro Álvaro Salazar, é músico de jazz. «Uma das virtudes do jazz é poder integrar outros elementos, que alguns críticos mais conservadores negam ser jazz, permanecem numa discussão escolástica de saber o que é ou não é».

«A obra é a negação de toda a teoria» disse Klee, é com isto que eu concordo — afirma o pianista — aqueles que agarram uma música e a dogmatizam estão conde-

nados. É possível a interpenetração de todas as direcções musicais. Tudo acontece em todos os sentidos. Hoje um português pode ser influenciado por música indiana, um americano por japoneses».

Brevemente serão os espectáculos de apresentação de «Cores e Aromas», em Lisboa, Coimbra e Porto. «Vão ser diferentes do Jazz em Agosto, de que alguns críticos disseram que não era jazz, foi uma experiência muito original e que resultou».

A propósito de concerto, o músico fala de quatro espectáculos que fez em Outubro, na Picardie, em França, numa organização de um organismo para a juventude e cultura. «Os franceses gostaram especialmente dos temas originais. Diziam que através deles se sentia qualquer coisa da melancolia e nostalgia portuguesa».

Há uma certa portugalidade na música de António Pinho Vargas. «Um destes dias o Vitorino disse-me que podia cantar a minha música. Penso que há na verdade qualquer coisa que nos aproxima. Há muitos anos que eu pensava que ele era o cantor da área que mais gostava».

«Não procuro uma portugalidade, não estudo a música popular, limito-me a ouvi-la, se calhar, isso é o suficiente para que se sinta na minha música. Estou ligado à cultura europeia e à portuguesa, isso sente-se no que toco. Quando ouço Garbarek, sinto ali o gelo do Norte».

Edite Martins de Carvalho

DICIONÁRIO

SALVADOR, EUGÉNIO — 1

— actor

Eugénio Salvador Marques da Silva nasceu em Lisboa, a 31 de Março de 1908. Filho do cenógrafo Luís Salvador e neto do conhecido empresário e autor teatral Salvador Marques, desde miúdo que Eugénio Salvador frequenta o palco como parte do seu lar.

É, porém, o desporto que primeiro o tornará conhecido (como ponta-esquerda do Benfica), actividade que junta à frequência do Conservatório. Ainda aluno faz alguns pequenos papéis na Companhia Nacional tendo a sua estreia profissional ocorrido a 5 de Novembro de 1927, na comédia «O grão-de-bico» em cena no T. Maria Vitória.

Em 1928 está na revista («A rambóia» no T. Maria Vitória) onde irá fazer uma das mais brilhantes carreiras deste século. Em 1929 faz «Chá de parreira» (T. Variedades), em 1932 vê-

lo-emos em «Sape gato» (T. Maria Vitória) e «Areias de Portugal» (T. Politeama).

Forma uma parilha (Lina & Salvador) com sua mulher, Lina Duval, destacando-se como bailarino em diversas revistas nos anos 30 (além das já mencionadas refiram-se «Arraial» em 1933, no T. Trindade, «Mi-lho Rei» e «Anima-te Zé», em 1935, no T. Maria Vitória, «Feira de Agosto», em 1936, no T. Maria Vitória, «Chuva de mulheres», em 1937, no Eden-Teatro).

Deixa de dançar a meio da década de 40, o seu talento continua a fazer-se sentir em pequenos papéis mas seria nos anos 50 que Eugénio Salvador subiria ao topo do cartaz («O Rosa arredonda a saia», em 1952, no T. Avenida), ao mesmo tempo que o seu nome começa a constar das parcerias de autores.

Em 1953 torna-se empresário (em sociedade com Rui Martins) e, até 1961, o seu sopro de renovação, luxo, feérie e inventiva vai varrer o panorama do teatro de revista. Bem apoiado em autores como Amadeu do Vale e Anibal Nazaré, compositores como Tavares Belo e Carlos Dias, contando com a direcção plástica de Pinto de Campos, um elenco onde avultavam nomes como Humberto Madeira, António Silva, Teresa Gomes, Barroso Lopes e por onde passaram Irene Isidro, Aida Baptista, Beatriz Costa ou Bibi Ferreira e uma bem orquestrada lista de atracções internacionais (como Xiomara Alfaro, Perla Cristal ou Nancy Holloway), Salvador faz, desses nove anos, a última época de ouro da revista portuguesa. Citamos esses espectáculos, todos levados



à cena do T. Maria Vitória: 1953 — «Cantigas ó Rosa» e «Saias curtas»; 1954 — «Cala o bico» e «Como é o tempero?»; 1955 — «Festa é festa» e «Ó Zé aperta o laço»; 1956 — «O Rebolicho»; 1957 — «Curvas perigosas» e «Toca a música»; 1958 — «Abaixo as saias»; «Pemas à vela» e «Por causa delas»; 1959 — «Arraial de Lisboa», «Encosta a cabecinha e chora» e «Tudo na lua»; 1960 —

«Chá-chá-chá» e «Taco a Taco».

Neste período, Salvador dirigiu ainda três revistas no Coliseu dos Recreios (célebres pelo luxo e pela espectacularidade — «Cidade maravilhosa» em 1955, «Fonte luminosa» em 1956 e «Mulheres de sonho» em 1960) e uma comédia musical, «O João Valentão» de Amadeu do Vale, em 1957, no T. Maria Vitória.

Extinta a Companhia em 1961 (após um acidente na Covilhã onde ardeu todo o material cénico), nem por isso Salvador deixa a revista. E os seus «compêres» ainda hoje lá estão, no Parque Mayer, onde é uma figura ímpar. Algumas das revistas onde entrou nos últimos anos: 1962 — «Fórróbodo», no T. Avenida; 1964 — «Na brasa», no T. Capitólio e «Todos ao mesmo» no T. Maria Vitória; 1965 — «É canja», no T. Capitólio e «A ponte a pé» no T. Variedades; 1967 — «Pão queijo queijo», no T. Maria Vitória; 1968 — «Grande poeta é o Zé», no T. Maria Vitória; 1969 — «Esperteza salaio» e «Mãos à obra», no T. Maria Vitória; 1973 — «Ver, ouvir... e calar», no T. Maria Vitória; 1974 — «Até parece mentira», no T. Maria Vitória; 1975 — «Força, força, camarada Zé», no T. Maria Vitória; 1976 — «O bombo da festa», no T. Maria Vitória; 1977 — «Alto e pára o baile» no T. Maria Vitória.

(continua)